

## UM CONTO DE FADAS PARA ADULTOS INTRODUÇÃO

Em fevereiro deste ano, na véspera do meu 60º aniversário, entrei em meditação antes de ir dormir, como é meu costume há muitos anos. Logo entrei naquele silêncio profundo, naquele estado de quietude, segurança e paz e, então, de repente, comecei a ouvir algo dentro de mim que me dizia que estava na hora de eu começar a escrever. Fiquei me perguntando “*O que? Como? Para quem?*”... E aí, é lógico que “despertei” daquele estado maravilhoso e voltei para a minha mente objetiva, que não tinha a menor noção de como responder a todas essas questões.

Nas noites seguintes, continuei a receber o mesmo recado, às vezes acompanhado de alguma frase como “*Escreva de uma forma lúdica... Lembre-se dos jogos da sua infância... Mas não se fixe neles...*”, o que também não me ajudava muito, porque eu não conseguia encontrar um tema para desenvolver.

Até que uma noite, enquanto eu meditava, me veio uma vontade enorme de escrever! Embora sem saber o quê, peguei um bloco de anotações que sempre mantenho ao meu lado nessa hora, segurei a caneta esferográfica e falei para mim mesma: “*Vamos lá!*” E, então, como num passe de mágica, as palavras começaram a brotar aos borbotões, enquanto eu ia ficando cada vez mais surpresa com o que eu estava escrevendo.

Quando o fluxo de idéias parou, fui me deitar e dormi feliz, na certeza de que aquilo que estava querendo tanto se manifestar, finalmente havia começado a se expressar... embora de uma forma totalmente inusitada para mim.

Nos dias seguintes, isso se repetiu – de repente as idéias começavam a surgir e lá ia eu para o computador. Era muito divertido, porque eu nunca sabia o que ia escrever naquele momento. Era como se eu estivesse lendo um livro e curiosa para saber o que viria em seguida. Às vezes eu até imaginava que o enredo se desenrolaria de uma determinada maneira, mas, quando me sentava para escrever, a história começava a tomar um outro rumo, totalmente diferente e inesperado.

Esse processo durou uns dois meses e foi uma experiência muito prazerosa para mim, pois me fez reviver a minha paixão pelos contos de fadas, levando-me de volta à descontração e alegria da infância. Ao mesmo tempo, aprendi muito com essa história. Alguns conceitos, que ainda estavam um tanto nebulosos na minha mente, acabaram se esclarecendo melhor e assentando-se dentro de mim.

Então, um dia a história chegou ao fim e eu lhe dei o nome de “Um Conto de Fadas para Adultos”, porque foi assim que a senti o tempo todo.

E agora eu a ofereço a você, e quero que saiba que ela foi escrita com todo amor, do meu aspecto divino para o seu aspecto divino, para aquela parte de você que sabe que a vida não é só feita de coisas sérias, lógicas e cientificamente comprováveis; e que existe uma infinidade de potencialidades à nossa disposição, à espera que as escolhamos, para que possam se manifestar na nossa realidade.

Com carinho,  
Vera Corrêa  
22 de julho de 2006

## UM CONTO DE FADAS PARA ADULTOS Por Vera Corrêa

De repente, o silêncio toma conta de tudo... um silêncio profundo, absoluto. Tudo parece estar perfeitamente imóvel... acho que até o tempo parou!

Fico atenta... alguma coisa extraordinária está prestes a acontecer.

Então, tudo o que existe ao meu redor começa a desaparecer e vai lentamente sendo substituído por uma névoa rosada e fresca, que vai inundando todo o espaço onde me encontro – um espaço sem paredes, sem chão, sem teto... um espaço ilimitado. Estou agora flutuando nesse espaço

cor-de-rosa, e sinto-me completamente envolvida e preenchida por essa névoa, que me acalenta como a mais amorosa das mães. Abandono-me em seus “braços”, entregando-me a uma sensação deliciosa de quietude, segurança e paz.

E assim permaneço, não sei por quanto tempo, até que ouço uma voz doce e harmoniosa, que me diz:

- *“Está na hora de despertar, querida!”*

- *“Ah, não! Agora não! Estou tendo um sonho tão gostoso!”*

- *“Não é deste sonho que estou chamando-a para despertar... não é isso que estou querendo lhe dizer. Pode abrir os olhos, que você não vai perder isso que você está chamando de sonho.”*

Meio desconfiada, abro os olhos devagar – primeiro um, depois o outro. E quase perco a respiração, diante da beleza e magnificência do ser que vejo à minha frente! É um ser cristalino, todo vestido de luz... ou melhor, o próprio ser parece feito de luz – uma luz tão brilhante, que mal dá para distinguir os traços da sua face!

Não consigo definir se é um homem ou uma mulher, mas imediatamente me lembro das histórias que ouvi na minha infância e, entregando-me completamente à magia dessa lembrança, concluo:- *“É a minha Fada Madrinha! Só pode ser a minha Fada Madrinha!... Será que vai me trazer o meu príncipe encantado?”*

Ela está sorrindo para mim, envolvendo-me no mais puro amor. Parece estar se divertindo com o meu deslumbramento diante da sua presença. Espera alguns segundos, até que eu me refaça do susto e, então, me diz com sua voz melodiosa:

- *“Meu Anjo, quando eu digo ‘despertar’, na verdade estou querendo dizer ‘lembrar’. Está na hora de você se lembrar de quem você realmente é.”*

- *“Mas eu não me esqueci! Eu sou Angélica!... ou não?”* – acho que essa fada está querendo me confundir.

- *“Sim, querida, uma parte de você é Angélica, mas há muito mais de você que você não se lembra.”*

Fico em silêncio, sem saber o que dizer... e o que pensar. Ela respeita esse meu momento e fica em silêncio também, dando-me tempo para digerir o que ela acaba de falar. Finalmente volto a raciocinar e pergunto-lhe:

- *“Se é assim, como faço para me lembrar?”*

- *“Para isso eu estou aqui. Vim ajudá-la. Vamos fazer uma viagem juntas e, nessa viagem, as suas lembranças vão começar a despertar.”*

A idéia de viajar em companhia de um ser tão maravilhoso me deixa totalmente empolgada... tanto que até me esqueço que não estou de férias.

- *“Para onde vamos? É longe? É perto? É um lugar frio? É quente? O que eu devo levar na minha mala?”*

Ela sorri. Parece que está se divertindo cada vez mais com as minhas reações.

- *“Para onde vamos, você não precisa de malas... vamos para a Terra do Sempre, a Terra do Eterno Agora.”*

Arregalo os olhos, incrédula, mas de alguma forma sei que ela não está brincando – sei que está falando sério... Devo ter entrado num conto de fadas... mas como?! Já ouvi falar na Terra do Nunca, a Terra de Peter Pan – eu adorava essa história!!! – mas, Terra do Sempre... o que será isso? Onde será isso?

- *“E não se afobe. Vamos devagar, com toda a calma. Mesmo porque, antes de chegarmos lá vamos ter que providenciar o seu passaporte.”*

- *“Passaporte?!”* – pergunto, cada vez mais surpresa. Mas logo me recomponho e digo, aliviada – *“Eu já tenho passaporte! Ano passado, eu viajei para...”*

Ela me interrompe docemente:

- *“Esse passaporte não serve para o lugar onde vamos.”*

Fico decepcionada e desanimada.

- *“Não? Então, onde vou conseguir um passaporte para a Terra do Sempre? Quem vai me dar um passaporte desse tipo? Não pensar que eu sou maluca!”*

- “*Você não precisa pedir esse passaporte para ninguém. Você tem que encontrá-lo dentro de você mesma.*”

- “*Um passaporte?! Dentro de mim mesma?!*” – esse negócio está ficando cada vez mais louco!

- “*O passaporte para a Terra do Sempre é a Alegria.*”

- “*Então, não vou precisar procurar nada, porque já estou alegre! Tome!*” – estendo-lhe a mão direita, entrando na brincadeira, e entregando-lhe algo invisível – “*Aqui está o meu passaporte para a Terra do Sempre!*”

Ela sorri pacientemente e explica:

- “*Meu Anjo, não estou falando desse tipo de alegria. Não se trata de estar alegre, pois isso pode durar apenas alguns segundos. Trata-se de ser alegre... E isto você só vai conseguir quando passar a agir de acordo com o seu coração.*”

E antes que eu pudesse ter qualquer reação, ela desaparece, levando com ela todo o encanto daquele momento.

Encontro-me novamente entre as quatro paredes do meu quarto. E o que vejo, bem diante do meu nariz? O relógio!

- “*Meu Deus! Perdi a hora!!!*”

Pulo da cama e começo a andar para lá e para cá, feito uma barata tonta, sem saber o que fazer primeiro e querendo fazer tudo ao mesmo tempo. Entro no banheiro, saio do banheiro, abro o guarda-roupa... O que vou vestir? Está fazendo frio? Está fazendo calor?... Corro até a cozinha, pego uma fruta e começo a mastiga-la, sem nem saber direito o que estou comendo... Meu coração está disparado!

- “*CALMA!!!*” – Digo para mim mesma – “*Isto não é o fim do mundo!... E se fosse, não ia adiantar nada ficar afobada deste jeito!*”

Aos poucos, volto a coordenar as minhas ações e consigo sair de casa. Para minha surpresa, o trânsito está ótimo! “*É óbvio*” – penso – “*A estas horas, todo mundo já chegou no seu trabalho!*” Volta-me o calafrio na barriga... é a primeira vez que perco a hora!

“*Mas, afinal, por que este pavor tão grande?!*” – pergunto a mim mesma – “*O que há de tão terrível em chegar atrasada uma vez na vida? O que pode me acontecer de tão ruim por causa disso?*” Não encontro resposta. Mas, de alguma forma, percebo que esse medo não é uma coisa normal.

Finalmente chego na empresa. Respiro fundo e entro, com aquela cara de gato que comeu canário, achando que todo mundo vai me olhar com ar de reprovação. Mas, não... ninguém parece estar se importando comigo. Pelo contrário, cada um parece estar totalmente preocupado consigo mesmo – estranhamente preocupado! Alguma coisa esquisita está acontecendo! O clima está pesado... alguma coisa muito grave está acontecendo.

- “*Angélica, estão chamando-a na gerência.*”

Pronto! Sabia que isto não ia passar em branco! Meu chefe percebeu o meu atraso... Começo a suar frio. Ele me recebe com um sorriso amarelo e me faz sentar à sua frente.

- “*Angélica, tenho uma tarefa muito desagradável hoje.*” – ele parece sinceramente chateado com o que vai ter que fazer ou dizer – “*Você tem acompanhado a situação da empresa e sabe como as coisas estão se tornando cada vez mais difíceis... Temos tentado levar a empresa adiante, de todas as maneiras que conhecemos, mas chegamos num ponto em que não conseguimos mais nos sustentar...*”

Meu estômago está dando voltas, adivinhando o que vem pela frente... meu chefe continua: “*Então, não temos outra solução, a não ser fechar as portas, encerrar nossas atividades...*”

Minha cabeça está girando, meu coração, totalmente descompassado... já não ouço mais as palavras do meu gerente. Mas nem é preciso, porque sei que – em resumo – estou desempregada! O medo toma conta de todo o meu ser... E agora, meu Deus?! O aluguel, as contas mensais de luz, de água, de telefone, as prestações do carro... tudo isso desfila na minha mente ameaçadoramente.

Estou a ponto de entrar em pânico!

De repente meu olhar é atraído para o relógio digital sobre a mesa. São 11:11. E então me vem aquela mesma sensação de todas as inúmeras vezes em que olhei para um relógio no momento exato em que marcava 11:11 – é como se momentaneamente eu saísse desta realidade e passasse para uma outra realidade diferente, onde tudo está bem, tudo está em paz, tudo é adequado. E assim, como num passe de mágica, todo aquele medo se desvanece e sou tomada por uma sensação totalmente oposta, difícil de definir, uma espécie de euforia, como se eu estivesse prestes a receber um presente maravilhoso, uma graça divina...

- *“Tem alguma coisa especial nesses números.”* – penso – *“Ultimamente ando vendo 11:11 por todo lado. Não pode ser uma simples coincidência.”*

Volto a ouvir a voz do meu gerente:- *“Mas, não se preocupe, porque você receberá tudo o que você tem direito de receber. Além disso, você é jovem, inteligente, eficiente e tem um ótimo currículo, o que certamente vai ajudá-la a conseguir logo um novo emprego. No que depender de mim, você terá sempre boas referências.”*

Sim, com o que tenho para receber provavelmente poderei sobreviver uns seis meses ou mais. Até lá, já deverei estar empregada novamente.

Ao voltar para casa, paro numa banca para comprar o jornal, pois sei que hoje é dia do Suplemento de Empregos. Antes que eu possa pegar o jornal, reparo num jovem de aspecto simpático e descontraído, que está folheando uma revista. Algo nessa revista me chama a atenção – não sei o que – e, embora não seja meu costume, estico os olhos para ver o que há de tão especial ali. Acho que não sou muito discreta, porque o rapaz percebe a minha curiosidade e me pergunta, sorrindo:- *“Você também se interessa por Numerologia?”*

- *“Numerologia?!”* – respondo, quase gritando, de tão surpresa! – *“Sim! Não!... Quero dizer, nunca tinha pensado nisso antes, mas agora estou começando a achar que deve ser uma ciência muito interessante de se estudar!”*

- *“E por que esse interesse repentino?”* – ele me pergunta amavelmente.

- *“É que, de uns tempos para cá, ando vendo 11:11 por todo lado – em relógios, em celulares, no computador...”*

O rosto dele se ilumina! Pelo jeito, falei alguma coisa inteligente.

- *“Vamos tomar um sorvete?”* – ele sugere, apontando para a sorveteria ao lado – *“Assim poderemos conversar melhor.”*

Acho uma ótima idéia! Sentamo-nos junto a uma mesinha, pedimos um sorvete para cada um e então ele me pergunta:

- *“Qual é o seu nome?”*

- *“Angélica. E o seu?”*

- *“Pitágoras.”*

- *“O do teorema?”* – pergunto, rindo e completamente à vontade, como se já o conhecesse há séculos. Ele ri também.

- *“Você não é a primeira pessoa que me faz essa pergunta. É que a minha mãe também gostava muito de Numerologia... Você deve saber que Pitágoras foi um profundo pesquisador da natureza e significado dos números, não é? Ele dava aos números um sentido divino, ligado à Criação.”*

Eu não sabia nada disso, mas acho melhor não dizer nada. Ele prossegue:

- *“E, por ser apaixonada por esse estudo, minha mãe é uma grande admiradora desse filósofo. Então, quando eu nasci, ela resolveu homenageá-lo, dando-me o nome de Pitágoras.”*

- *“Que interessante... e você gosta do seu nome?”*

- *“Gosto muito... talvez pelo mesmo motivo da minha mãe. Também sou apaixonado por números! Inclusive, sou professor de matemática. Estou desempregado agora, mas continuo dando aulas particulares. Na verdade, estou até gostando desta nova situação, porque me deixa mais livre... Mas, voltemos ao 11:11. Então você também anda vendo esse código!”*

- *“Esse código?!”*

- *“11:11 é como um código para a expressão ‘Está na hora de despertar!’”*

Esta frase soa como um trovão e fica ressonando nos meus ouvidos, trazendo-me a lembrança da minha “Fada Madrinha”. Não foi isso que ela me falou?

Timidamente pergunto :- *“O que você entende por ‘despertar’?”*

- *“Neste contexto, despertar significa lembrar-se de quem você é.”*

Mal posso acreditar no que estou ouvindo. Ele está repetindo as mesmas palavras da fada do meu sonho!... Será que ele viu o meu sonho? Resolvo testar mais um pouco:

- *“Mas eu não me esqueci! Eu sei que sou Angélica. Então, por que estou recebendo esse recado toda hora?”*

- *“Minha flor...”* – ele começa, no mesmo tom amoroso da “Fada Madrinha” – *“... É porque você não é apenas Angélica – você é um ser muito mais grandioso, mas se esqueceu disso.”*

- *“E por que eu haveria de ser tão especial, tão diferente de todo mundo?”*

- *“Você não é diferente. Pelo contrário, em essência, você é igual a todo mundo – todos nós somos seres divinos e magníficos, só que nos esquecemos da nossa verdadeira identidade.”* Ele faz uma pequena pausa e então continua:- *“Você só é diferente num aspecto – você está pronta para descobrir quem você realmente é.”*

- *“Você acha mesmo que eu estou pronta? Por quê?”*

- *“Tenho certeza! Senão, você não estaria tão envolvida com essa questão do 11:11. Por que isso está lhe chamando tanta atenção? Porque está funcionando como um despertador para você... e para todos nós que estamos atentos a essas coincidências. Imagine que, em algum momento da nossa existência, nós concordamos em participar de uma missão importante, muito especial, mas que exigia que nós nos esquecêssemos de quem nós éramos... e também, de qual missão era essa.”*

- *“Isso é muito louco! Como você acha que alguém pode ir para uma missão, sem saber que missão é essa e, ainda por cima, esquecendo sua verdadeira identidade?”*

- *“Para a nossa forma de ver as coisas, isso parece uma maluquice mesmo, mas... imagine que exista uma outra forma de percepção... imagine que, naquele momento decisivo da nossa existência, nós tivéssemos uma consciência muito mais ampla, muito mais... algo que nem conseguimos imaginar com esta nossa mente acostumada a funcionar dentro de apenas três dimensões. E imagine que, dentro dessa forma mais expandida de consciência, tudo isso tivesse sentido. Então, nós aceitamos essa missão, com muito prazer e alegria! Só que, antes de mergulharmos no total esquecimento, nós programamos um despertador para ser ativado no momento em que essa missão estivesse prestes a se cumprir. Esse despertador é o 11:11!”*

- *“Então, você acha que já estamos quase cumprindo essa tal missão?”*

- *“Acho. Onze é um Número Mestre e está ligado à iluminação. E agora ele vem iluminar as nossas mentes, porque chegamos num ponto em que, para continuarmos a cumprir o nosso propósito, temos que nos lembrar de quem realmente somos e porque estamos aqui.”*

Tudo isso me parece tão fantástico, mas, ao mesmo tempo, tão verdadeiro! Porque cada vez que eu vejo 11:11, parece que alguma coisa ativa uma lembrança que estava muito bem escondida dentro dos arquivos da minha mente. Sinto como se, naquele lapso de segundo, eu tivesse um vislumbre de uma outra realidade, uma realidade muito mais interessante do que esta que estou vivendo agora... Ou será que estou imaginando coisas?

Vendo-me tão pensativa, Pitágoras diz:

- *“É melhor pensar menos e sentir mais. Tem certas coisas que não conseguimos entender com a nossa mente, só com o coração.”*

Sorrio para ele, profundamente agradecida por estas palavras. Sim, apesar do nó na minha mente, o meu coração me diz que o que estou ouvindo é verdade.

- *“Mais um sorvete?”* – o garçom pergunta, trazendo-nos de volta a esta realidade.

Pitágoras responde por nós dois:

- *“Não, obrigado. Já tomamos o suficiente. Quanto lhe devemos?”*

- *“Onze Reais.”*

Olhamos um para o outro e caímos na gargalhada! O garçom fica sem entender nada...

Despedimo-nos como velhos conhecidos, prometendo nos reencontrarmos o mais breve possível.

Só quando já estou me preparando para ir deitar é que percebo que me esqueci de comprar o jornal! Não faz mal, posso consultar o site de empregos... mas não agora... amanhã. Agora estou precisando dormir. O dia foi muito cheio! Preciso descansar, pôr minhas idéias em ordem.

Mas não consigo pegar no sono. Fico pensando em tudo que me aconteceu hoje – um dia totalmente fora dos padrões. E o interessante é que estou me sentindo tão bem! Estou desempregada, devia estar preocupada, roendo as unhas, no entanto, sinto uma alegria totalmente sem sentido...

De repente, aquele silêncio outra vez... e aquela névoa cor-de-rosa, abraçando-me amorosamente. Desta vez, não fico espantada... Ela está chegando!

- *“Minha querida, a sua alegria não é sem sentido. As coisas nem sempre são o que parecem ser. Hoje foi um dia muito importante na sua vida. Você tem vários motivos para estar alegre!”*

- *“Mas eu fui despedida do meu emprego, hoje!”*

- *“Às vezes as pessoas precisam de um acontecimento forte como esse, para se permitirem olhar para a vida sob uma perspectiva diferente, e perceberem as incontáveis possibilidades que existem à sua disposição. A cada momento da sua vida, você tem a oportunidade de escolher deixar tudo como está, ou mudar para uma nova forma de viver. Antes de consultar o site de empregos, querida, entre em contato com o seu coração e pergunte-lhe que tipo de trabalho ele gostaria que você fizesse a partir de agora.”*

- *“Eu estava me dando muito bem no trabalho que eu estava fazendo.”*

- *“Assim mesmo, consulte o seu coração. Pergunte-lhe se ele gostaria que você continuasse trabalhando na mesma área... Ou, que você mudasse de atividade... Ou, que você desenvolvesse um outro potencial... Pergunte-lhe o que você sentir que deve lhe perguntar.”*

- *“Eu nunca tentei falar com o meu coração... nem sabia que podia fazer isso. Acho esquisito, mas até posso tentar fazer umas perguntas... Vou me sentir meio ridícula, mas... como é que ele vai me responder? Coração fala?!”*

- *“Fala. Não na linguagem que você está acostumada a falar. O coração fala através do sentimento e ele vai lhe responder através de um sentimento de aprovação ou de rejeição. E você vai reconhecer o sentimento de aprovação, porque vai lhe trazer uma grande alegria!”*

Alegria... o “passaporte” para a Terra do Sempre!

No lugar da Fada, vejo agora um grande coração vermelho. Ele está vivo, porque pulsa no ritmo de uma música suave e relaxante. Acho que é o meu próprio coração! Sentindo-me meio ridícula, volto-me para ele e tento começar uma conversa:- *“Olá... por acaso você é o meu coração?”* Ele não diz nada... é óbvio! Alguém já viu um coração falar?! Fico em silêncio, por alguns segundos, pensando em como fazer para me comunicar com ele...

Fico olhando para ele, reparando na sua pulsação e lentamente vou entrando no ritmo daquela música e ficando cada vez mais relaxada... A minha mente vai entrando numa espécie de torpor, até que entro num estado de completa quietude mental – não estou pensando nada! Acho que, pela primeira vez na vida, estou consciente, mas não estou pensando nada. Que sensação incrível!

Permaneço nesse estado, não sei quanto tempo, e de repente, começo a ver algumas imagens de mim mesma – todas ao mesmo tempo, como se eu estivesse no centro de um cinema circular, onde várias cenas estivessem sendo projetadas simultaneamente ao meu redor.

Numa das cenas, estou trabalhando num escritório muito semelhante àquele em que trabalhei até ontem. Todo o esquema de trabalho é parecido com aquele. Até as pessoas que interagem comigo se parecem e agem como os meus ex-colegas. Aparentemente estou satisfeita.

Mas, alguma coisa diferente está acontecendo... É a música. A música já não é tão suave e relaxante, e o coração está mais agitado. Sua cor passou de um vermelho vivo para um tom de vinho tinto. Vejam só! Ele está se comunicando comigo! Está mostrando que já não está tão em paz como

antes. Não está totalmente infeliz, mas também não está contente.

Olho para a cena ao lado e vejo-me num terraço de uma casa de montanha. Estou num lugar muito alto, pois de lá tenho uma visão ampla dos arredores – há um bosque à minha direita e, mais adiante, à esquerda, vejo um rio, que desce a montanha e perde-se de vista atrás de umas pedras muito grandes. Tudo está tranqüilo. A música volta a ser suave e o coração volta à cor vermelho vivo.

Numa terceira cena, estou num lugar muito amplo, claro e colorido, sentada no chão, sobre almofadas, no meio de muitas crianças. Pitágoras também está lá, mas está fazendo outra coisa, que não sei direito o que é. Vejo-me radiante e feliz! A música agora é alegre e delicada. E o coração está todo cor de rosa, irradiando fochos de luz dourada! Que visão maravilhosa!

- *“Que crianças serão essas? Que lugar será esse?”* – começo a me questionar... e então, o encanto se desfaz! Todas as cenas desaparecem. A minha mente voltou ao comando.

Estou acabando de tomar o café da manhã, quando o telefone toca. Quem será, a estas horas?

- *“Bom dia, Angélica!”* – reconheço a voz simpática do meu novo amigo.

- *“Bom dia, Pitágoras!”*

- *“Desculpe se eu telefono tão cedo... mas é que sonhei com você.”*

- *“Ah...”* (Que coincidência!!! – penso. Mas não digo nada.)

- *“Quer saber como foi?”*

- *“Claro! Pode falar!”*

- *“Nós dois estávamos no meio do nada – como dois planetas no espaço infinito. E você me chamava a atenção para umas coisas brilhantes que pairavam ao nosso redor. Pareciam umas bolas de energia. Cada vez que você apontava para uma delas, ela se abria como uma flor e me apresentava uma cena em que eu era o protagonista. Algumas eram cenas comuns, do meu dia-a-dia; outras me mostravam em situações completamente diferentes, fazendo coisas que nunca pensei em fazer; algumas me traziam uma sensação de entusiasmo e alegria, enquanto outras me deixavam frustrado ou angustiado; outras, ainda, me deixavam totalmente indiferente. Então, você me disse:- ‘Tudo isso existe como potencial. Cabe a você escolher aquilo que você quer para si mesmo e trazer isso para a sua realidade.’ Depois disso, não me lembro de mais nada.”*

- *“Que interessante! Isso está me fazendo entender o que o meu sonho desta noite queria me dizer!... O que você vai fazer hoje? Será que a gente poderia se encontrar para conversar um pouco?”*

- *“Estava pensando em dar uma caminhada no parque. Costumo fazer isso todas as manhãs. Você não quer vir comigo?”*

O dia está lindo! E o parque ainda está vazio de gente. Parece que todos resolveram levantar um pouco mais tarde hoje. Caminhamos pelas alamedas sombreadas, sentindo o cheiro das flores, ouvindo o cantar dos passarinhos, sentindo uma brisa suave no rosto... que sensação gostosa de liberdade e paz! E tão pertinho da minha casa... como é que eu nunca tive a idéia de vir aqui? Bem, eu trabalhava o dia inteiro... eu não tinha tempo sequer de lembrar da existência deste parque. Pelo menos, não num dia de semana, como hoje.

Pitágoras interrompe as minhas reflexões:

- *“Você queria me contar alguma coisa.”*

- *“Sim, queria lhe falar sobre o sonho que tive hoje. Mas acho que vou ter que começar com os acontecimentos de ontem, porque parece que tudo está interligado.”*

E assim, começo a lhe contar sobre a primeira aparição daquele esplendoroso Ser de Luz.. Pitágoras se diverte quando digo que é a minha “Fada Madrinha”.

- *“Você devia adorar contos de fadas, quando era criança, não é?”*

- *“Ainda adoro.”* – respondo, meio sem jeito.

- *“Então, posso lhe confessar que eu também.”*

Damos risada um do outro, mas, no fundo, temos certeza que não há nada de errado em gostar de contos de fadas. Continuo a minha narrativa e, depois de lhe contar sobre o sonho com os corações, digo-lhe:

- *“Aquela nossa conversa ao telefone me fez entender que o que eu vi no meu sonho também eram as diversas possibilidades que estão aí – em algum lugar do tempo e do espaço – esperando que eu faça as minhas escolhas e traga esses potenciais para a minha realidade... Mas, como fazer isso?!”*

Ficamos os dois pensativos por alguns segundos. Pitágoras rompe o silêncio:

- *“Acho que, em primeiro lugar, temos que saber o que queremos para nós. E, para isso, temos que consultar o nosso coração... O problema é que não podemos lhe fazer perguntas do tipo ‘isto é bom para mim?’, ‘isto não é bom para mim?’, porque pode ser que o que realmente seja bom para nós esteja fora da nossa área de opções conscientes.”*

- *“Não tinha pensado nisso! Realmente... se todas as possibilidades existem em potencial, então podemos desejar o que quer que seja, e não só o que acreditamos que seja possível. As opções são ilimitadas! Então, em primeiro lugar, temos que nos libertar da idéia de que isto pode e aquilo não pode. Tudo pode! É como nos contos de fadas – tudo é possível! A vida é mágica!!!”*

Ficamos tão entusiasmados e felizes com essa conclusão, que saímos pulando e rodopiando no meio das árvores. Algumas crianças, que estão chegando no parque, juntam-se a nós, achando a maior graça naquela brincadeira. Pulamos e rodamos tanto, que acabamos caindo no chão, exaustos e tontos. As crianças – que ainda não perderam o fôlego! – também se atiram na grama, rolando de um lado para o outro e compartilhando as nossas gargalhadas. Alguns adultos nos observam sorrindo, loucos de vontade de participar daquela maluquice, mas sem coragem de entrar na brincadeira.

- *“Tudo é permitido!”* – Pitágoras grita, pulando feito um palhaço de circo e dando piruetas. Então algumas mães se atrevem a se juntar aos seus filhos, rolando na grama com eles. Outras demoram um pouco mais, mas acabam se rendendo ao seu lado infantil e se atiram na grama, sujando suas roupas, desmanchando seus cabelos, mas felizes!

Uma babá gorducha e toda de branco, ao ver aquela bagunça, entra em campo dando cambalhotas, acompanhada pela menininha de cabelos encaracolados que ela trazia pela mão. A garotada vibra e tenta imitar a dupla, aumentando a algazarra!

Rindo como duas crianças, afastamo-nos do grupo, deixando a babá dando aulas de cambalhotas para as crianças e suas mães.

Habituo-me a começar meus dias com uma caminhada no parque, na companhia agradável e divertida de Pitágoras. Isso tem me feito muito bem! Sinto-me mais bonita e mais viva! Já não tenho mais aquela cor esverdeada de quem passa os dias na frente do computador, respirando ar-condicionado. Ganhei um ligeiro bronzeado, que me dá uma aparência mais saudável e até mais jovem. Estou muito feliz com isso.

Hoje meu amigo não pôde me acompanhar, mas nem por isso deixei de vir fazer o meu passeio matinal. Estou caminhando, curtindo o ar, os sons e as cores da natureza, quando, de repente, vejo duas crianças correndo na minha direção, rindo e acenando alegremente para mim. Elas param bem na minha frente, interrompendo os meus passos, e uma delas – o menino – me diz sorrindo:- *“Oi!”*

Respondo no mesmo tom alegre:- *“Oi!”*

- *“Você não se lembra de mim?”* – ele me pergunta – *“Eu estava aqui, no dia daquela bagunça.”*

Dou risada ao me lembrar daquela cena. E pergunto-lhe:

- *“Você conseguiu aprender a dar cambalhotas?”*

- *“Eu já sabia. Mas adorei aquela gordinha divertida! Parece uma bola, quando vira cambalhota...”* – de repente ele se lembra da menininha ao seu lado e, voltando-se para ela, me diz:- *“Esta é minha irmã.”*

- *“Nem precisava dizer. Vocês são muito parecidos! Será que são gêmeos?”*

- “Somos. Resolvemos nascer juntos, pra um poder ajudar o outro no trabalho que temos que fazer aqui.” – ele me conta, com toda a naturalidade.

Será que ouvi direito?! – penso. E pergunto, para me certificar:

- “O que foi que você disse?”

- “Que nós dois resolvemos nascer juntos, porque se um esquecesse o que veio fazer aqui, o outro o ajudaria a se lembrar.”

- “Vocês resolveram isso antes de nascer? Onde?! Como?!”

- “Estou vendo que você é que se esqueceu de tudo!” – ele fala com ar sério, quase como se estivesse me dando uma bronca. Mas logo adquire um tom mais tolerante e me diz:- “Gente grande geralmente se esquece mesmo... Por isso que eu e a minha irmã estamos sempre falando um para o outro o que a gente prometeu fazer aqui. Pra não virar gente grande e se esquecer de tudo.”

- “E o que vocês vieram fazer aqui de tão importante?!... Posso saber?”

- “Nós viemos ajudar as pessoas a se lembrarem de quem elas realmente são.”

De novo?!?! Será que agora todo mundo vai me falar a mesma coisa? Até uma criança, que mal deixou as fraldas, vai querer me convencer de que eu não sou Angélica?! Mas, decido não me irritar com isso e ver até onde vai essa história:

- “Que bom!” – digo – “Eu estou justamente precisando de alguém que me explique isso. Por que eu penso que sou Angélica, se eu não sou Angélica? E, se eu não sou Angélica, então quem eu sou? Ou o que eu sou?”

- “Se a gente contar, você não vai acreditar.” – diz a menina, com um jeitinho muito meigo – “Você tem que descobrir sozinha.”

- “Mas seu irmão acabou de dizer que vocês estão aqui para isso...”

- “Não para contar quem você é, mas para ajudar você a descobrir sozinha... Vou lhe dar uma dica” – diz ela, com arzinho de cumplicidade – “Repare bem no seu nome. Ele já está falando quem você é. Acho que a sua mãe já sabia...”

- “Cristiano! Cristina! Está na hora de voltar para casa!” – ouvimos alguém chamar.

- “Tchau! Amanhã a gente se encontra!” – os dois se despedem rindo e saem correndo.

Volto para casa, intrigada com o que a menina me disse. Se a resposta está no meu nome, então eu sou um anjo... Mas isso é ridículo!

- “Alô.”

- “Oi, mãe! Aqui é a Angélica!”

- “Oi, querida! Que saudades! Está tudo bem com você? Já conseguiu um novo emprego?”

- “Ainda não... Para falar a verdade, nem estou procurando muito. Estou pensando que tipo de trabalho eu quero fazer agora. Não quero mais voltar a trabalhar em escritório. Quero alguma coisa que me deixe mais livre para curtir a vida.”

- “Acho que você tem razão. Você estava muito presa ao seu trabalho. Não tinha tempo nem para ter amigos... nem sequer para namorar!”

- “Mãe, por que você me deu o nome de Angélica?”

Acho que ela fica meio chocada com essa pergunta tão repentina, pois fica muda por alguns segundos.

- “Mãe?”

- “Sim, minha filha... Estou pensando... Você não gosta do seu nome?”

- “Gosto! Acho um nome lindo! Mas, fiquei me perguntando como foi que você e o papai escolheram esse nome para mim. Tinha alguma razão especial?”

- “Claro que tinha. Você sabe que eu demorei para engravidar, não é? E eu vivia sonhando em ter um nenê... um anjinho... eu tinha certeza que meu nenê seria um anjinho. E sempre falava para o seu pai: ‘Quando será que o nosso anjinho vai chegar?’ e ele respondia ‘Quando for a hora.’, pois ele tinha certeza que um dia você viria... no momento certo. Então, quando eu finalmente engravidei, resolvemos que seu nome seria Angélica... ou Ângelo, se fosse um menino.”

- “E por que você achava que o seu nenê ia ser diferente dos outros? Por que você achava que podia gerar um anjo?”

- “*Eu não achava que o meu nenê ia ser diferente. Eu achava... e continuo achando... que todos os nenês são anjos. Só que, quando eles chegam aqui na Terra, eles começam a ser tratados como gente e acabam acreditando que são gente mesmo. Eles se esquecem...*”

- “*Eles, não!*” – digo, quase gritando, como se minha mãe tivesse acabado me confessar uma enorme traição – “*NÓS!!! Nós nos esquecemos! Porque você também foi um nenê algum dia, não foi? Então, se você sabia que você era um anjo e que eu era um anjo, por que me tratou como gente? Por que não me disse logo que eu era um anjo?*”

- “*Porque eu sentia que devia haver um propósito nisso tudo... embora, não soubesse qual.*”

- “*E agora você sabe?*” – pergunto, um pouco mais calma.

- “*Querida, estamos falando ao telefone... por que você não vem passar o fim de semana conosco? Poderemos conversar sobre isso, pessoalmente. Não acha melhor?*”

- “*Estou de férias. Nem preciso esperar até o fim de semana. Vou amanhã mesmo! Um beijo!*” – Mas, quando estamos prestes a desligar penso em Pitágoras...

- “*Mãe! Mãe!*”

- “*O que foi, Angélica?*”

- “*Posso levar um amigo?*”

- “*Claro que pode, querida!!!*” – ela responde, sem conseguir disfarçar a empolgação de poder me ver com um amigo... quem sabe, um namorado?

Pitágoras fica muito animado com a idéia de passar uns dias comigo no sítio dos meus pais. Não há nada que ele goste mais do que estar junto da natureza... se bem que começo a achar que ele gosta mais ainda, se eu estiver com ele.

No caminho, vamos conversando sobre aquelas crianças do parque – Cristina e Cristiano. Que nomes interessantes... Acho que os pais deles também já desconfiavam que eles seriam crianças especiais, com um trabalho especial para fazer aqui na Terra.

- “*Com certeza são crianças índigo... ou cristal.*” – diz Pitágoras.

Fico olhando para ele com aquele ar de ignorância, até que ele começa a me explicar.

- “*Tenho lido alguma coisa a respeito dessas crianças que andam nascendo nos últimos anos. Pelo que entendi, elas já vem com uma nova consciência – uma consciência mais evoluída – para poderem ajudar na elevação da consciência da humanidade deste planeta.*”

Pitágoras é daquele tipo que está sempre bem informado sobre tudo, e não tem nenhum tipo de preconceito – pode-se conversar o que for com ele, pois nada o deixa chocado ou incomodado. Por isso me animo a lhe perguntar:

- “*Se é verdade que esses gêmeos combinaram de nascer juntos, você acha possível que eles também tenham escolhido os pais... antes de vir para cá?*”

- “*Tenho praticamente certeza disso, porque, se eles têm uma missão tão importante, é fundamental que eles sejam criados de maneira a poderem desenvolver seus potenciais e com liberdade para fazer o que eles têm que fazer.*”

- “*Faz sentido!... Fico me perguntando como essas crianças poderão nos ajudar... e para onde, ou para o que, estamos evoluindo... como será a raça humana daqui a alguns anos?*”

O sol está se pondo, desaparecendo atrás das montanhas, mudando as tonalidades da paisagem a cada instante. Pitágoras parece um pouco melancólico:

- “*O dia se vai e a noite chega... Tudo é assim, neste planeta: dia-noite, luz-escuridão, quente-frio, bonito-feio, alegria-tristeza, saúde-doença...vivemos nessa eterna dualidade, ora numa polaridade, ora na outra... Você não se cansa disso?*”

- “*Nunca pensei nisso.*”

- “*Pois eu, sim. Às vezes sinto uma saudade profunda de uma outra forma de vida, que tenho certeza que já vivenciei... talvez em algum lugar ou época remota, em que não havia dualidade.*”

- “*Como pode ser isso? Como seria uma vida sem opostos?*”

- “*Você nunca imaginou viver em eterna paz, saúde, alegria, abundância? Por que ainda temos necessidade de conflitos, doença, infelicidade, carências? Sinto que a humanidade está farta*

*disso tudo e, mesmo que seja inconscientemente, está buscando e caminhando para uma nova forma de viver, baseada na unidade, baseada no amor e não no medo!”*

- *“Será que isso é possível?”*

- *“Eu acredito que sim! Lembra daquela nossa conversa no parque? Lembra daqueles nossos sonhos? Todas as possibilidades estão aí, à nossa escolha. O que acontece é que só conseguimos olhar para aquelas que fomos condicionados a considerar “possíveis”. E assim, vamos sempre repetindo as mesmas experiências, sem nem sequer considerar a possibilidade de fazer as coisas de um outro modo.”*

Isso me faz lembrar de duas cenas do meu sonho que me deixaram muito intrigada. Nas duas eu me via como uma senhora de mais ou menos 60 anos. Só que, numa delas eu me via um pouco gordinha, os cabelos brancos, a pele flácida e usando óculos. E na outra, apesar de saber que eu tinha essa idade, eu não aparentava mais do que 40! E nada ali sugeria que eu tivesse passado por plásticas, lipoaspirações, tinturas no cabelo e coisas do tipo. O que isso queria me dizer?

Como se estivesse ouvindo meus pensamentos, Pitágoras diz:

- *“Por exemplo: por que o nosso corpo tem que se degenerar com o passar do tempo? Por que as pessoas começam a enxergar mal, a ouvir mal, a ficar com os músculos flácidos, a perder a vitalidade, a saúde, o ânimo, só porque estão ficando com mais idade? Será que isso não é um condicionamento da humanidade? Será que não podemos mudar isso?”*

- *“Podemos!”* – respondo, entusiasmada! – *“Eu vi isso no meu sonho! Estavam ali duas Angélicas de 60 anos para que eu escolhesse qual das duas eu queria manifestar aqui. Uma Angélica velhinha ou uma Angélica eternamente jovem, saudável e bonita? Acabo de escolher esta última!!! – Eu escolho a Angélica Maravilha!!!”*

- *“Então eu escolho o mesmo para mim!”* – diz Pitágoras, recuperando o ânimo – *“Porque não quero ficar um velho decrepito, enquanto você continua jovem e toda bonitona! Escolho a eterna juventude, saúde e beleza!”*

Meus pais nos recebem carinhosamente. A casa toda está cheirando aquela comida deliciosa da minha mãe! Não sei se é a saudade do seu tempero, ou se ela realmente se superou – o fato é que o almoço está especialmente maravilhoso!

Enquanto conversamos, reparo como minha mãe está se conservando bonita e saudável. Será que ela sabe dessas coisas que estávamos falando?

- *“Mãe, parece que o tempo não está passando para você! Como você faz para não envelhecer? Conte para nós qual é o segredo. Preciso aprender isso rapidinho, senão daqui a pouco vou estar parecendo mais velha do que você!”*

Ela dá risada e responde: - *“Eu simplesmente decidi que não vou ficar velha!”*

- *“E você sabe...”* – diz meu pai – *“... quando ela decidi uma coisa, não há quem a faça mudar de idéia! Decidiu, está feito!”*

Decidiu, está feito! Escolheu, está feito! Meu pai não pode imaginar a profundidade do que ele acaba de dizer!... Ou será que ele sabe?

- *“A nossa mudança para o sítio também tem contribuído muito para isso.”* – minha mãe continua – *“Aqui levo uma vida sossegada, sem o estresse desgastante das grandes cidades, comendo alimentos saudáveis, respirando ar puro, bebendo água da nascente... enfim, em contato direto e constante com a natureza. Aqui posso perceber e vivenciar todas as mudanças de estações, todas as mudanças de ciclos, observando como isso atua em meu próprio corpo e em todo meu ser. E assim, sei que sou parte dessa natureza, parte da Terra, que é um ser tão vivo quanto eu. E que a Terra, por sua vez, é parte do grande universo, de modo que eu também sou parte desse grande Todo. E esse sentimento de integração me dá uma sensação de segurança, de amparo, trazendo-me uma tranqüilidade, uma paz, uma alegria interior que, provavelmente, se refletem no meu exterior, dando essa impressão de que não estou envelhecendo fisicamente.”*

Fico encantada de ouvir minha mãe falando dessa forma! E penso que talvez eu nunca tenha realmente parado para ouvir o que ela teria para me dizer. Quem sabe, se eu tivesse tido paciência para ouvi-la, ela teria me contado que eu sou um anjo disfarçado de ser humano; que todos nós

somos anjos brincando de ser humanos... Será isto uma brincadeira? Se for, às vezes parece uma brincadeira de mau gosto!... Mas também pode ser um jogo interessante, dependendo de como o encaramos.

Depois do almoço, saio com Pitágoras para dar um passeio pelo sítio. Caminhamos algum tempo em silêncio, apenas sentindo o frescor da tarde, a leveza do ar, aproveitando esses momentos junto à natureza. Penso no que a minha mãe falou há pouco, sobre a integração com a Terra, a sensação de segurança, a alegria interior... Minha Fada Madrinha diria que ela já tem o passaporte para entrar na Terra do Sempre. Será que a minha mãe conhece esse lugar?!

- *“Pitágoras, estou pensando que o caminho para a alegria interior deve passar pela integração com a natureza!”*

- *“E o caminho para o não envelhecimento também! A natureza não pensa no futuro. Vive sempre no presente. Não se estressa.”*

- *“Mas, como nós, ela tem seus ciclos de nascimento, vida, morte...”*

- *“Só que não se preocupa com eles... simplesmente vive-os... entrega-se a eles. Nós, ao contrário, estamos sempre nos estressando – ou por acontecimentos passados ou por preocupação com o futuro. E quando digo passado e futuro, não estou me referindo obrigatoriamente a um tempo muito distante de agora. Tanto pode ser um trauma de infância, que nos deixa marcados para a vida toda, quanto um aborrecimento com algo que aconteceu ontem, ou há meia hora; tanto pode ser uma preocupação com a nossa velhice e aposentadoria, quanto com uma conta que temos que pagar amanhã. Perceba que nossa consciência está sempre no passado ou no futuro – dificilmente está no presente. E algo me diz que esta é uma das chaves para a alegria interior e para muitas outras coisas boas, das quais ainda nem temos idéia... viver no presente!”*

Relembro, então, as palavras da minha Fada Madrinha, no primeiro dia em que ela me apareceu: - *“Para onde vamos, você não precisa de malas... vamos para a Terra do Sempre, a Terra do Eterno Agora... O passaporte para a Terra do Sempre é a Alegria.”*

- *Pitágoras, então o Eterno Agora deve ser o momento presente! Mas, como o presente pode ser eterno?*

Sentamo-nos um pouco na relva, recostados numa grande pedra que parece brotar do solo, junto a duas árvores imponentes e frondosas, que nos oferecem sua sombra refrescante. Ao encostar meu corpo na pedra, tenho a estranha impressão de que ela é um ser vivo. Olho para o meu companheiro, para ver se ele reage de alguma forma esquisita ao contato com a pedra, mas ele me parece totalmente sereno. Devo estar imaginando coisas...

Fico pensando no tal do Eterno Agora. O que será isso? Então, ouço uma voz, vinda não sei de onde: - *“Deixe a sua mente livre. Entregue-se a este momento.”*

- *“Você ouviu isso, Angélica?”* – Pitágoras me pergunta, olhando para os lados.

- *“Ouvi... parece que foi a pedra que falou! Acho que tomamos muito sol na cabeça. Ou vai ver que estamos filosofando demais e estamos começando a ficar malucos!”*

Agora ouvimos uma risada gostosa... Alguém está se divertindo às nossas custas! E logo percebemos, entre as duas árvores, um pequeno ser de aspecto muito simpático, rindo a mais não poder. Parece um dos anõezinhos da Branca de Neve! Deve ser o Feliz!

- *“O que há de tão engraçado?”* – pergunto-lhe.

- *“Vocês precisavam ver as suas caras... ‘Acho que estamos ficando malucos!’”* – ele diz, imitando a minha voz e o meu jeito sério e meio assustado – *“Parece que nunca viram uma pedra falar!”* – e cai na risada de novo!

Eu e Pitágoras olhamos um para o outro, sem entender nada, mas encantados com a magia deste momento. Afinal, quem disse que uma pedra não pode falar? Isso pode ser uma daquelas crenças que mantemos, porque fomos acostumados a pensar assim. Só porque uma pedra não tem boca, não quer dizer que ela não pode falar.

Acho que o anõezinho lê os meus pensamentos, porque começa a bater palmas exclamando: - *“Muito bem! Muito bem! Você está começando a entrar no clima!”*

Pitágoras olha para mim, perguntando-se o que foi que eu falei de tão inteligente, que ele

não ouviu! Como uma professora que repete a explicação para o aluno desatendo, digo-lhe:- “Só porque uma pedra não tem boca, não quer dizer que ela não pode falar.”

Ele arregala os olhos, surpreso com o meu ar de superioridade, e Feliz tem outro acesso de riso. Contagiados pela sua alegria, caímos na gargalhada também.

Feliz se recompõe e fala, sem perder seu ar brincalhão:- “Ela tem razão. Vocês precisam relaxar a mente, senão vão ficar eternamente presos aos conceitos que lhes foram ensinados, que foram passados de geração para geração. Não que eles sejam de todo descartáveis, mas eles não permitem que vocês se abram para novas maneiras de pensar e de ver as coisas. E assim, vocês ficam sempre muito limitados... É como se vocês vivessem dentro de uma caixa que está flutuando num oceano sem fim. Vocês pensam que essa caixa é tudo que existe e não têm noção do universo de possibilidades que existe do lado de fora.”

Pitágoras arrisca um palpite:- “Mas, se vivemos sempre dentro dessa caixa, com certeza nem sabemos nadar. Então, como podemos fazer para explorar esse mundo desconhecido para nós?”

O anãozinho olha para nós dois, sério pela primeira vez, e fala docemente:

- “Queridos Seres Humanos, vocês sabem ‘nadar’! Vocês simplesmente se esqueceram. Se me permitirem, posso ajudá-los a se lembrarem.”

- “Isso é o que nós mais queremos!!!” – respondo por nós dois.

Feliz olha para Pitágoras para ver se ele confirma as minhas palavras.

- “Claro! Isto é o que nós estamos procurando!”

Então, sorrindo novamente, ele aponta para o espaço entre as duas árvores, no meio do qual ele se encontra, e diz solenemente:- “Este é o Portal do Espelho. Atravessar este Portal pode ajudá-los a chegar na Terra do Sempre. Eu sou o guardião deste Portal e convido-os a entrar!”

Olho para aquele espaço e me pergunto como eu nunca tinha reparado nesse Portal! Parece realmente a entrada para um reino encantado!

- “Não precisamos do passaporte?!” – pergunto, lembrando-me das palavras da Fada Madrinha.

- “Vocês já me apresentaram seu passaporte para este Portal – a sua intenção de se abrirem para o desconhecido... que, na verdade, não é tão desconhecido, e sim esquecido. Venham, queridos! Sigam-me!”

Sinto-me como Alice no País das Maravilhas! Do outro lado do Portal, tudo é mais claro e brilhante. As cores são muito mais vivas e parece que tudo transpira amor e alegria. Não há dúvida que toda a natureza está cheia de vida! Sem dizer uma palavra sequer, todos nos recebem carinhosamente, como se fôssemos velhos amigos – as árvores, as flores, o riacho e até as pedras ao longo do caminho, todos nos envolvem num doce “abraço”, através do amor que irradiam para nós. Conforme vamos caminhando ao lado de Feliz, toda a natureza parece nos cumprimentar alegremente, como se fôssemos dois filhos queridos, que há muito estavam fora de casa e que agora retornam ao lar. Eu gostaria de ficar aqui para sempre!

Mais uma vez, Feliz lê meus pensamentos e fala:- “Você pode viver aqui para sempre, Angélica. Na verdade, este é o mundo real e você já vive aqui! Aquele mundo em que você pensa que vive, não passa de um reflexo embaçado deste mundo. É como se você estivesse sempre olhando para um espelho muito velho, enxergando um reflexo distorcido da imagem real e acreditando que esse reflexo é a imagem verdadeira. Isso não acontece só com você, mas com a grande maioria dos seres humanos.”

- “Será possível?! O nosso mundo parece tão real!” – Olho para Pitágoras, em busca de alguma palavra que me apóie, mas ele está totalmente embevecido com a explicação do nosso anfitrião. Então digo:

- “Feliz... eu gostaria muito de acreditar no que você está me dizendo, mas não é esquisito que toda a humanidade esteja incorrendo no mesmo erro?!”

- “Erro?! Quem falou que isso é um erro? Isto é simplesmente um jogo, digamos assim... um jogo do qual vocês concordaram em participar, para que certas mudanças importantes ocorressem – mudanças que afetariam todo o universo. Só que vocês estão neste jogo há tanto tempo, já

*criaram tantas regras novas e já se envolveram tanto com ele, que se esqueceram que isto é um jogo. Mas agora está na hora desse jogo terminar e...*

- *“Você quer dizer que o mundo vai acabar?!”* – pergunto, temendo a resposta que ele possa me dar.

- *“Hummm! Que pergunta interessante! Ela dá margem a longas reflexões.”* – diz o anãozinho misteriosamente.

- *“A mim, parece uma pergunta bem objetiva!”* – Pitágoras contesta – *“A resposta ou é ‘sim’, ou é ‘não’. Que outra resposta poderia haver, além dessas?!”*

- *“Você não está fazendo jus ao seu nome, rapaz!”* – o anãozinho fala, com ar brincalhão – *“O grande filósofo teria se deliciado com essa pergunta!... ‘O mundo vai acabar?’... Pense um pouco. Ou melhor, não pense! Relaxe a sua mente. Em vez de se esforçar em busca de idéias, relaxe a mente e deixe que as idéias venham espontaneamente até você... Que tal nos sentarmos um pouco? Aqui é um ótimo lugar para isso!”*

Realmente! A grama parece um tapete verde e macio entre as árvores que formam um recanto acolhedor e sombreado, junto a um lago de água cristalina e serena. Feliz nos faz sentar à beira do lago, de modo que possamos ver a nossa imagem refletida nele. Por alguns instantes, ele não fala nada, só fica mirando-se naquele espelho de água, fazendo caretas e micagens que nos fazem rolar de rir! De repente ele nos pergunta:

- *“Estão vendo esse palhaço aí dentro do lago?”*

Fazemos que sim com nossas cabeças, pois nossas gargalhadas não nos deixam articular nenhuma palavra. Ele continua, como se estivesse falando com duas crianças:

- *“Vocês acham que ele é de verdade ou de mentira?”*

- *“De mentira!”* – respondemos, numa só voz.

- *“Por quê?!”* – ele pergunta como se estivesse totalmente surpreso com a nossa resposta, o que nos faz rir mais ainda – *“Por quê? Por quê?”* – ele insiste, até que Pitágoras toma fôlego e consegue dizer alguma coisa.

- *“Porque ele é só uma imagem refletida do verdadeiro palhaço que está aqui fora.”*

- *“Mas, os dois são iguaizinhos! Como você pode saber que o verdadeiro é o que está aqui fora e não o que está lá dentro?”*

- *“Porque, se tirarmos a água do lago, aquele que parece estar lá dentro vai desaparecer, enquanto este aqui não.”*

- *“Muito bem! Muito bem!”* – Feliz pula e bate palmas. E volta-se para mim:

- *“Digamos que exista uma espécie de espelho entre o mundo em que vocês pensam que vivem e o mundo real. Lembra-se que falamos que o seu mundo é um reflexo distorcido do mundo real? Então, o que aconteceria se tirássemos esse espelho do meio dos dois?”*

- *“O nosso mundo desapareceria.”* – respondo, ainda sem entender completamente onde ele quer chegar.

- *“E o que aconteceria com vocês – a Angélica e o Pitágoras de verdade – e com todas as pessoas de verdade do mundo?”*

- *“Não aconteceria nada!”* – respondo, feliz com a minha conclusão.

- *“E com o mundo de verdade?”*

- *“Também não aconteceria nada!”*

Satisfeito com as minhas respostas, Feliz volta-se para Pitágoras e pergunta:

- *“E então, filósofo, o mundo vai acabar? Sim ou não?”*

Meu amigo sorri e responde:- *“OK, mestre, você venceu!”*

Levantamo-nos e continuamos a nossa caminhada. Sinto-me tão bem! Tão em casa! Mas ainda fico me perguntando como e por que nós entramos nesse tal jogo e de que jeito vamos sair dele. Já não me surpreendo mais quando Feliz adivinha meus pensamentos:

- *“Meus queridos, tenham um pouco mais de paciência, pois logo chegaremos à Cidade das Pedras e lá vocês vão poder obter as respostas a todas as suas dúvidas e questionamentos.*

De repente lembro-me da minha mãe.

- “Devia ter trazido meu celular!” – digo, apreensiva – “Pitágoras, você trouxe o seu?”

- “Celular?!” – Feliz pergunta, quase sem poder conter a risada – “Para que você quer um celular, Angélica?!”

- “Nós dois saímos para uma curta caminhada depois do almoço e acabamos vindo para cá, atrás de você. Agora você diz que vamos até a Cidade das Pedras... não sei onde é isso, mas, pelo jeito, ainda vamos demorar muito por aqui. Preciso avisar a minha mãe, porque ela já deve estar preocupada com o nosso sumiço!”

- “Ah... não é preciso. O tempo aqui não é igual ao tempo do outro lado. Você nunca teve um sonho comprido, cheio de aventuras, para depois acordar e perceber que se passaram apenas alguns minutos? Aqui é a mesma coisa, querida. Com a diferença de que isto não é um sonho – o que é um sonho é aquilo que vocês chamam realidade.”

Começo a ficar com um pouco de medo de ter entrado numa fria... E se esse anão for um maluco? E se ele estiver nos levando para um lugar de onde nunca mais poderemos voltar? Quem me garante que ele está dizendo a verdade?

- “Se este é o mundo real, como você diz, onde estão as pessoas? Até agora não vimos ninguém. Ou será que no mundo real não existe gente?” – pergunto, desafiadoramente.

- “Claro que existe! Todas as pessoas do seu mundo estão aqui!”

- “Como podem estar em dois lugares ao mesmo tempo?”

- “Elas não estão em dois lugares, elas só estão aqui. O que está lá é a imagem refletida delas. O que acontece é que as pessoas se identificaram de tal modo com essa imagem, que esqueceram quem realmente são! Por isso você não vê ninguém por aqui... é como se todos estivessem dormindo um sono de séculos, acreditando que são o personagem do seu próprio sonho. Enquanto eles não tiverem vontade de despertar, vão continuar nesse estado.”

Penso nas palavras da minha Fada Madrinha:- “Pode abrir os olhos, que você não vai perder o que você está chamando de sonho... quando eu digo ‘despertar’, na verdade estou querendo dizer ‘lembrar’. Está na hora de você se lembrar de quem você realmente é.” – Talvez o anãozinho não esteja tão errado...

Ele continua:- “Mas algumas pessoas já estão despertando... na verdade, muitas! E logo este mundo estará novamente vibrando com a vida e o calor de todas as pessoas. Não vejo a hora disto acontecer!!! Enquanto isso, vou lhe mostrar alguns seres humanos, para você não ficar tão desconfiada.”

Olho para os lados, procurando Pitágoras. Ai, meu Deus! Será que ele desapareceu?! Um frio percorre toda a minha coluna vertebral. Parece que vou desmaiar, de tanto medo!

- “Querida menina” – Feliz fala docemente, procurando me acalmar – “O medo não condiz com a energia do mundo real. Enquanto você se deixar levar por esse sentimento, você não poderá entrar na Terra do Sempre. Lembra que o passaporte para a Terra do Sempre é a alegria? A alegria é uma das manifestações do amor. E onde há amor não existe medo.”

Mas estou com tanto medo, que já nem sei mais se quero ir para essa tal Terra do Sempre. Onde é que eu estava com a cabeça, quando fui aceitar entrar nesta aventura? Agora estou aqui, num lugar que nem sei onde fica, sozinha com um anão de contos de fadas, sem celular... De repente ouço risadas de crianças e então meu coração se aquece.

- “Angélica! Angélica!” – as crianças gritam, enquanto correm ao meu encontro. Atrás delas, vem Pitágoras, dando aquelas suas piruetas de circo.

- “Cristina! Cristiano! O que vocês estão fazendo aqui?!” – exclamo surpresa e lanço um olhar acusador para Feliz, imaginando que ele deve ter seqüestrado as crianças também. Os gêmeos me abraçam e me beijam efusivamente, contentes por me encontrarem ali.

- “O que vocês estão fazendo aqui?” – repito e os dois respondem ao mesmo tempo:

- “Nós moramos aqui!”

- “Vocês moram aqui?!” – pergunto e volto a lançar um olhar inquisidor para o anão, que me responde sorrindo satisfeito:

- “Esses são alguns dos seres humanos que eu ia lhe apresentar... como falei há pouco.”

Volto-me novamente para as crianças:

- “Então, onde está a sua casa? Onde estão seus pais?”

Eles apontam para um bosque atrás de mim e Cristiano fala:

- “Nossa casa fica naquela montanha, depois do bosque. Estávamos brincando no terraço, quando vimos o Pitágoras passeando por ali e descemos correndo para encontrar com ele!”

- “E os seus pais?” – insisto, ainda desconfiada.

- “Bem...” – diz a menina, meio sem jeito – “... nossos pais estão dormindo. Eles ainda não acordaram de uma vez. Às vezes eles têm vontade de acordar, aí eles abrem os olhos, olham para tudo, acham tudo lindo e interessante... mas logo voltam a dormir de novo. Acho que ainda gostam de ficar naquele sonho.”

- “Mas, e vocês? Como é que ficam? Moram lá e aqui ao mesmo tempo?”

- “Nós só moramos aqui, quem mora lá são os nossos reflexos... mas eles não são de verdade. Nossos pais pensam que são, mas não são.”

- “E quem cuida de vocês aqui, se seus pais estão sempre dormindo?”

- “Aqui a gente não precisa de muitos cuidados... a gente tem tudo que precisa pra viver. E não existem perigos aqui. Todos são amigos, todos são amorosos, todos cuidam de todos.”

Isto está me parecendo o Paraíso! Acho que agora quem está sonhando sou eu!

- “Pitágoras, diga alguma coisa!” – falo, irritada com a passividade dele! Ele se espanta com a meu tom e pergunta:

- “Alguma coisa sobre o quê?!”

- “Sobre tudo isto, oras!”

- “Acho que estamos encontrando as respostas aos nossos questionamentos! Estou encantado com tudo!”

As crianças percebem o meu mal-estar e perguntam alegremente:

- “Você gostaria de conhecer a nossa casa?”

- “Boa idéia!” – diz o anãozinho – “Angélica está precisando espairecer um pouco. Podemos deixar nosso passeio à Cidade das Pedras para mais tarde. Quando voltarem, estarei aqui à sua espera.”

- “Claro que quero!” – respondo, aliviada! – “Pitágoras pode ir também?”

Os dois olham para Pitágoras, fingindo que estão pensando se vão ou não convidá-lo. E ele finge estar tenso, à espera do veredicto... Logo os dois pulam nos braços do meu amigo, gritando:

- “Pode! Pode! Pode!”

Despedimo-nos de Feliz e nos embrenhamos no bosque, tomando um caminho estreito que leva ao alto da montanha. Depois de caminhar um pouco, avistamos a casa dos gêmeos ao longe. Que estranho! Parece que já conheço essa casa!

Num instante chegamos lá. A porta de entrada está aberta e nos leva a uma sala decorada de forma muito aconchegante. Antes de nos sentarmos, Cristiano diz sorrindo, com jeito de quem está querendo nos fazer uma surpresa ou nos pregar uma peça:

- “Venham ver que vista bonita temos aqui do terraço!” – e fica olhando para mim, para ver a minha reação.

Quando chego no terraço, quase perco o fôlego! Eu já estive aqui antes!... Mas, quando?! As crianças caem na risada... elas sabem de algo que eu não sei. Pitágoras fica olhando para nós três, sem entender nada.

Cristina me diz, docemente:- “Preste atenção no seu coração. Perceba como ele está agora.”

Então volta-me a imagem daquele sonho com o coração e vejo-me num terraço de uma casa de montanha, de onde enxergo um bosque à minha direita e um rio à esquerda, que desce a montanha e perde-se de vista atrás de umas pedras muito grandes. Sinto o coração tranquilo, batendo ao ritmo de uma música suave e harmoniosa.

Cristiano tira-me do meu devaneio, apontando para aquelas pedras enormes, lá embaixo:

- “Lá é a Cidade das Pedras. Para entrar, vocês vão precisar deixar algumas coisas para trás... Feliz vai falar sobre isso com vocês.”

- “Cristiano...” – digo, totalmente recuperada dos meus medos, mas ainda não entendendo direito o que está acontecendo – “... como você sabia do meu sonho?”

Ele e a irmãzinha começam a rir de novo, mas logo Cristiano se recompõem e me explica:

- “Vocês sempre confundem sonho e realidade. Quando estão sonhando, acham que estão vivendo de verdade, e quando estão vivendo de verdade, acham que estão sonhando!... Aquilo não era um sonho. Você estava aqui mesmo! Você veio ver como é viver no mundo real, para poder fazer sua escolha.”

- “Escolha?!”

- “É. A Fada não falou pra você escolher com o coração? Então! Por isso seu coração lhe mostrou algumas cenas do mundo real e outras do mundo de mentira, onde você pensa que vive... E mostrou como ele se sente em cada uma delas.”

Como essas crianças podem ser tão sábias?!

De repente parece que Pitágoras começa a entender tudo aquilo... e muito mais. Cheio de entusiasmo, ele se volta para mim e desanda a falar e gesticular:

- “Lembra o que você me disse naquele meu sonho?... Ou melhor... talvez não fosse um sonho. Provavelmente estávamos no mundo real, quando você me mostrou aquelas bolas de energia, que iam se abrindo como uma flor, apresentando-me cenas em que eu era o protagonista, cada uma trazendo-me um sentimento diferente. Você me disse:- ‘Tudo isso existe como potencial. Cabe a você escolher aquilo que você quer para si mesmo e trazer isso para a sua realidade.’ Na verdade, o que você queria dizer é que eu poderia ir no mundo real e buscar o potencial que eu queria vivenciar no meu estado de sonho... que eu penso que é a realidade! Uau! Que maravilha!”

- “Que loucura!” – digo – “Estou começando a embaralhar as minhas idéias.”

- “Então, vamos fazer um lanchinho!” – diz Cristiano, levando-nos de volta para a sala – “Vocês devem estar com fome.”

Para nossa surpresa, a mesa está posta com todas as delícias que se possa imaginar, numa casa habitada por crianças. Quem teria feito tudo aquilo? Quem teria arrumado a mesa? E quem seriam os outros convidados, já que há muito mais do que quatro lugares à mesa. Prefiro não perguntar nada e deixar as coisas acontecerem.

Ao toque de um sino, a sala se enche de crianças, alegres e cheias de vida! Os gêmeos nos apresentam a elas e cada uma vem nos dar um abraço de boas-vindas. Parecem realmente felizes com a nossa presença!

- “É difícil encontrar um adulto por aqui.” – diz uma delas. “Quase todos estão dormindo!”

- “A Angélica e o Pitágoras vão trabalhar com a gente!” – Cristiano anuncia, para nossa surpresa. Percebendo o nosso espanto, o menino pergunta:

- “Agora que vocês já sabem a verdade, não vão querer ajudar os outros a descobrirem também? Esse é o nosso trabalho.”

- “Sim... não... quero dizer... você acha que alguém vai acreditar em nós?”

Mal pronuncio estas palavras, volta-me à mente aquele momento no parque, quando pergunto aos gêmeos:- “Se eu não sou Angélica, então quem eu sou? Ou o que eu sou?” e Cristina me responde:- “Se a gente contar, você não vai acreditar. Você tem que descobrir sozinha. Não estamos aqui para contar quem você é, mas para ajudar você a descobrir sozinha...”. Então, é isso que eu vou ter que fazer... Só que... Pitágoras tira-me as palavras da boca:

- “Só que ainda não sabemos exatamente quem nós somos, ou o que nós somos na realidade. Isto ainda está meio obscuro para nós. Como vamos poder ajudar os outros, se nós mesmos ainda não temos todas as respostas?”

- “Vocês não precisam ter todas as respostas, porque vocês não vão ter que responder nada pra ninguém.” – diz uma das meninas – “Vocês simplesmente vão deixar as pessoas curiosas e elas mesmas vão correr atrás das respostas... Não foi assim que aconteceu com vocês?”

Criançada esperta!!! Mas ainda não sei como vamos fazer isso.

Antes que eu possa dizer alguma coisa, um garotinho responde:

- “Não esquentem a cabeça! Vocês não vão ter que fazer nada de especial – simplesmente sejam quem vocês realmente são, porque com isso vocês já vão deixar as pessoas curiosas.”

Eu e Pitágoras ficamos pensativos, imaginando como isso poderá acontecer... mas já estamos aprendendo a deixar as coisas fluírem, sem raciocinar muito a respeito delas. Então, relaxamos e nos deixamos levar pela alegria e descontração das crianças

- *“Vamos comemorar!”* – diz um dos meninos, e todos saímos atrás dele para um pátio ensolarado, rodeado de flores das mais diversas cores. Num piscar de olhos, todos se dão as mãos, deixando-me no centro da roda, e começam a cantar uma canção divertida. Pitágoras percebe o meu embaraço e entra na roda, tirando-me para dançar. E assim ficamos, não sei quanto tempo, dançando, cantando e nos divertindo como crianças. Meu coração está feliz.

As crianças voltam para seus lares, e nós nos despedimos dos gêmeos, descendo a montanha para reencontrar Feliz. Estou envergonhada por ter desconfiado dele, mas sei que ele não vai ficar zangado comigo... Afinal, ele é o Feliz e não o Zangado!

- *“Que bom que vocês voltaram!”* – ele nos recebe com sincero carinho – *“Estão prontos para seguir para a Cidade das Pedras?”*

- *“Querido Feliz..”* – respondo delicadamente – *“... desejamos muito conhecer essa cidade, mas estou realmente preocupada com os meus pais. Já faz muito tempo que saímos de casa e eles devem estar... Sim, você já nos explicou que o tempo aqui não é igual ao de lá, mas mesmo assim, eu gostaria de voltar e ficar um pouco com eles.”*

- *“Vocês é que decidem! Quando quiserem, podem encontrar-me naquele mesmo lugar. Estarei lá, à sua espera.”*

E, dizendo isso, desaparece.

- *“Espere! Como fazemos para voltar para casa?!”* – pergunto assustada.

- *“Olhe, Angélica!”* – Pitágoras me chama a atenção, tão espantado quanto eu, ao descobrir que estamos recostados naquela grande pedra, como se nada tivesse acontecido! A única diferença é que agora o sol está queimando... não há mais sombra. Não há mais sombra?!

- *“Pitágoras! As árvores foram embora!!!”*

- *“Que árvores? Como?!”*

- *“As árvores do Portal! O Portal sumiu!”*

Olhamos para todos os lados. Estamos no mesmo lugar, a pedra é a mesma, a vegetação é a mesma... mas o Portal não está mais lá!

Será que estivemos sonhando? Será possível que nós dois tivemos o mesmo sonho? Exatamente igual?

Encontramos meus pais sentados na varanda, conversando animadamente com um senhor de barbas grisalhas e aspecto imponente. Ao me ver, ele abre os braços carinhosamente e vem ao meu encontro sorrindo:- *“Angélica querida! Você se transformou numa linda mulher!”*

Só então reconheço o tio Guilherme, irmão mais velho do meu pai. Não o via desde criança, mas lembro-me que ele sempre me causou uma impressão forte, pelo seu jeito independente, aventureiro e totalmente fora dos padrões.

- *“Tio Guilherme! Por onde você andou todo esse tempo?!”* – pergunto abraçando-o com saudades.

- *“Você nem pode imaginar, menina!”* – E então olha para Pitágoras e me diz, fingindo-se surpreso – *“Não me diga que você já se casou?”*

- *“Não, tio, este é um amigo querido, que veio me fazer companhia nesta visita aos meus pais. Pitágoras, este é meu tio Guilherme.”*

- *“Que belo nome, rapaz! Você sabe quem foi Pitágoras?... E não me venha dizer que é o nome de um teorema!”* – e ri aquela sua risada escancarada.

Pitágoras ri também e conta o caso do seu nome. Quando ele fala do seu profundo interesse por Numerologia, meu tio se entusiasma todo!

- *“Os números têm algo que me fascina! Apesar de serem utilizados normalmente de uma forma prática e lógica, tenho certeza que eles têm um lado ‘mágico’, que a maioria de nós desconhece. Pitágoras utilizava os números para simbolizar alguns conceitos abstratos... e sinto que ele estava no caminho certo. Ele comparava os números a ‘deuses’, pois considerava que os*

números, assim como os deuses, tinham um aspecto imaterial e independente, que os distinguia dos mortais, presos à tridimensionalidade. Quem sabe se, no fundo, esses tais ‘deuses’ não representavam o nosso próprio aspecto imaterial e imortal?”

- “Então, o senhor acredita que não somos apenas matéria.”

- “Sem dúvida!!! Acredito que somos seres espirituais ilimitados, disfarçados de seres humanos, experimentando viver dentro dos limites de um corpo físico... Ainda não entendi muito bem a graça dessa brincadeira, mas deve haver um propósito maior nisso, que nós ainda não sabemos... ou talvez saibamos, mas não nos lembremos.”

Nesse momento, minha mãe se levanta para ir preparar um suco para nós e eu acompanho-a até a cozinha.

- “Você não me falou que tio Guilherme também vinha passar uns dias aqui.” – comento.

- “Eu não sabia. Ele apareceu de repente... como é do seu feitio. Mas acho que vai ser ótimo, pois ele é uma companhia super agradável... E não se preocupe, porque temos lugar para acomodar todos vocês nesta casa!”

- “Que bom! Estou muito contente de reencontrá-lo. Sempre gostei muito dele... ele sempre me pareceu uma figura misteriosa, mas extremamente simpática! Acho que ele e Pitágoras vão se dar bem.”

- “Também tenho essa impressão.” – Minha mãe concorda e, mudando bruscamente de assunto, pergunta-me quase sussurrando:- “Vocês passaram pelo Portal do Espelho?”

- “Hã?!” – Pega de surpresa, fico sem saber o que responder e falo a primeira coisa que me vem à cabeça:- “Por que você está me perguntando isso?!”

- “Porque vocês voltaram diferentes de como saíram daqui. Seu olhar está diferente, seus modos estão diferentes... toda sua energia está diferente.”

Como a minha mãe pode ser sensível a ponto de perceber uma mudança tão sutil? Ou será que está tão evidente assim?!... Mas, se ela está perguntando isso, quer dizer que aquilo tudo aconteceu mesmo!... E que ela também já deve ter passado por essa experiência!

- “Então você sabia da existência desse Portal!” – digo-lhe, mais uma vez sentindo-me traída por ela nunca ter me falado nada a respeito. Percebendo o meu aborrecimento, ela fala, carinhosamente:

- “Você já se esqueceu das histórias que eu lhe contava quando era criança? Do anãozinho que guardava a entrada para um reino encantado, onde tudo era paz, alegria, felicidade, onde não existia injeção, nem bife de fígado... lembra?”

- “Claro!” – dou risada, ao lembrar do bife de fígado. Ela sempre acrescentava esse detalhe à sua história, porque sabia que eu detestava bife de fígado – “Você estava falando disto?!... Mas, naquele tempo, a gente morava na cidade! A gente nem conhecia este sítio. Como é que você podia saber da existência desse Portal?”

- “E quem disse que esse Portal está localizado neste sítio?”

- “Eu estou dizendo! Porque eu o atravessei hoje e ele estava dentro do sítio!”

- “Falou certo, querida... ‘estava’... ou melhor, parecia estar, porque é um Portal interdimensional e, portanto, não é limitado pelo espaço nem pelo tempo.”

- “Então é por isso que ele aparentemente desapareceu!”

Fico muito feliz por estar podendo conversar com a minha mãe sobre estas coisas! Não podia imaginar que ela fosse tão aberta a essas questões “esquisitas”.

- “Mãe, e se eu quiser encontrar o anãozinho de novo?... É que ele ficou de nos levar a um outro lugar... Como vamos fazer, se o Portal não está mais lá?”

- “Com a intenção, querida. Quando vocês tiverem a intenção sincera de encontrá-lo e segui-lo até esse outro lugar, ele aparecerá para acompanhá-los até lá.”

Sim, ele falou sobre a intenção, quando lhe perguntei se não precisávamos de um passaporte para atravessar o Portal:- “Vocês já me apresentaram seu passaporte – a sua intenção de se abrirem para o desconhecido... que, na verdade, não é tão desconhecido, e sim esquecido.”

“Você acha mesmo que isto que estamos vivendo é uma espécie de sonho?” – pergunto.

- “Acho, mas...”

- *“As duas foram cochichar lá na cozinha e se esqueceram que estamos com sede!”* – ouvimos os homens reclamando lá na varanda. Apesar de percebermos seu tom de brincadeira, resolvemos voltar com os sucos e deixar a nossa conversa para mais tarde.

Mas, enquanto colocamos os copos na bandeja, minha mãe completa o que começara a me dizer:- *“Sinto que está na hora de despertarmos desse sonho e percebermos que não precisamos mais das doenças, da pobreza, dos conflitos, das tragédias, pois somos seres perfeitos, criados para viver em paz, amor, saúde, abundância, alegria e tudo que há de bom. Muitas pessoas já estão nesse processo de despertar e, quando um grande número de pessoas acordar desse sonho, a paz voltará a reinar sobre a Terra... e acredito que ainda estaremos vivos para ver isso acontecer!”*

Que bom ouvir estas palavras! Elas enchem meu coração de amor e esperança!

Ao nos ver com a bandeja de sucos, tio Guilherme faz cara de coitado e, fingindo-se rouco, diz - *“Finalmente! Já perdemos a voz, de tanta sede!”*

- *“Exagerado!”* – diz minha mãe, rindo – *“Duvido que você estivesse quieto... Pitágoras, diga a verdade – meu cunhado estava mesmo mudo? Não consigo imaginá-lo de boca fechada”*

Pitágoras, então, começa a falar por mímica, como se ele mesmo tivesse perdido a voz. Tio Guilherme não se agüenta e dá uma das suas sonoras gargalhadas. Todos nós caímos na risada, com a reação inesperada do meu amigo.

- *“Angélica, vamos servir logo esses homens, antes que eles desmaiem de sede!”* – minha mãe me diz, ainda rindo, enquanto vai enchendo os copos com o suco refrescante – *“Sirva o seu pai primeiro, que é o mais comportado dos três.”*

- *“Obrigado, querida!”* – meu pai agradece e vira o copo de suco de uma só vez, olhando para os outros dois para lhes fazer inveja, enquanto eles continuam encenando os quase-mortos de sede, implorando por um copo daquele líquido precioso – *“Agora é melhor servir esses dois infelizes!”*

Inflando o peito e reassumindo seu vozeirão, tio Guilherme dirige-se para a minha mãe:

- *“Maria Clara, minha querida cunhada, o seu suco me trouxe novas forças!”* – e, voltando-se para Pitágoras – *“Agora que estamos reabastecidos, podemos continuar o nosso papo... O meu interesse por Geologia começou bem cedo, quando eu ainda era criança. Naquele tempo, eu já adorava viajar e ficar observando os contornos das montanhas, os diferentes tons e texturas da terra, as formações rochosas...”*

- *“Ele adorava catar pedrinhas...”* – meu pai interrompe-o – *“... e levava tudo para casa, abarrotando os nosso armários.”*

- *“Eram os meus brinquedos preferidos! Eu tinha muito mais pedras do que carrinhos, por exemplo. Às vezes eu me apaixonava por uma determinada pedra e passava horas trocando idéias com ela.”*

- *“O senhor conversava com elas?”* – Pitágoras pergunta, sem nenhum tom de crítica. Mas, meu pai não se agüenta e aproveita para mexer com seu irmão:

- *“Ele sempre foi meio maluquinho!”*

Mas meu tio finge não ter escutado e responde:

- *“Conversava... a meu modo. Eu ficava observando a pedra e imaginando toda a sua história. Uma vez, por exemplo, eu encontrei uma pedra bem redondinha – uma esfera perfeita e lisinha – na beira de um riacho, na fazenda do meu avô. Fiquei muito impressionado com ela, porque nunca tinha visto uma pedra assim. Será que ela havia nascido daquele jeito?! Será que algum artista a tinha esculpido? Ou será que aquilo não era uma pedra, e sim um ovo de alguma ave pré-histórica?... Essas dúvidas me perturbavam tanto, que eu achei melhor fazer essas perguntas para a própria pedra...”*

- *“Por que não foi perguntar para o pai?!”* – meu pai interrompe mais uma vez – *“Seria muito mais lógico!”*

- *“O pai estava sempre trabalhando e eu precisava da resposta na hora. Além disso, sabe como é criança – criança não tem muita noção do que é lógico ou ilógico, do que é possível ou impossível. Aliás, criança não se preocupa nenhum pouco com isso! Provavelmente eu achava que*

a pedra me daria uma resposta mais exata, o que não deixa de ser um pensamento bem razoável, não acha, Osvaldo?

- “Hmm...” – meu pai responde, sem dizer sim nem não, mas curioso para saber o fim da história – “E daí? Ela falou alguma coisa ou não?”

- “Falar, do jeito que nós falamos, ela não falou... afinal, ela não tinha boca, não é?”

Dou risada, lembrando da minha conversa com Feliz. Meu tio continua:

- “Mas, de alguma forma, ela se comunicou comigo e me contou a sua história. Ela era filha de uma pedra muito grande, que vivia junto à nascente, no alto da montanha. De tanto a água bater nessa pedra, ela foi se quebrando e se repartindo em vários pedaços... formando diversos filhotes, dos quais a minha pedra era um. E esses filhotes foram levados pela correnteza, batendo nas pedras maiores e rolando pelo leito arenoso do riacho. Dessa forma, eles foram sendo esculpidos e assim a minha pedra acabou ficando redondinha daquele jeito.”

- “Um seixo rolado!” – digo, dando-me conta do significado dessa expressão – “Só agora caiu a ficha!”

Meus pais pedem licença para darem uma saidinha:- “Precisamos ir até a cidade, fazer algumas compras no mercado, mas logo estaremos de volta. Guilherme, espero que não se importe...”

- “De jeito nenhum! Estarei em ótima companhia!” – e, voltando-se para nós dois, continua:

- “Foi assim que eu aprendi a conversar com as pedras – uma espécie de comunicação telepática. As pedras têm muito a nos ensinar! Imaginem há quantos séculos elas existem sobre a face da Terra; imaginem quantas coisas elas já presenciaram! Vocês acham que elas ficaram ali paradas, só olhando? Não! Elas registraram todos os acontecimentos... tudo está arquivado no corpo de uma pedra.”

Essa conversa me dá uma vontade enorme de fazer uma pergunta ao tio Guilherme, mas fico me questionando se devo ou não... eu teria que falar sobre o anãozinho e não sei como meu tio encararia isso. Mas Pitágoras, sem mais rodeios, faz a pergunta por mim:

- “O senhor já ouviu falar da Cidade das Pedras?”

Para o nosso espanto, meu tio leva um susto e fica mudo durante alguns segundos, fitando-nos com um olhar incrédulo. Finalmente, mudando totalmente o tom de voz, fala como uma criança que acaba de ver Papai Noel em pessoa:

- “Então, essa cidade existe mesmo?”

- “Bem...” – Pitágoras responde, cuidando para não quebrar aquele encanto – “Acho que sim, porque fomos convidados a visitá-la.”

- “Quando? Quem? Como?” – meu tio mal consegue conter a excitação.

Pitágoras olha para mim, como quem diz:- “E agora? Conto ou não conto?”

- “Tio...” – digo, medindo as palavras – “Acabamos de passar por uma experiência muito interessante, embora um tanto fantástica...”

- “Conte-me, por favor!” – ele quase implora.

- “Hoje, depois do almoço, saímos para dar uma caminhada e...” – com a ajuda de Pitágoras, vou tentando colocar em palavras aquilo que vivenciamos atrás do Portal do Espelho. Meu tio ouve com a maior atenção e interesse, sem nos interromper. Quando terminamos, ele pergunta:

- “E quando vocês pretendem ir à Cidade das Pedras?”

- “Na verdade, ainda nem tivemos tempo de pensar sobre isso... ainda estamos nos perguntando se essa experiência foi real ou se foi um sonho a dois.” – respondo.

- “Meus queridos sobrinhos, tenho certeza que foi real e espero que resolvam voltar a encontrar esse anão logo, porque quero ir com vocês!”

Eu e Pitágoras olhamos um para o outro, totalmente surpresos com essa reação do meu tio! Ao mesmo tempo, sentimo-nos mais seguros em relação ao que passamos esta tarde, agora que temos o apoio dele. Pensando bem, seria muito interessante ter a sua companhia durante a nossa próxima viagem. Pitágoras se entusiasma com a idéia e fala:

- “Se a Angélica topar – e o senhor também – podemos ir amanhã de manhã!”

- *“Por mim, eu iria agora mesmo!”* – diz meu tio – *“Mas acho que você tem razão de querer ir amanhã cedo, pois daqui a poucas horas já vai começar a escurecer. Amanhã teremos mais tempo para desfrutar desse passeio! E você, Angélica, o que nos diz?”*

- *“Para mim, está bem, podemos sair logo depois do café da manhã. Só tem um porém – o Portal desapareceu, lembram? Então, como vamos fazer para encontrar Feliz?”*

- *“Ele não falou que estaria lá, naquele mesmo lugar, quando vocês resolvessem continuar a viagem? Então, vamos até lá, porque ele deve aparecer, com Portal ou sem Portal.”*

- *“Tem razão, tio, podemos tentar... Agora, satisfaça-me uma curiosidade: onde você ouviu falar da Cidade das Pedras?”*

- *“Eu nunca ouvi falar dela, eu a vi – eu tive um sonho muito real, em que eu chegava nessa cidade, em busca de uma informação muito importante. Já tentei de todos os modos me lembrar que tipo de informação era essa, mas não consegui. Mas, ainda me lembro da emoção que eu senti ao chegar lá... ao me deparar com aquele círculo de pedras pontudas, que irradiavam uma energia tão forte, que fazia todo meu corpo vibrar! Quanto mais eu me aproximava desse círculo, mais forte o meu corpo vibrava. Até que eu desmaiei... e acordei na minha cama! A frustração que eu senti, ninguém pode imaginar! Eu não queria admitir que aquilo tivesse sido apenas um sonho... aliás, nunca admiti, andei procurando por toda parte essa tal cidade, mas ninguém nunca tinha ouvido falar dela... até este momento. Ainda não acredito que eu possa estar tão perto dela, agora! Mal posso esperar que chegue o dia de amanhã!”*

Antes das nove da noite, já estamos indo nos deitar, realmente cansados de tantas emoções e experiências diferentes que vivemos neste dia. Ao desejarmos boa noite para meu tio, ele diz para Pitágoras:- *“Vamos parar com essa história de ‘senhor’ para cá, ‘senhor’ para lá. Pode me chamar de Guilherme... ou tio, se preferir. Afinal, somos companheiros de aventura, não é?”*

Pitágoras sorri, concordando:- *“OK! Até amanhã, tio! Espero que consiga dormir!”*

- *“Bom dia, Maria Clara! Bom dia, jovens!”* – tio Guilherme nos cumprimenta bem-humorado e senta-se conosco para tomar o delicioso café da manhã que minha mãe preparou para nós – *“E o Osvaldo, onde está?”*

- *“Já saiu! Tinha que resolver algumas coisas na cidade e achou melhor ir logo cedo para poder estar aqui antes do almoço e nos fazer companhia.”*

Nós três nos entreolhamos, engolindo em seco, com certeza pensando a mesma coisa – será que estaremos de volta para o almoço? Mas, nenhum de nós fala nada. Minha mãe, naturalmente, percebe os nossos olhares, mas finge-se de boba. Fico me perguntando se ela não gostaria de ir conosco...

Enquanto ajudo-a a tirar a mesa, resolvo me abrir com ela:- *“Mãe, resolvemos tentar encontrar o anãozinho do Portal de novo. Tio Guilherme está muito interessado nessa história e quer ir conosco.”*

- *“Não é de se espantar. Seu tio adora uma aventura!”*

- *“E você? Não gostaria de ir também?”*

- *“Obrigada, Angélica, mas tenho muito o que fazer aqui hoje. Além disso, imagine se o seu pai chega e não encontra nenhum de nós. Vai ficar mais do que preocupado! E sem saber onde nos procurar!”*

- *“Tem razão... se bem que acho que você não deveria se privar de certas coisas por causa dele. Podemos deixar-lhe um bilhete, ou avisá-lo pelo celular que resolvemos sair para um passeio...”*

- *“Não estou me privando de nada por causa dele, querida – na verdade, estou conscientemente escolhendo não ir. Sei que provavelmente vocês vão passar por experiências interessantíssimas, mas hoje prefiro ficar aqui em casa, cuidando dos meus afazeres.”*

- *“Que pena! Mas entendo... cada um no seu próprio tempo, não é?”*

Tio Guilherme entra na cozinha, equilibrando alguns pratos, talheres e guardanapos. Atrás dele, vem Pitágoras, carregado de xícaras e tudo que ele pode trazer da mesa.

- *“Os dois estão mesmo com pressa de ir passear, hein?!”* – minha mãe comenta, rindo com

a falta de jeito deles.

- *“Estou louco para dar uma caminhada e desenferrujar as minhas pernas.”* – diz meu tio, sem desconfiar que sua cunhada sabe muito bem qual é o motivo da sua pressa.

Tomamos o mesmo caminho de ontem, andando quase sem falar, cada um voltado para os seus próprios pensamentos. Até que avistamos aquela mesma pedra. Olhamos em toda volta, na esperança de ver o Portal de novo, mas ele realmente não está mais lá.

- *“O que vamos fazer?”* – pergunto.

Pitágoras sugere:- *“Vamos chamá-lo. Ele disse que viria quando estivéssemos prontos... Vou contar até três e então a gente grita juntos – Feliz! – talvez assim ele nos escute... um... dois... três.”*

- *“FELIZ!!!* – gritamos a uma só voz e aguardamos alguns segundos.

- *“De novo! Um... dois... três – FELIZ!!!”* – mas nada do anão aparecer.

- *“Vamos tentar mais uma vez... quem sabe? Vamos lá... um... dois... três – FELIZ!!!”*

De repente percebemos o ridículo daquela situação e caímos na gargalhada! Três adultos berrando no meio da mata, chamando um dos anõezinhos da Branca de Neve! Imagino se os meus ex-colegas de trabalho me vissem agora! Com certeza não me reconheceriam... Na verdade, nem eu mesma estou me reconhecendo. Eu jamais poderia me imaginar numa situação como esta!

Pitágoras é o primeiro a se sentar na relva, encostando-se na pedra para descansar um pouco, em busca de uma inspiração sobre o que fazer agora. Eu e o tio Guilherme logo o imitamos. Quando estou abaixando-me para sentar, vejo, com o canto dos olhos, um vulto sentado perto de nós. Imediatamente olho para aquele lado e meus companheiros automaticamente fazem o mesmo. E, para nossa surpresa, lá está um jovem índio, sentado entre duas pedras compridas que não estavam ali antes! Parecem duas colunas e formam uma espécie de portal. O índio sorri para nós, quase se desculpando:

- *“Estavam esperando o Feliz, não é? Mas, se quiserem entrar na Cidade das Pedras, têm que passar por este Portal... e já que eu sou o guardião, eu mesmo posso acompanhar vocês.”*

- *“Mas, como você pode nos acompanhar, se você tem que ficar guardando o Portal?”* – pergunto e no mesmo instante me lembro que Feliz fez a mesma coisa... parece que tem algo de esquisito nessa história! Mas o índio explica:

- *“É um Portal interdimensional – assim como o Portal do Espelho, que vocês atravessaram ontem – então, ele não é visível para todas as pessoas. Na verdade, ele só é visível para aqueles que desejam sinceramente e estão abertos para penetrar no desconhecido... que nem é tão desconhecido, mas sim, esquecido.”*

Parece que já ouvi essa frase antes!

- *“Vamos entrar?”* – ele nos convida, levantando-se e indicando, com um gesto, que a passagem está aberta.

Mais do que depressa, atravessamos o Portal e seguimos pela estrada que se abre atrás dele. A paisagem aqui é completamente diferente daquela que Feliz nos apresentou. Tudo também é muito claro, as cores também são mais vivas do que no nosso mundo, mas há muito menos vegetação – a maior parte da paisagem é composta de pedras de todos os tamanhos e cores. E isso dá um ar um pouco mais sério a todo o ambiente. A energia é completamente diferente. Enquanto na paisagem de ontem tudo parecia muito fresco e jovem, na de hoje respira-se ancestralidade e sabedoria... fico admirada comigo mesma de estar percebendo essas diferenças!

- *“Vocês devem estar notando a diferença entre o lugar que vocês visitaram com Feliz e este, não é?”* – Este índio também lê nossos pensamentos! – *“È porque este lugar está impregnado de conhecimentos antiqüíssimos. É como uma imensa biblioteca! Cada pedrinha que encontramos no caminho tem uma história para contar... ou várias. Todas elas têm profundos conhecimentos sobre a história deste planeta e dos seus habitantes. Aqueles que conseguem entender a linguagem das pedras, podem acessar esses conhecimentos com facilidade, pois elas adoram transmiti-los para os seres humanos ...”* – e, ao dizer isso, olha fixamente para o tio Guilherme. Será que já o conhece?!

- *“Você tem razão, amigo...”* – diz meu tio, fascinado com esta conversa – *“... desde criança venho desenvolvendo essa habilidade e tenho aprendido muitas coisas importantes com elas!”*

- *“Quando uma pedra sente o interesse do ser humano por ela, sempre dá um jeito de se comunicar com ele. As pedras são verdadeiros mestres para quem se abre para os seus ensinamentos.”*

- *“E como fazemos para mostrar nosso interesse por elas?”* – pergunto.

- *“Não é preciso fazer nada, a não ser sentir verdadeiramente esse interesse. Elas percebem. A maioria das pessoas pensa que as pedras são seres inanimados, mas isso não é verdade. Elas são tão vivas quanto cada um de nós! Toda a natureza tem vida! O planeta Terra é um ser vivo! E as pedras fazem parte do corpo dele! Da mesma forma que as células do nosso corpo têm vida, as partes do corpo da Terra também têm.”*

- *“Se a história do nosso planeta e de toda a humanidade está registrada nas pedras, então deve haver uma relação entre as pedras e o nosso DNA...”* – Pitágoras arrisca.

O índio dá um sorriso de satisfação, mas não diz nem sim nem não.

- *“Claro!!!”* – meu tio exclama, como quem acaba de fazer uma descoberta incrível – *“No nosso DNA estão registradas todas as nossas heranças genéticas... De alguma forma, essas heranças acabam fazendo parte das heranças genéticas de toda a humanidade, ou seja, da história do ser humano na Terra. Então...”*

- *“Então as pedras são o DNA da Terra!”* – concluo rindo.

- *“Vocês estão bem próximos da verdade.”* – diz o índio misteriosamente.

Ficamos em silêncio, esperando que ele nos revele alguma coisa, mas ele se cala. Entendemos que ainda não é o momento de recebermos essa informação e então resolvo mudar de assunto:

- *“Gostaríamos de saber como você se chama. Você poderia nos dizer?”*

- *“Com todo prazer! Meu nome é Olho de Tigre.”*

- *“Que interessante! Você sabe qual a razão de ter recebido esse nome?”*

- *“Esse é o nome de uma pedra. Meu povo diz que quem possui um Olho de Tigre e o mantém sempre junto ao corpo, consegue olhar para dentro de si mesmo e enxergar os recursos que existem em seu próprio interior para a realização dos seus sonhos e para a cura do próprio corpo, quero dizer, a pessoa consegue entrar em contato com o seu poder pessoal. Meus pais acreditaram que, dando-me o nome dessa pedra, eu possuiria os dons que ela proporciona. E acho que eles tinham razão!”* – ele diz, sorrindo – *“Embora não tenha necessidade de usá-la sempre comigo, tenho um grande respeito e amor por essa pedra... assim como tenho por todas as outras!”*

Ele nem precisava ter dito isso, pois a forma com que ele se refere às pedras e olha para elas denunciam o grande amor e consideração que ele tem por elas. É evidente o prazer que ele sente em estar ali, servindo como guardião daquele espaço sagrado. Com certeza ele escolheu essa ocupação com o coração!

Tio Guilherme comenta:

- *“Nas minhas andanças por este mundo, tenho observado que os povos que vivem mais em contato com a natureza utilizam as pedras para os mais variados fins. Eu mesmo tenho experimentado usar cristais com finalidades curativas, com bons resultados. Mas, o que eu mais aprecio é segurar uma pedra por alguns instantes – especialmente quando estou muito agitado – e sentir minha mente se acalmar e a paz e o equilíbrio voltarem. Isso me faz sentir a ligação com a Mãe Terra e toda a segurança e conforto que ela me oferece.”*

- *“Esse é um ótimo exercício para tranquilizar a mente, o corpo e o espírito!”* – diz Olho de Tigre sorrindo. E sugere – *“Por que vocês não experimentam fazer isso agora? Vai ser muito bom para acalmar essa ansiedade que vocês estão sentindo e prepará-los para o encontro com os Mestres de Pedra.”*

Mestres de Pedra?! Ainda não tinha ouvido falar nisso! Pelo olhar de surpresa de Pitágoras, acho que ele também não. Mas percebo um brilho diferente nos olhos do meu tio...

Depois que cada um de nós escolhe uma pequena pedra, sentamo-nos no chão e ficamos em

silêncio, segurando a pedrinha. Olho de Tigre nos orienta:

- *“Deixem sua mente o mais livre possível...Não é preciso fazer nada para entrar em contato com a vibração da pedra. Apenas sintam-na entre suas mãos e deixem-se levar pelo bem estar que começará a tomar conta de vocês. Fechem os olhos... Respirem normalmente.. Relaxem...”*

Minha mente demora um pouco a sossegar. Fico pensando nesse índio, tão jovem, mas tão sábio e sensível. Ele percebeu a nossa ansiedade e aproveitou a conversa para nos oferecer este momento de relaxamento e paz... Que gentileza!

Começo a sentir a vibração da pedra em minhas mãos. Parece o palpitar de um coração! Não há dúvidas que ela é um ser vivo... Essa vibração vai se estendendo por todo o meu corpo, até que começamos a pulsar no mesmo ritmo – eu e a pedra... Sinto como se fôssemos uma coisa só. Não há mais limites entre o meu corpo e o corpo dela... e entre o nosso corpo e o corpo da Terra! Sou parte da Terra! Sou filha da Terra! E então, sinto o amor da Terra por mim, sinto os cuidados que ela tem por mim, a proteção que ela me oferece, e sinto-me perfeitamente segura, perfeitamente tranqüila...

Ouçõ o som de água correndo e volta-me uma imagem do meu sonho – que depois se repetiu no terraço da casa dos gêmeos – um bosque à direita e um rio à esquerda, descendo a montanha e perdendo-se de vista atrás de umas pedras muito grandes. Ouço a voz de Cristiano dizendo que lá é a Cidade das Pedras e que, para entrarmos, vamos precisar deixar algumas coisas para trás...

Deixo-me ficar nesse estado de tranqüilidade e paz...

Ouçõ, ao longe, a voz suave de Olho de Tigre:- *“Podem abrir os olhos devagar... espreguicem-se, caso tenham vontade... e quando se sentirem prontos, podemos continuar a nossa caminhada.”*

Lentamente nos levantamos, sentindo-nos totalmente revitalizados e prontos para seguir em frente!

- *“Deve ter um rio por aqui, não é?”* – pergunto

- *“Tem, sim.”* – Olho de Tigre confirma – *“Mas não podemos vê-lo daqui. Ele vem do alto da montanha e forma uma cachoeira, que cai numa pequena lagoa. Logo chegaremos lá.”*

O som de água correndo vai se tornando cada vez mais forte, cada vez mais presente. Alguns passos à frente, contornarmos uma rocha muito alta, e pronto – lá está ela! Paramos extasiados com a beleza do que estamos vendo! Do meio de um grande paredão de pedra, desce uma cortina de água, que se estende até a lagoa a seus pés. A espuma que se forma desse contato, iluminada pela luz do sol, dá a idéia de uma nuvem de pequenos cristais de todas as cores. E os raios de sol batendo na cachoeira formam um lindo arco-íris, que parece penetrar no paredão de pedra. É realmente uma visão maravilhosa!!!

Olho de Tigre nos dá um tempo para ficarmos admirando aquele quadro e então fala:

- *“Este é o Portal que conduz à parte mais sagrada da Cidade das Pedras. Para passar por ele, vocês terão que deixar, do lado de cá, todas as suas idéias pré-concebidas, a respeito do que quer que seja.”*

Então era isso que Cristiano queria dizer, penso.

Pitágoras contesta:

- *“Mas como podemos deixar nossas idéias pré-concebidas? Elas estão arquivadas dentro da nossa mente!”*

- *“Não se preocupe com isso – a cachoeira se encarregará de liberar a sua mente de tudo que não for necessário do outro lado do Portal.”*

- *“A cachoeira?!?”* – Pitágoras grita – *“Você quer dizer que vamos ter que nos enfiar debaixo da cachoeira?! Você está é louco!!! Não conte comigo para isso! Estou fora!... Angélica, tio Guilherme, vamos embora daqui!”*

Olho de Tigre não se abala e pergunta calmamente:

- *“Por que tanto horror de passar pela cachoeira, meu amigo?”*

- *“Olha o tamanho disso! Olha a quantidade de água que está descendo! Se entrarmos debaixo dela, não só vamos nos liberar das nossas idéias, mas da nossa cabeça também! Não vai*

sobrar nada de nós!”

O índio continua no mesmo tom impassível:

- “Esse é um dos conceitos que você terá que liberar...” – Pitágoras não o deixa terminar a frase e continua gritando:

- “Conceito?! Isso é Física! Isso é Lógica! É só ver a quantidade de água e a altura de onde ela está caindo, para se ter noção da velocidade da queda e a violência do choque com qualquer corpo que se colocar no seu caminho!”

Olho de Tigre sorri com condescendência e diz:

- “Pitágoras, eu entendo o seu ponto de vista, mas a sua Física e a sua Lógica não funcionam aqui. Lembre-se que estamos numa outra dimensão de espaço e de tempo, onde as coisas se comportam de forma muito diferente da que vocês conhecem. Além disso, vocês não vão ter que se ‘enfiar’ debaixo da cachoeira, como você falou. Vamos passar por trás dela. Assim mesmo, receberemos a sua energia purificadora... confie em mim.”

Ainda um tanto desconfiado, meu amigo olha para mim e para meu tio, para ver qual é a nossa reação. Eu também sinto um certo medo diante de todo aquele volume de água, mas algo me diz que podemos confiar no índio. Antes que eu possa dizer alguma coisa, tio Guilherme se pronuncia:

- “Pitágoras e Angélica, sou o mais velho aqui e sinto-me um pouco responsável por vocês. Ao mesmo tempo, o meu desejo de conhecer os Mestres de Pedra é tão intenso, que não me permite desistir neste ponto. Já que cheguei até aqui, vou seguir em frente! Então, meus queridos, façamos o seguinte: vou atrás de Olho de Tigre e vocês ficam aqui observando-nos. Se perceberem que eu consigo passar ileso, vocês nos seguem... se quiserem. Caso contrário, vocês fazem meia volta e vão embora para casa.” – e voltando ao seu tom descontraído, ele conclui – “E dêem meu abraço no Osvaldo e na Maria Clara – digam-lhes que morri feliz, fazendo o que eu mais queria fazer nesta vida!” – e solta uma das suas mais deliciosas gargalhadas! Não podemos deixar de rir com ele.

Seguimos Olho de Tigre ao redor da lagoa, até chegarmos bem perto do paredão de pedra. Percebemos, então, um caminho natural, escavado no próprio paredão, que sai da margem da lagoa e passa por trás da cachoeira. É um caminho estreito e aparentemente escorregadio. A água, nesse ponto, não lembra em nada a placidez de uma lagoa – lembra mais um mar enfurecido. Fico arrepiada só de pensar em escorregar dali.

- “Minha querida amiga...” – diz o índio, com doçura, percebendo o meu estado de terror – “O medo não condiz com as energias deste lugar. Enquanto você se deixar levar por esse sentimento, você não poderá entrar na Terra do Sempre. Lembra que o passaporte para a Terra do Sempre é a alegria? A alegria é uma das manifestações do amor. E onde há amor não existe medo.”

Já ouvi estas palavras antes! Será que Olho de Tigre e Feliz são a mesma pessoa?

- “Não existem armadilhas neste lugar.” – ele continua – “Apenas situações que obrigam os caminhantes a rever seus valores e suas verdadeiras intenções. A cada passo, vocês têm o direito de escolher se seguem em frente ou se voltam atrás, mas não existe ninguém que irá julgá-los. A escolha é de cada um e, a cada escolha, o caminhante vai criando o seu próprio caminho. Se, por exemplo, você decidir voltar para a sua casa agora, uma estrada se abrirá sob os seus pés, levando-a diretamente para onde você deseja ir. E ninguém vai lhe dizer que você fez certo ou que você fez errado. O importante é que suas escolhas sejam feitas com consciência e que você se responsabilize pelas suas conseqüências. É por isso que são colocadas algumas situações aparentemente críticas ao longo do percurso. Para fazer com que vocês se conscientizem do que vocês realmente querem para si mesmos.”

Isso me faz pensar no que a minha mãe falou, quando a convidei para vir conosco – “...estou conscientemente escolhendo não ir. Sei que provavelmente vocês vão passar por experiências interessantíssimas, mas hoje prefiro ficar aqui em casa, cuidando dos meus afazeres.” Sim, a cada momento estamos fazendo escolhas, e a cada escolha, estamos criando a nossa própria história... Será que eu vou deixar de aproveitar esta oportunidade, que talvez nunca mais se repita na minha

vida? Não! Eu também quero saber o que há do outro lado! Eu também quero saber o que os Mestres de Pedra têm para nos ensinar!

- *“Olho de Tigre, eu confio em você, mas não posso deixar de sentir medo de seguir por esse caminho estreito e escorregadio. E se seu cair nesse turbilhão de águas?”*

- *“Veja como os seus pensamentos limitam as suas ações.”* – o índio me responde amavelmente – *“Por que você acha que esse caminho é estreito e escorregadio?”*

- *“Que ele é estreito, eu estou vendo daqui. E como é um caminho de pedras, que está permanentemente molhado, com certeza ele é escorregadio.”*

- *“Nem tudo é o que parece ser. Você não gostaria de verificar isso por si mesma?”*

- *“Não, Angélica! Não faça essa loucura!”* – Pitágoras grita!

- *“Vocês estão se esquecendo da minha proposta!”* – diz tio Guilherme, com impaciência – *“Eu vou na frente com Olho de Tigre. Depois vocês resolvem o que querem fazer!... Vamos, Olho de Tigre!”*

Achamos melhor concordar com ele e ficamos observando-o seguir o índio e subir cuidadosamente os degraus de pedra, que levam ao caminho junto ao paredão. Meu coração se contrai, com medo de que algo de ruim possa lhe acontecer. Mas, ao contrário do que imaginávamos, ele caminha com a maior desenvoltura e naturalidade e num instante desaparece atrás da cachoeira.

Ficamos os dois estáticos, sem conseguir tirar os olhos daquele ponto, imaginando o que poderá estar acontecendo com eles. Os minutos vão passando e não temos a menor idéia do que fazer... não temos coragem nem vontade de olhar um para o outro, nem de pronunciar alguma palavra... Então, de repente, ouvimos a voz do tio Guilherme:

- *“Podem vir! Não tem perigo nenhum!!!”* – e lá está ele, atrás da cortina de água, acenando para nós como uma criança feliz! Não é possível descrever o alívio que sentimos!

Em menos de um segundo, Olho de Tigre faz o caminho de volta e aparece ao nosso lado, sorrindo amigavelmente:

- *“Querem me acompanhar?”*

Olhamos um para o outro e não precisamos dizer nenhuma palavra, pois nossos olhares indicam que isso é o que nós mais queremos neste momento!

Ao subirmos os degraus de pedra, temos a agradável surpresa de constatar que o caminho não é tão estreito e nem tão escorregadio quanto parecia. Além disso, tem uma espécie de corrimão esculpido na parede, que nos dá uma sensação de maior segurança. Todo o medo e a pressa desaparecem, diante do espetáculo grandioso daquela paisagem!

Ao nos aproximarmos mais e mais da cachoeira, começamos a notar algo muito interessante: aquela água não parece uma água normal. Talvez porque o sol esteja batendo direto em cima dela, a impressão que temos é que aquilo não é exatamente água, mas luz em forma líquida! Vista assim, tão de perto, a cachoeira parece uma cortina de luz de todas as cores. Inclusive os seus respingos, que já nos atingem, não nos molham! No entanto, o barulho que ela faz, ao cair na lagoa, é barulho de água... então, o que é isto?

Olho de Tigre, que está sempre atento às nossas impressões, nos explica:

- *“Vocês têm razão, esta é uma corrente de luz – da mais pura e cristalina luz! O ruído que vocês ouvem na verdade está se produzindo apenas na sua mente, porque é isso que vocês estão acostumados a sentir, quando vêem uma cachoeira. É um reflexo condicionado, isto é, toda vez que vocês vêem água corrente, vocês ouvem um som característico; então, quando vocês vêem uma coisa que sua mente interpreta como sendo uma cachoeira, vocês acabam ouvindo esse som... mesmo que ele não esteja se produzindo.”*

- *“Vai me dizer que você não está ouvindo nada deste barulhão!”* – Pitágoras questiona.

- *“Não! Apenas o som harmonioso do contato das partículas de luz com a água da lagoa.”*

Olhamos um para o outro, sem poder acreditar nessa resposta.

- *“Mas, e o ruído do rio que eu escutei, quando estávamos meditando?”* – pergunto – *“Eu não estava vendo nenhum rio, mas podia ouvir o seu som característico. Como você me explica*

isso?”

- *“Aquilo que você ouviu era realmente um rio, uma corrente de água, assim como esta lagoa é um volume de água. O que acontece é que esse rio, antes de cair pelo paredão, passa por um processo de transmutação, ainda desconhecido para vocês, e se transforma em luz.”*

Percebendo o nosso ar de incredulidade, Olho de Tigre sugere:

- *“Vamos seguir adiante? Logo vocês vão entender o que eu estou falando. Seu tio já está ficando ansioso com a nossa demora.”*

Apressamos ligeiramente nossos passos. Os respingos de água – ou melhor, de luz – são cada vez mais intensos e isso começa a me fazer sentir um pouco esquisita – meio zozona, embora continue mantendo perfeitamente o equilíbrio. Minha cabeça parece mais leve... todo meu corpo parece cada vez mais leve...

Finalmente alcançamos o patamar entre o paredão e a cachoeira, onde tio Guilherme nos recebe entusiasticamente. É indescritível a beleza do que presenciamos ali! A paisagem, vista através da cortina de luz, ganha uma dimensão totalmente nova, muito mais viva e vibrante, incrivelmente mais bonita!

Sentamo-nos lado a lado e ficamos por alguns momentos em silêncio, simplesmente aproveitando a magia daquele momento. E vamos entrando numa espécie de estado de torpor, enquanto ouvimos a voz suave do nosso amigo índio:

- *“Recebam estes respingos de luz em seus corpos e em suas mentes, meus amigos. Permitam que a luz os limpe de todos os conceitos e padrões que não lhes são mais necessários, abrindo espaço para os novos conhecimentos que vocês estão prestes a receber... ou lembrar...”*

O ruído da cachoeira vai ficando cada vez mais longe, cada vez mais longe... até que começa a ser substituído por um som harmonioso, e uma suave melodia vai tomando corpo e nos envolvendo, despertando-nos daquele estado de sonolência. Sorrimos uns para os outros, felizes por estarmos ali, totalmente presentes naquele espaço e tempo.

- *“Nunca me senti tão presente, tão inteiro!”* – Pitágoras comenta, satisfeito.

- *“É porque agora vocês já não estão mais carregando todas aquelas energias do seu passado, que já não lhes serviam mais. A luz da cachoeira limpou-os de tudo aquilo e agora vocês estão livres e prontos para se apresentarem aos Mestres de Pedra... Vamos continuar?”*

Voltando-se de frente para o paredão, Olho de Tigre dá três pancadinhas na pedra e uma passagem se abre ali, ante os nossos olhares surpresos. Sinto-me como se estivesse diante da caverna de Ali Babá. Que tesouros encontraremos lá dentro?

Mas aquilo não é uma caverna e sim um túnel fracamente iluminado. A um gesto de Olho de Tigre, entramos todos no túnel, curiosos para saber aonde ele irá nos levar. É uma passagem curta, pois logo avistamos a saída. E junto com a luz intensa que penetra por essa abertura, sentimos uma energia muito forte, atraindo-nos para fora, como se fôssemos partículas de ferro diante de um ímã gigantesco.

- *“Foi isso que eu senti no meu sonho!”* – tio Guilherme exclama, apreensivo – *“Tomara que eu não desmaie agora, pois não quero perder nada, desta vez!”*

Mas Olho de Tigre acalma-o:

- *“Daquela vez, o senhor veio sem estar preparado – chegou repentinamente num espaço de vibração muito elevada e isso lhe provocou uma espécie de choque. Hoje estamos todos prontos, pois já passamos pela energia estabilizadora e purificadora da cachoeira. Então, não se preocupem, deixem-se levar pela energia dos Mestres de Pedra e aproveitem esta viagem.”*

Mal ele pronuncia estas palavras, chegamos ao fim do túnel e mais uma vez ficamos paralisados, encantados com a imagem impressionante que vemos à nossa frente! Brotando do chão de terra amarela, erguem-se vários obeliscos de pedra natural, formando dois semicírculos perfeitos e aparentemente idênticos – um de cada lado de um caminho pavimentado com pedras verdes.

Tio Guilherme está prestes a chorar de emoção!

- *“Então, não era sonho...”* – diz ele, num fio de voz – *“Eu sabia que não era um sonho!”* – e abraça-nos, comovido – *“Obrigado, meus queridos sobrinhos, por compartilharem comigo a sua aventura... Há tantos anos que eu espero por este momento!!!”*

Eu e Pitágoras também nos emocionamos, pois sentimos que estamos diante de algo majestoso e sagrado, que poucas pessoas têm o privilégio de conhecer. Olho de Tigre toma a palavra, cerimoniosamente:

- *“Apresento-lhes os Mestres de Pedra. São 22 Mestres. São 22 Fontes de Conhecimento. Todo o conhecimento da Terra está armazenado em seus corpos.”*

Curvamo-nos reverentemente diante daqueles seres imponentes, que nos inspiram os mais nobres e respeitosos sentimentos. E Olho de Tigre prossegue:

- *“Vamos caminhar pela passarela central e simplesmente observar... simplesmente sentir a vibração destes Seres. Se mantivermos a serenidade em nossas mentes, poderemos absorver o conhecimento que responderá aos nossos questionamentos mais profundos. Não é preciso pensar em nada, não é preciso buscar as perguntas... os Mestres conhecem-nas e sabem o que cada um está mais ansiosos por saber.”*

Sem dizer palavra, nós três o seguimos, caminhando lentamente entre os dois semicírculos, deixando-nos impregnar pela energia daqueles seres silenciosos e sábios. Sinto minha mente vazia, totalmente livre de pensamentos, e aos poucos vou perdendo a noção do meu corpo, como se eu fosse apenas consciência...

De repente, a visão que tenho dos obeliscos começa a mudar, começo a enxergá-los de cima, de um ponto de vista cada vez mais alto... mais e mais alto... até que vejo todo o conjunto como se fosse um tabuleiro de jogo – algum jogo que eu não conheço – um tabuleiro amarelo, onde está desenhada uma circunferência em cinza, cortada ao meio por uma linha verde. Então uma voz, que parece vir de dentro de mim mesma, fala:

- *“Você tem se perguntado quem você realmente é. E eu lhe digo que você – assim como todos os seres humanos – é um Ser Divino que veio fazer uma experiência no mundo da dualidade. Digamos que você veio participar de um jogo, para facilitar a sua compreensão. Sentemo-nos junto desse tabuleiro e eu lhe mostrarei como se joga este jogo... embora você saiba melhor do que eu!”*

Imediatamente vejo-me sentada no chão, feito um índio, de frente para um ser luminoso e de formas indefinidas, mas que certamente é um Mestre. Ele fala pausadamente:

- *“Como Ser Divino, você era parte do Grande Todo, onde tudo era eterna paz e harmonia, onde tudo era estático e perfeito. Mas você sentia necessidade de movimento, de explorar outras possibilidades, de manifestar a sua criatividade. E, para isso, você teve que sair da Unidade Absoluta e experimentar a dualidade da vida na Terra.”* – E apontando para o tabuleiro, diz:

- *“O que você está vendo simboliza o momento da separação. Podemos imaginar que a parte de cima dessa circunferência é o Céu e a de baixo, a Terra.”* – Como num passe de mágica, aparecem, em letras luminosas, as palavras “Céu” e “Terra”, respectivamente nas metades superior e inferior da circunferência. O Mestre prossegue:

- *“Na verdade, você não abandonou a Unidade, mas mandou uma espécie de projeção de você mesma para cá. E essa parte, tão divina quanto a que ficou, vestiu um corpo humano para poder viver as experiências neste planeta.”*

A imagem do tabuleiro muda. O círculo cinza desaparece e, em seu lugar, surgem 22 pequenas circunferências, dispostas da mesma forma que os obeliscos que deixamos lá embaixo. Elas são numeradas de 1 a 11, da esquerda para a direita, tanto as do semicírculo superior (Céu), como as do inferior (Terra). O Mestre diz:

- *“Estas circunferências representam a sua trajetória, depois que você saiu da Unidade. Entenda que, quando digo ‘você’, estou me referindo ao ser humano em geral. Então, lá está você, no momento em que chegou neste planeta pela primeira vez.”* – E aponta para o semicírculo da Terra, onde a circunferência número 1 acaba de acender-se. Quase simultaneamente, acende-se também a circunferência número 1 do semicírculo do Céu. E o Mestre explica:

- *“Imagine que essa linha verde central é um espelho. Assim, o ponto de cima é o seu Ser Divino e verdadeiro. O ponto de baixo é a sua projeção ou reflexo, a sua contraparte terrena. Veja que os dois estão bem próximos um do outro. O que significa isso?”* – Ele me dá um tempo para pensar. Como eu não chego a nenhuma conclusão, ele continua:

- “Significa que, nessa primeira fase, você, como ser humano, ainda está totalmente conectada com a sua divindade, com o ser de luz que você é. Assim, embora vivendo neste mundo, você se orienta pelo seu aspecto divino, permitindo que ele governe a sua vida de forma harmoniosa... Bem, mas isso é quase como se você não tivesse saído do bem-bom lá do Céu. E você quer viver experiências diferentes aqui! Então...?” – Ele faz uma pausa, para me fazer pensar. E eu arrisco uma resposta:

- “Imagino que então eu me afasto um pouco mais do meu Ser Divino.”

- “Isso mesmo!” – Diz ele, com satisfação! E, no mesmo instante, as circunferências de número 1 se apagam e acendem-se as de número 2.

- “Você afasta-se um pouco da sua divindade e começa a tomar algumas atitudes por si mesma, independente da sua vontade superior, com a intenção de poder vivenciar melhor a dualidade, conhecer não só os aspectos positivos, como também os negativos. Nesta fase, você ainda sabe que tudo que está deste lado do espelho é uma ilusão, mas, assim mesmo, você quer ter a experiência de não ser um ente divino e perfeito e de conhecer as limitações da matéria, do tempo e do espaço. Assim, ao mesmo tempo que você começa a conhecer os prazeres da vida, depara-se também com a doença, a dor, a carência, a insegurança, os conflitos... e o medo passa a fazer parte da sua vida. Então, você começa a criar uma série de formas de se defender e de se proteger de todos os aspectos negativos, afastando-se cada vez mais da sua divindade.”

Nesse ponto, as circunferências 3, 4 e 5 dos dois semicírculos se acendem, uma após a outra, e o Mestre diz:

- “Você se envolve de tal forma com a luta pela sobrevivência, com os prazeres e ocupações da sua vida na Terra, que acaba se esquecendo que tudo aquilo é uma grande ilusão! Você acaba identificando-se com o seu reflexo e se esquece completamente da sua verdadeira identidade. E é assim que você chega no ponto máximo de afastamento do seu Ser Divino... Onde você acha que é isso?”

Aponto para os dois pólos do círculo – as circunferências de número 6, as que estão mais afastadas uma da outra. E imediatamente elas se acendem, enquanto as anteriores se apagam.

- “O seu mundo agora é um completo caos – por um lado, uma busca frenética por prazeres e conquistas materiais; por outro lado, a dor, a fome, as guerras, a corrupção, a violência, a insegurança... Se você não está em nenhuma dessas situações extremas, você está simplesmente vivendo como um autômato – trabalhando para comer, comendo para viver, vivendo para trabalhar, vendo televisão para se distrair e não ter que pensar em nada.”

Isso me faz pensar na vida que eu estava levando antes de ser despedida do meu emprego.

- “Você começa a se cansar e, no fundo do seu ser, começa a brotar um desejo de que algum ente divino e poderoso venha tirá-la dessa situação. Nessa ânsia por resolver todos os seus problemas, nessa busca por uma solução para o mundo e para a sua vida, você começa a sentir uma saudade inexplicável de um tempo em que tudo era amor e paz; você começa a desejar ardentemente uma vida mais interessante, harmoniosa e feliz. Então, algo mágico acontece: nesse momento, o seu Ser Divino – que é feito do mais puro amor – sente o seu anseio, compadece-se de você e começa a lhe provocar alguns questionamentos. É quando você começa a se perguntar – Será que a vida é só isto? Será que eu sou só este corpo? Será que tudo acaba com a morte? Será...? Será...? Será...?”

- “E, nesses questionamentos, eu começo a me conectar outra vez com o meu aspecto divino.” – Afirmo, com toda a certeza. E então, apagam-se os dois pólos e vão se acendendo – uma após a outra – as circunferências 7, 8, 9 e 10 dos semicírculos correspondentes à Terra e ao Céu. O Mestre confirma:

- “Devagar, você começa a redescobrir o seu aspecto espiritual e a se reaproximar da sua divindade. E, nesse processo, você começa a questionar os seus valores, a observar o que é realmente importante para você e o que não é, procurando estar cada vez mais sintonizada com a vontade do seu Ser Divino, que sabe o que é melhor para você.”

Todas as circunferências se apagam e acende-se a décima primeira de cada um dos semicírculos. E o Mestre continua:

- *“E aqui está você agora – e uma boa parte da humanidade, que já começa a despertar. Neste ponto, você já se deixa guiar pela sua intuição, que é a forma da sua divindade se comunicar com você. Mas muitas vezes, você ainda enfrenta certos conflitos internos, pois percebe que deve deixar algumas coisas para trás, alguns relacionamentos para trás, alguns conceitos para trás, e isso não é fácil, pois lhe dá a impressão de que toda a sua vida vai se desestruturar... Aparentemente, vai mesmo... Mas é desse desmoronamento das velhas estruturas, que vai surgir – e já está surgindo – um mundo novo, a Nova Terra, criada por seres humanos como você, que estão ouvindo o chamado do seu Ser Divino.”*

Então acendem-se todas as 22 circunferências e desaparece a linha verde entre elas, ao mesmo tempo em que as palavras Céu e Terra se transformam em dois triângulos entrelaçados, formando uma estrela de 6 pontas. E o Mestre finaliza:

- *“Quando uma parte significativa da humanidade chegar a este estágio, todos voltarão a assumir a sua identidade divina e poderemos dizer que o Céu e a Terra se fundiram, pois a Terra será um reflexo perfeito do Céu, um lugar de paz, amor e perfeita harmonia.”*

Meu coração enche-se de uma doce esperança! Uma esperança que é praticamente certeza! Sorrio para o Mestre, cheia de gratidão e amor, enquanto a imagem vai se desvanecendo...

Lentamente começo a voltar, em consciência, para junto dos meus companheiros de aventura. A imagem dos obeliscos vai ficando mais nítida, como se eu estivesse descendo de um lugar muito alto e me aproximando cada vez mais deles. Já posso ver a passarela de pedras verdes. Quando já estou bem perto, mas ainda enxergando tudo de cima, a minha consciência encontra a do Pitágoras, que me diz:

- *“Você reparou que são onze obeliscos de cada lado da passarela? Até aqui nós encontramos o código 11:11! Será que os Mestres de Pedra têm algo a nos dizer sobre isso?”*

Então, uma voz ressoa dentro de nós:

- *“Quando vocês se separaram da Unidade, não fizeram isso por um simples capricho. Havia um propósito grandioso por trás dessa decisão. Lembrem-se que o planeta Terra é um ser vivo e, como tal, está sempre em processo de evolução. Estava chegando o momento em que este planeta deveria avançar para um novo estágio de consciência mas, para isso, era necessário que houvesse uma purificação da grande quantidade de matéria densa aqui existente. Então foram convocados alguns voluntários dos reinos angélicos para virem para cá e fazerem esse trabalho... e foi aí que vocês entraram em cena, enviando as suas projeções para viverem a dualidade no planeta Terra e ajudarem a transmutar a densidade em luz.”*

Enquanto a voz vai falando, uma cena vai se desenrolando na nossa frente, onde milhares de anjos de luz chegam num planeta todo cinza e vão limpando e iluminando tudo por onde passam.

- *“Isso que vocês estão vendo não aconteceu da noite para o dia, mas em milhares de anos. Na verdade, este serviço ainda não está completo. Quando vocês vieram para cá, sabiam que logo iriam se esquecer quem eram, pois só assim poderiam viver totalmente a experiência da dualidade e trabalhar pela evolução de todo o planeta. Então, vocês trouxeram, gravada no seu DNA, a memória da sua identidade real, que seria ativada através de um código, quando chegasse o momento certo. Esse código é o 11:11, que lhes mostra que o seu trabalho está prestes a se concluir e que agora vocês já podem se lembrar de quem realmente são.”*

Ouçõ novamente o pensamento de Pitágoras:

- *“E por que 11:11 e não 10:10 ou 12:12, ou qualquer outra dupla de números?”*

A voz do Mestre responde, como se viesse de dentro de nós mesmos:

- *“Primeiro, porque 11 é um número mestre e os números mestres estão ligados ao mundo real de onde vocês vêm. Segundo, porque o 11 é formado por dois números 1. Já que o número 1 representa a unidade, o 11 nos lembra a divisão da unidade, ou seja, a dualidade dentro do próprio ser humano, os seus aspectos material e espiritual. Podemos dizer, então, que o 11 simboliza a luta interna do ser humano para equilibrar esses seus dois aspectos, buscando a volta da unidade dentro de si mesmo. Assim, o 11 está relacionado com o crescimento espiritual da humanidade.”*

Pitágoras continua questionando:

- “E por que 11:11 e não simplesmente 11?”

E o Mestre pacientemente explica:

- “A figura do 11:11 simboliza um portal, formado por duas grandes colunas de cada lado. É como se ela estivesse mostrando-lhes que as portas estão abertas para vocês passarem desta dimensão em que vivem para uma dimensão mais elevada e condizente com os seres de luz que vocês são. E é por isso que nós, os Mestres de Pedra, nos colocamos nessa disposição, para lhes mostrar que vocês já estão prontos para viver essa nova realidade.”

Mas Pitágoras ainda não está totalmente satisfeito:

- “Então, por que vocês se colocam num círculo em vez de se colocarem em linha reta, ao longo da passarela verde? Ficaria mais parecido com um portal.”

Embora não possamos ver o Mestre, podemos sentir que ele sorri, feliz por poder esclarecer essas questões:

- “A linha reta está relacionada com o pensamento linear e com o tempo linear, característicos desta dimensão em que estão vivendo. Quando vocês se decidirem a atravessar o portal, perceberão que, do outro lado, tudo é bem diferente. Lá não existe passado, presente nem futuro, mas sim um eterno Agora. E a melhor forma de expressarmos isto para vocês, por enquanto, é através do círculo, que não tem começo e nem fim. Por isso escolhemos essa forma para representar esse portal.”

Finalmente Pitágoras silencia... mas logo percebo que estamos tendo o mesmo pensamento. Gostaríamos de atravessar esse portal agora. No entanto, alguma coisa ainda nos segura do lado de cá. Talvez uma espécie de medo, de insegurança, de incerteza quanto ao que vamos encontrar do outro lado... Penso em meus pais, penso no meu apartamento, nas coisas que eu deixei no freezer – vão acabar apodrecendo lá!... E fico zangada comigo mesma por estar pensando essa bobagem, num momento tão grandioso como este. Sinto que Pitágoras está passando pelo mesmo tipo de conflito interior... Não foi isso que a voz acabou de nos dizer a respeito do 11? E que o Mestre falou sobre deixar algumas coisas para trás?

De repente penso no tio Guilherme. O que terá acontecido com ele, nestes últimos momentos? E volto a sentir como se estivesse descendo cada vez mais, chegando cada vez mais perto do chão. Os obeliscos parecem cada vez maiores, as pedras, cada vez mais nítidas...

Vejo meu tio numa conversa animadíssima com Olho de Tigre. Ao seu lado, Pitágoras espreguiça-se, como se estivesse acordando de um sono gostoso e reparador. Eu mesma sinto como se estivesse despertando agora.

- “Até que enfim vocês dois acordaram!” – o vozeirão do tio Guilherme ecoa no meio daquela paisagem de pedras. Ele está visivelmente bem disposto e bem humorado! – “Não via a hora de poder comentar com vocês a minha experiência! Estas pedras sabem de tudo! Fiz todas as perguntas que me atormentavam há anos, e tudo foi respondido e esclarecido! Estou aprendendo coisas fantásticas com estes Mestres. Não quero ir embora daqui nunca mais!”

Eu e Pitágoras nos entreolhamos, um tanto preocupados com esta afirmação. Como poderemos voltar para casa e deixá-lo aqui sozinho? Não estamos vendo nenhum lugar onde ele possa se abrigar, dormir, se alimentar... Ele sempre foi meio excêntrico, mas... dentro de um certo limite.

Olho de Tigre, sempre atento, percebe a nossa aflição e diz:

- “Meus queridos amigos, não há necessidade de permanecerem aqui para sempre, para poderem se comunicar com os Mestres de Pedra. Agora que vocês já conhecem este lugar e já tiveram este contato com a energia deles, podem voltar e contatá-los no momento que quiserem, onde quer que vocês estejam. Basta que se aquietem por alguns segundos e visualizem o círculo de obeliscos, mentalizando as perguntas que querem fazer, ou as questões que os afligem. Logo a resposta virá.”

Sentindo a inquietação do tio Guilherme, Olho de Tigre propõe:

- “Se vocês tiverem alguma dúvida sobre o que eu acabo de falar, podemos colocar esta questão agora mesmo para os Mestres de Pedra e aguardar em silêncio a sua orientação.”

Achamos que isso seria uma ótima idéia! Em poucos instantes uma voz começa a ressoar dentro de nós:

- *“Na verdade, vocês não precisam se comunicar conosco para obter as respostas que necessitam, pois vocês têm todas as respostas dentro de si mesmos. Vocês são seres divinos e, como tal, têm acesso a todo o Conhecimento. No entanto, como se esqueceram da sua verdadeira identidade e ainda não conseguem acreditar totalmente no seu poder, nós nos colocamos à sua disposição como uma espécie de ‘ponte’ entre vocês e a sua própria Sabedoria. O que Olho de Tigre acaba de falar é absolutamente correto, mas entendemos que talvez vocês precisem de alguma coisa um pouco mais concreta, para se sentirem seguros de que isso vai funcionar. Então vamos lhes oferecer uma pequena lembrança... digamos que seja uma pedra mágica. Toda vez que quiserem se comunicar conosco, segurem essa pequena pedra e visualizem este nosso espaço, mentalizando aquilo que desejam esclarecer. E mantenham-se receptivos e em silêncio...”*

A voz se cala, deixando-nos ainda num estado sonolento por alguns segundos. Quando finalmente abrimos nossos olhos, deparamos com nosso amigo índio à nossa frente. Na palma da sua mão direita, que está estendida em nossa direção, vemos três pedrinhas douradas.

- *“Este é o presente dos Mestres de Pedra para vocês. Esta é a pedra que me emprestou seu nome. Ela vai ajudá-los a olhar para dentro de si mesmos e encontrar a sua própria e divina Sabedoria. Usem-na com respeito e amor. Ela é parte da Terra, assim como vocês também são. Ela conhece os segredos da Terra e vai ajudá-los a se lembrar também dos segredos do Céu.”*

Emocionados pegamos o presente que nos é oferecido e o guardamos com todo carinho. Abraçamos nosso amigo Olho de Tigre e agradecemos aos Mestres de Pedra por essa experiência maravilhosa e por tudo que aprendemos com eles nestes poucos momentos em que estivemos em sua presença. Com certeza voltaremos para casa muito mais “ricos” do que quando saímos há poucas horas.

Lembro que minha mãe já deve estar nos esperando para o almoço e pergunto a Olho de Tigre se ele pode nos acompanhar de volta ao Portal de entrada.

- *“Naturalmente!”* – ele responde.

E, no mesmo instante, encontramos-nos mais uma vez sentados junto à rocha, ao lado do Portal que, naturalmente, não está mais lá! Desta vez, não ficamos tão espantados. Acho que estamos nos acostumando com essas viagens interdimensionais.

No caminho de volta, vamos conversando animadamente sobre o que cada um ouviu dos Mestres de Pedra. Tio Guilherme nos conta que entrou em contato com a energia de cada um dos 22 Mestres, e que cada um deles se caracteriza por uma qualidade, ou um conjunto de qualidades, ligadas ao despertar da nossa Consciência Divina. É como se cada Mestre de Pedra simbolizasse um aprendizado ou um “passo” que temos que dar, rumo à religação com o nosso Ser Divino.

Percebemos, então, que esses seres sábios falaram a cada um de nós de acordo com a sua própria compreensão ou percepção do mundo. Mas, basicamente, eles nos falaram sobre a nossa origem divina e sobre o momento importante que estamos vivendo, em que temos todo o potencial para “despertar” e restabelecer o Paraíso na Terra.

Encontramos meu pai na varanda, lendo o jornal do dia. Ele nos olha por cima dos óculos, visivelmente surpreso com as nossas figuras.

- *“O que houve, meu irmão?!”* – tio Guilherme pergunta, com seu jeito brincalhão – *“Parece que está vendo fantasmas!”*

- *“Eu é que pergunto o que houve! Parece que os três saíram de um conto de fadas... e ainda estão cobertos com pó de pirilimpimpim!”*

Agora quem se admira sou eu! Meu pai, sempre tão cético, fazendo um comentário desses! O que será que ele está vendo em nós de tão fantástico? ... E tão denunciador!

- *“Uau!!!”* – Agora é a minha mãe que, ao ouvir nossas vozes, aparece na varanda – *“Vocês mergulharam na Fonte da Juventude?!”*

Olhamos uns para os outros, sem entender direito o que eles estão vendo em nós... Pensando bem, tio Guilherme parece realmente ter rejuvenescido pelo menos uns 10 anos! Essa diferença está

bem evidente nele, pois é o mais velho de nós três. Mas, Pitágoras também está com um aspecto mais jovial... não, acho que essa não é a palavra mais adequada... parece que ele está mais... mais... mais vivo! Mais radiante!... E, se eles dois estão com essa aparência tão nova, certamente eu estou também!

- *“O passeio realmente fez muito bem para vocês!”* – minha mãe comenta – *“Vocês estão refletindo a beleza e a luz do seu Ser Divino!”*

- *“Pronto! Lá vem ela com essa história de Ser Divino!”* – diz o meu pai, voltando ao seu ceticismo habitual.

- *“Minha cunhada tem razão!”* – tio Guilherme defende-a com bom humor – *“Se você soubesse a experiência que acabamos de passar, mudaria toda a sua concepção da realidade... ou diria que o seu irmão enlouqueceu de vez! Só que, desta vez, eu não estava sozinho. Tenho duas testemunhas para confirmar a minha história... E uma delas, é a sua querida filha, Angélica!”*

Por essa eu não esperava! Será que meu tio pretende contar tudo para o meu pai? Não posso imaginar que tipo de reação ele teria, mas eu não me atreveria a falar com ele sobre isso...

Minha mãe, sabiamente muda de assunto:

- *“Não querem lavar as mãos antes de nos sentarmos para comer? O almoço já está pronto. Eu estava só esperando vocês chegarem, para colocar a comida na mesa.”*

Ao entrarmos em casa, cochicho para o meu tio:- *“Meu pai não agüentaria ouvir uma história como essa!”*

- *“Sou seu irmão mais velho, querida, e acho que ele já está na idade de saber certas coisas!”*

- *“Mas ele não vai acreditar! Vai pensar que você nos convenceu a participar dessa fantasia, só para mexer com ele... E vai ficar muito zangado! Aí sim, é capaz de se fechar para tudo isso!”*

- *“Mas não podemos deixá-lo nessa eterna ignorância! Ele já tem mais de 50 anos! Está na hora de acordar!”*

- *“Tio, estou me lembrando de uma coisa que ouvi de uma daquelas crianças que eu e Pitágoras encontramos do outro lado do Portal do Espelho. Ela nos disse que não temos que sair por aí doutrinando as pessoas; simplesmente sendo quem nós realmente somos, já vamos despertar a curiosidade delas. Então, elas mesmas vão começar a correr atrás das respostas.”*

- *“Hmm... Talvez essa seja uma tática mais sábia! Agora que já o deixamos com a pulga atrás da orelha, vamos agir como se nada tivesse acontecido. Com certeza ele vai ficar pensando no assunto, pois é do tipo que fica ruminando os pensamentos, até chegar a uma conclusão”* – e, puxando Pitágoras para mais perto de si, sussurra para ele o nosso plano, dando uma gostosa gargalhada – *“Vai ser divertido observa-lo!”*

A salada de verduras fresquinhas sobre a mesa me abre o apetite. E o cheiro do cozido que minha mãe preparou está de dar água na boca! Pitágoras puxa assunto com meu pai:

- *“E então, senhor Osvaldo, encontrou alguma notícia interessante no jornal?”*

- *“De realmente interessante, nada. São sempre as mesmas coisas... os personagens mudam, mas os casos se repetem... corrupção, assaltos e todo tipo de violência e indignidade. Parece que o mundo está cada vez pior!”*

- *“Enquanto isso, nós aqui, na santa paz, saboreando este almoço delicioso, com direito a verduras vindas diretamente da horta da dona Maria Clara! Que bênção!”*

- *“Parece que estamos num mundo à parte.”* – diz tio Guilherme.

Essa conversa me faz pensar no que os Mestres de Pedra disseram – que já existem muitas pessoas ‘despertando’ e que estamos caminhando para o restabelecimento da paz e da harmonia no mundo. No entanto, não é o que parece. Meu pai tem razão ao afirmar que o mundo está cada vez pior!

De repente, começo a sentir uma vibração esquisita no meu bolso. O que será isso, agora?! Lembro-me, então, da pedrinha que recebi de presente e que está guardada nesse bolso. Coloco a mão sobre ela e percebo que ela realmente está vibrando! Claro! Está me avisando que é um bom momento para utilizá-la. Seguro-a por alguns instantes e visualizo o círculo de pedras, ao mesmo

tempo que mantenho em mente essa dúvida, que acaba de me assaltar. Quase imediatamente começo a ouvir uma voz dentro de mim mesma:

- *“Imagine que, na sua casa, exista um quarto onde estão guardadas muitas tranqueiras. É um quarto mal iluminado, onde você só vai de vez em quando para fazer uma limpeza meio por cima, já que não há luz suficiente lá dentro e também seria trabalhoso demais fazer uma faxina perfeita, com tanta coisa empilhada por todo canto. Assim, você vai deixando aquilo tudo lá, fingindo que não está vendo que aquilo existe. Mas, chega um dia em que você resolve pintar a casa e aí, não tem jeito, você tem que enfrentar aquela bagunça, ver o que serve e o que não serve mais e organizar aquele espaço de modo que o pintor possa se movimentar lá dentro e fazer um serviço em ordem. A primeira coisa que você faz é colocar uma lâmpada mais forte, que ilumine tudo adequadamente. E então, o que acontece? O que acontece quando você acende a luz?”*

Em pensamento, respondo para mim mesma:

- *“Eu enxergo tudo o que está lá dentro.”*

- *“Isso! Você enxerga TUDO. Você não enxerga só o que é bonitinho. Você enxerga TUDO! E nesse tudo está incluído a sujeira, as teias de aranha, os objetos quebrados que você não usa há anos, mas que ficaram lá porque você não sabia o que fazer com eles... enfim tudo fica totalmente à vista. E o que mexe mais com você? O que é bonitinho ou a sujeira que você vai ter que limpar, os objetos que você vai ter que jogar fora ou encontrar alguma finalidade útil para eles?”*

- *“São essas coisas feias, com certeza, porque é o que vai me dar mais trabalho, vai me causar mais estresse!... Acho que estou entendendo onde estamos querendo chegar!... É isso que está acontecendo com a Terra, não é? A luz dos que estão despertando está começando a iluminar tudo... e toda a ‘sujeira’ está aparecendo, para que possa ser feita uma ‘faxina’, antes deste mundo voltar a ser o Paraíso para o qual foi criado.”*

A voz da minha mãe interrompe as minhas reflexões:

- *“O que houve, Angélica? Não gostou da comida?”*

- *“Hã?... Sua comida está deliciosa, como sempre!... É que eu estava pensando...”*

- *“Nossa filha não mudou nada!”* – diz meu pai para minha mãe – *“Continua vivendo no mundo da lua!”* – e, voltando-se para mim, pergunta – *“Podemos saber o que você estava pensando de tão interessante, que lhe fez esquecer a comida no prato?”*

Tio Guilherme e Pitágoras olham para mim, como quem diz:- *“Quero ver como você vai se virar agora!”* Eles devem ter imaginado que o que eu estava pensando não era nada que eu pudesse colocar para o meu pai, sem provocar uma discussão. Respiro fundo e, sentindo a presença do meu Olho de Tigre, busco a minha sabedoria interior.

- *“Eu estava pensando no que você disse a respeito da atual situação do mundo. Realmente parece que tudo está cada vez pior... Ao mesmo tempo, há uma tendência na mídia de dar maior destaque às notícias alarmantes, trágicas e tristes. Dificilmente encontramos alguma notícia boa num jornal, seja ele escrito ou televisionado. Mas, será que nada de bom está acontecendo mesmo? Ou será que as notícias boas não ‘vendem’?”*

- *“Realmente isso acontece.”* – meu pai concorda – *“As tragédias chamam mais atenção do que as coisas boas. Mas, isso sempre foi assim. Só que agora parece que está havendo uma avalanche de acontecimentos negativos! Veja, por exemplo, a questão da corrupção. Acho que a corrupção é tão antiga quanto o homem, mas antigamente aparecia um caso grave uma vez ou outra. Tanto que, quando aparecia um, os jornais e toda a mídia exploravam-no ao máximo, pois, quanto mais esse caso se arrastasse, mais eles lucrariam. Hoje aparece um escândalo por dia! Mal a mídia informa sobre um caso, já está aparecendo outro pior!”*

- *“Também podemos ver isso de uma outra forma.”* – digo calmamente– *“O fato de aparecer um escândalo a cada dia não prova que a corrupção esteja aumentando. Talvez, o que esteja acontecendo, é que ela está sendo denunciada mais rapidamente, está vindo às claras mais rapidamente. E isso, por um lado, é um aspecto positivo porque só se pode combater alguma coisa quando ela se apresenta. Enquanto ela está escondida, não temos condições de fazer nada contra ela.”*

Meu pai parece concordar:

- *“De fato, com o crescente progresso nas vias de comunicação e informação, tudo de importante que acontece no mundo – mesmo nas partes mais longínquas – chega ao nosso conhecimento quase que instantaneamente... especialmente as notícias negativas. E essa quantidade enorme de informação, que recebemos a todo instante, pode nos dar a impressão de que os acontecimentos negativos estão aumentando... sendo que o que está aumentando, na verdade, é a velocidade com que a informação chega até nós e o alcance das comunicações.”*

Tio Guilherme entra na conversa:

- *“Mas há um outro fator a se considerar. Vocês já repararam que as pessoas estão ficando mais conscientes? Elas estão mais alertas, mais despertas! Já não é mais tão fácil enganar as pessoas. Já não é mais tão fácil manter uma farsa por muito tempo. De alguma forma, as pessoas estão percebendo quando há algo errado... e não estão mais fingindo que está tudo bem - elas estão questionando. E assim, tudo está vindo à luz! Será que isso se deve apenas ao progresso da comunicação e informação? Ou será a consequência de uma mudança na própria consciência da humanidade como um todo?”*

Meu pai fica pensativo por alguns instantes. Nós também nos mantemos em silêncio, preferindo não dar palpite. Então, ele volta a falar:

- *“É para se pensar... Afinal a humanidade está sempre em processo de evolução, não é?”*

Ponto para nós!!!

- *“Vocês estão satisfeitos?”* – minha mãe pergunta – *“Posso servir a sobremesa?”*

- *“Claro!!!”* – respondemos quase em uníssono, antecipando o prazer de saborear aquela deliciosa torta de limão!

Após o cafezinho, sentamo-nos na varanda. O sol ainda está bem quente, mas a varanda é um lugar fresquinho e agradável. Meu pai estende duas redes entre os pilares e eu logo tomo conta de uma delas. Embalada pelo balanço da rede, acabo pegando no sono.

Vejo-me falando com Olho de Tigre. Não o índio, mas a pedra que os Mestres me deram.

- *“Os Mestres fizeram alguma referência ao pensamento linear e ao tempo linear. Dizem que ‘do outro lado’ tudo é bem diferente... Mas, o que é um pensamento linear? O que é tempo linear?”*

- *“Não é muito fácil responder a essa pergunta, porque toda a sua vida neste planeta está baseada nessas duas características. Mas, vamos primeiro à questão do tempo. Para vocês, o tempo é uma espécie de corredor por onde vocês vão caminhando durante a vida. O que está atrás de vocês é o passado. O que está na frente é o futuro. E o ponto onde vocês estão é o presente. Vocês podem até dar uma olhada para trás e ver o passado – aquilo que fizeram, aquilo que sentiram – mas, acreditam que o que passou não volta mais, que não há como andar para trás e recuperar o que está lá. Vocês só podem andar para frente, só que não conseguem ver o que está pela frente. Então, ou vivem do passado – lembrando a juventude, os amores, os bons ou os maus momentos – ou vivem preocupados com o futuro – com a segurança, a saúde, as finanças, etc. E o que acontece com o presente? Na maioria das vezes, vocês não lhe dão nenhuma atenção!”*

Ela faz uma pequena pausa, para me dar tempo de refletir sobre as suas palavras. Lembro-me que já tive esta conversa com Pitágoras, quando ele observou que a natureza não se preocupa com o futuro e me disse: – *“Perceba que nossa consciência está sempre no passado ou no futuro – dificilmente está no presente. E algo me diz que esta é uma das chaves para a alegria interior e para muitas outras coisas boas, das quais ainda nem temos idéia... viver no presente!”* Mas isto, para mim, ainda é um mistério. Pergunto, então:

- *“Mas o que é o presente, senão um instante fugidivo que logo se transforma em passado? Neste instante estou falando com você, mas daqui a um segundo estas minhas palavras já pertencem ao passado. Então, fico me perguntando, como eu poderia dar mais atenção ao presente.”*

- *“Em primeiro lugar, mudando o seu conceito sobre o presente. Ele não precisa ser um instante que está sempre indo embora. Você pode expandir esse momento infinitamente, se estiver disposta a permanecer nele sempre.”*

- *“Parar o tempo?!”*

- *“Bem, o tempo – da forma como vocês o entendem – também é uma criação da sua mente, é uma ilusão criada por vocês mesmos para poderem viver a dualidade do planeta Terra. Deixe que eu tente lhe explicar como as coisas funcionam ‘do lado de cá’... Aqui estamos sempre no Agora. É como se estivéssemos no centro de uma enorme esfera, onde tudo estivesse acontecendo simultaneamente: tanto o que vocês chamam passado, quanto o que vocês chamam futuro. Dependendo do lado para onde você olha, você enxerga um determinado acontecimento, ou uma determinada série de acontecimentos. Tudo está lá, em potencial. Assim, temos uma visão mais ampla da realidade e podemos escolher com mais clareza o que desejamos vivenciar a cada momento.”*

Não sei bem porque, isso me faz lembrar aquele “jogo” que me foi mostrado, para simbolizar a nossa experiência na Terra. Logo no princípio, quando se acendem as circunferências de número 1, o Mestre me diz- *“Veja que elas estão bem próximas uma da outra. Isso significa que, nessa primeira fase, você, como ser humano, ainda está totalmente conectada com a sua divindade, com o ser de luz que você é. Assim, embora vivendo neste mundo, você se orienta pelo seu aspecto divino, permitindo que ele governe a sua vida de forma harmoniosa...”* Isso me faz pensar que esse tal de Agora deve ter alguma coisa a ver com estar conectada com meu aspecto divino. Porque, tanto num caso como no outro, eu tenho a possibilidade de fazer escolhas mais acertadas. Mas, então, como faço para acessar o Agora?

- *“Você acaba de responder a sua própria pergunta! Para estar no Agora, você precisa estar conectada com seu Ser Divino. Você já teve essa experiência várias vezes...”*

Tio Guilherme solta uma daquelas suas gargalhadas de sacudir o mundo e eu acabo despertando.

- *“O que houve de tão engraçado?”* – pergunto, sem saber direito onde estou.

- *“Você perdeu a cena! Devia ter visto o seu amigo Pitágoras tentando salvar a galinha! Ela escapou do galinheiro e o Pintado não teve dúvida, saiu atrás dela. Pitágoras, vendo que a coitada ia virar almoço de cachorro, quis dar uma de herói, pulou da rede e correu para tentar agarrá-la antes dele. Só que tropeçou numa pedra, deu uma pirueta no ar e, com isso, espantou o cachorro, espantou a galinha e ainda caiu sentado em cima do canteiro de margaridas da sua mãe.”*

Olho para o lado do galinheiro, ainda a tempo de ver o Pitágoras sentado no meio das flores, sem jeito por ter amassado grande parte delas.

- *“Rapaz! Você devia trabalhar num circo!”* – tio Guilherme fala e, fingindo que está segurando um microfone, anuncia: – *“E agora, com vocês, o Homem Elástico! Vejam que piruetas sensacionais!”* – e continua dando risada.

Pitágoras leva tudo na brincadeira e volta a se sentar conosco, pedindo desculpas para a minha mãe por causa das flores.

- *“Não se preocupe.”* – ela responde, rindo – *“Num instante elas vão crescer de novo. De qualquer jeito, você conseguiu salvar a galinha das garras do Pintado!”*

E eu me dirijo ao tio Guilherme:

- *“Sabe, tio, que também já dei esse conselho para o Pitágoras? Não assisti essa cena, mas já o vi dando umas piruetas incríveis! Onde foi que você aprendeu isso, Pitágoras?”*

- *“Aprendi sozinho. Sabe quando a gente é criança e bota uma idéia na cabeça? Eu via aqueles palhaços no circo dando cambalhotas e fazendo piruetas e inventei que queria fazer igual. Aí comecei a treinar. Cambalhota, até que foi fácil, mas as piruetas... levei muitos tombos até conseguir dar a minha primeira pirueta perfeita! Depois que aprendi, virou uma coisa natural para mim.”*

- *“Agora ele inventa uns motivos esquisitos para dar umas piruetas de vez em quando e não perder a forma!”* – tio Guilherme caçoa.

Meu pai, que estava dentro de casa, aparece de novo na varanda. Ao ver que eu acordei, comenta bem humorado:

- *“Então a Bela Adormecida despertou do seu sono profundo! Em que reinos você*

andava?”

- “No Reino das Pedras!” – respondo, aproveitando a oportunidade – “E tive uma conversa muito interessante com uma pedra.”

- “Ih! Pegou a doença do tio!” – meu pai exclama, fingindo preocupação – “Agora são dois que conversam com as pedras! Isso já está virando um mal de família!” – e, não contendo a curiosidade, pergunta – “O que uma pedra pode falar de tão interessante?”

- “Pai, você já passou por alguma experiência em que o tempo parece não existir?”

- “Como assim?... Bem, talvez em algum sonho. Sabe como são os sonhos, não é? Tudo pode acontecer!... Mas, por quê? Você estava conversando sobre isso com a pedra?!”

- “Estava.”

Meu pai me olha como se eu estivesse doente. Ao mesmo tempo, há algo nele que lhe diz que eu estou perfeitamente lúcida. Posso perceber o seu conflito interno... por um lado, ele sabe que não sou de inventar histórias... por outro, esse caso parece ultrapassar todos os limites do razoável.

- “Minha filha, se você me dissesse que estava conversando com um cientista – um físico quântico, por exemplo – eu até poderia achar essa conversa muito natural mas, com uma pedra...!”

- “Bem, se o problema é a pedra, então esqueça-se dela. Na verdade, eu estava sonhando. Então a pedra podia estar simplesmente simbolizando a minha própria consciência, a minha própria sabedoria interna. E esta parte sábia de mim mesma estava me falando sobre isso, sobre a importância de permanecermos no momento presente, que é o único ‘tempo’ que realmente existe. O passado e o futuro são apenas criações da nossa mente.”

Antes que meu pai faça algum comentário, tio Guilherme pergunta, com muito interesse:

- “E ela ensinou-a como se fixar no presente, se ele está sempre mudando?”

Eu repito o que ouvi da minha pedra sobre o Agora e Pitágoras também se entusiasma:

- “Essa imagem da esfera, onde estão todos os acontecimentos como potencial, me faz pensar naqueles sonhos que tivemos. Lembra, Angélica? Sobre as infinitas possibilidades que estão à nossa disposição a todo momento... é só escolher a que melhor nos convém. Mas você se lembra que ficamos nos perguntando como enxergar essas possibilidades? Pois agora temos a resposta!”

- “Temos?!”

- “Sim, Angélica, acorde! Você mesma acabou de falar que, para se acessar o Agora, temos que estar sempre conectados com o nosso Ser Divino...” – e, lembrando que meu pai se irrita com essa expressão, imediatamente se corrige – “... ou sabedoria interna, como Angélica falou e que, no fundo, é a mesma coisa! É a nossa sabedoria interna que vai nos manter no Agora. E é no Agora que estão todas as possibilidades. É no Agora que podemos enxergá-las e escolher a que queremos trazer para a nossa realidade! É só nos conectarmos com a nossa sabedoria interna!”

Tio Guilherme e o meu pai não parecem compartilhar de todo esse entusiasmo do Pitágoras. Meu tio faz a pergunta pelos dois:

- “E como a gente se conecta com essa tal de sabedoria interna?”

- “Como?... Hmm... Bem...” – Pitágoras olha para mim, para ver se eu tenho a resposta, mas também fico sem saber o que dizer.

Então, somos surpreendidos pela voz doce da minha mãe, que até então estava só escutando:

- “A sabedoria interna se revela quando você fica a sós consigo mesmo; quando fica em silêncio, voltado para o seu próprio interior, procurando não pensar em nada, não se distrair com nada que esteja fora de você. Sentindo apenas a sua própria respiração, ouvindo apenas as batidas do seu próprio coração, permitindo que o seu ser verdadeiro se expresse. É nesse estado, quando a sua mente finalmente se cala, que você consegue ouvir a sua própria voz interna... e aprender com ela.”

Todos permanecemos em silêncio por alguns segundos, como que enfeitiçados por aquelas palavras e pela doçura com que foram ditas. Meu pai, olha para a minha mãe, como se estivesse vendo-a pela primeira vez... e apaixonando-se à primeira vista! Abraço-a carinhosamente, agradecida por seu esclarecimento e ela corresponde ao meu abraço. Finalmente tio Guilherme pergunta:

- “Maria Clara, só preciso saber como vou calar a boca da minha mente, que não consegue

*ficar quieta um segundo sequer!”*

Ela sorri aquele sorriso maternal e responde:

- *“Isso é só uma questão de treino. Tudo se consegue com perseverança. Veja o nosso amigo Pitágoras – não foi assim que ele aprendeu a dar essas piruetas incríveis? Tente um pouquinho todos os dias ... cinco minutos... depois passe para dez minutos... depois quinze... Quando você perceber, já conseguiu! Depois de um certo tempo, você já vai estar tão treinado, que nem vai ter mais que ficar em silêncio para fazer essa conexão. Vai estar permanentemente conectado.”*

Meu pai continua olhando embevecido para a minha mãe, e então se sai com esta:

- *“Pelo jeito, vou ter que começar a meditar, senão daqui a pouco não vou mais conseguir conversar com vocês. Já estou me sentindo meio estrangeiro no meio desta turma de lunáticos!”*

Olhamos uns para os outros, quase sem poder conter o nosso espanto. Apesar do seu tom de brincadeira, percebemos que ele já está um tanto inclinado a fazer parte do nosso time. Quem poderia imaginar que ele fosse render-se tão rapidamente?

- *“Vocês já têm algum programa para amanhã?”* – minha mãe nos pergunta.

- *“Agenda totalmente livre!”* – responde Pitágoras.

- *“A minha idem!”* – diz tio Guilherme.

- *“O que você está querendo nos sugerir?”* – pergunto.

- *“Eu estava pensando em lhes mostrar um lugar muito interessante que descobri aqui no sítio, há poucas semanas, numa das minhas caminhadas solitárias...”*

- *“Nem precisa falar mais nada.”* – tio Guilherme interrompe-a – *“Eu topo!”*

- *“Deixe que ela explique!”* – digo – *“Estamos curiosos!”*

Minha mãe sorri e continua:

- *“É uma gruta... mas tem uma coisa especial, que eu não vou contar, para ver se vocês reparam.”*

- *“Aaaaah!”* – reclamamos em uníssono, decepcionados.

- *“Quero ver se não é imaginação minha. Se eu contar, vocês já vão ficar influenciados e...”*

Ficamos todos curiosos e loucos para ir descobrir esse mistério agora mesmo! Mas ela diz que não dá para irmos agora, porque é meio longe da casa.

- *“Dá umas duas horas a pé, caminhando calmamente, sem pressa. Como amanhã o Osvaldo vai ter que passar o dia todo na cidade, pensei em não fazer almoço. Nós poderíamos ir cedo para lá e levar um pequeno farnel para comermos quando sentirmos vontade.”*

- *“Oba! Piquenique!!!”* – exclamo entusiasmada. Tio Guilherme e Pitágoras também se animam:

- *“Adoro piqueniques!”* – diz Pitágoras – *“Mas tem que ser com cestinha de vime e toalha xadrez branco e vermelha!”*

- *“Vou ver se consigo providenciar esses detalhes importantes.”* – minha mãe brinca.

- *“Isso me faz lembrar da minha infância na fazenda do meu avô!”* – tio Guilherme comenta, feliz como uma criança – *“Não vejo a hora de partirmos!”*

Na manhã seguinte, depois de um café da manhã reforçado, saímos para a nossa nova aventura. Tomamos aquele mesmo caminho dos nossos últimos passeios. Mas, numa certa altura, entramos numa trilha que não tínhamos percebido antes, um caminho estreito aberto no meio de um bosque de árvores altas e frondosas. Elas crescerem tão juntas umas das outras, que os raios de sol mal conseguem atravessar suas copas.

- *“Você vem passear por aqui sozinha?!”* – tio Guilherme pergunta, surpreso.

- *“Não tem perigo nenhum, vocês vão ver. Além disso, é mais agradável do que andar com o sol direto em cima da cabeça da gente. Aqui é mais fresquinho e podemos ver várias espécies diferentes de plantas... e animaizinhos também.”*

Mal ela pronuncia essas palavras, um esquilo atravessa o caminho, bem na nossa frente e, com uma agilidade fantástica, sobe numa enorme mangueira, perdendo-se de vista.

- *“Há algumas árvores frutíferas por aqui e os esquilos adoram frutas.”* – minha mãe

explica.

Tio Guilherme diverte-se catando pedras pelo caminho. Cada uma mais linda que a outra! Parece que ele já tem os olhos treinados para isso, porque sempre enxerga uma pedra especial antes de qualquer um de nós.

- *“Daqui a pouco você não vai mais conseguir andar, com tanto peso nos seus bolsos!”* – Pitágoras caçoa.

- *“Estou mais em forma do que pareço, rapaz! Não me subestime só porque tenho alguns aninhos a mais que vocês!”* – tio Guilherme responde, fingindo-se ofendido. Mas logo seu rosto se ilumina de novo – *“Olha o que estou vendo! Um quartzo rosa!!!”* – E, num salto alcança o cristal que está à beira do caminho, como se estivesse apenas esperando para ser descoberto por ele.

- *“É impressionante como as pedras parece que se jogam na sua frente para serem apanhadas por você!”* – diz minha mãe – *“Eu nunca tinha reparado que havia tanta pedra bonita por aqui.”*

- *“É porque elas sabem que sou apaixonado por elas! Como você não liga para elas, elas não se mostram para você. Comece a se interessar e você vai ver o que acontece.”*

Fico pensando que não é só com as pedras que as coisas funcionam desse jeito. Sempre que a gente começa a se interessar por uma determinada coisa ou por um determinado assunto, parece que a gente começa a atrair tudo que se relaciona com isso. Por exemplo, desde aquela noite em que sonhei com a minha Fada Madrinha e ela me deixou tão curiosa a respeito de quem eu realmente sou, comecei a atrair um montão de situações que estão ajudando-me a esclarecer essa questão.

- *“Tudo na vida é assim.”* – digo – *“Nós estamos sempre atraindo aquilo em que colocamos o nosso interesse e a nossa atenção.”*

- *“E é por isso que temos que estar sempre vigiando os nossos pensamentos e sentimentos.”* – minha mãe completa – *“Pensamentos e sentimentos bons atraem coisas boas; pensamentos e sentimentos negativos atraem coisas e situações negativas. É importante estarmos sempre bem conscientes de onde estamos colocando a nossa atenção!”*

- *“É verdade.”* – Pitágoras concorda – *“Tem gente que se preocupa tanto com a saúde, que acaba ficando doente, porque, na verdade, não está colocando a sua atenção na saúde, mas na doença – Não toma sorvete, para não ter uma dor de garganta. Não toma vento, para não focar com torcicolo. Não sai no sereno, para não pegar um resfriado...”*

- *“Não cata as pedras bonitas do caminho, para não ficar com dor nas costas!”* – tio Guilherme completa, dando uma gostosa gargalhada! E logo retoma um ar mais sério: – *“Você tem razão, Pitágoras. A pessoa em vez de se focalizar na saúde, está se focalizando nas doenças. E é isso que ela atrai... É verdade! Eu nunca tinha visto isso dessa forma... É como quem vive preocupado com as contas do fim do mês... ‘Como vou arranjar dinheiro para pagar essas contas? Hoje ainda é dia 15 e meu dinheiro já está acabando!...’ Essa pessoa está colocando sua atenção na falta de dinheiro, quando devia estar se focalizando na abundância. Então o que acontece? Chega o fim do mês e o dinheiro não vem mesmo, porque foi isso que ela atraiu.”*

- *“Puxa vida! Como é importante vigiarmos os nossos pensamentos!”* – digo – *“No final das contas, eles praticamente direcionam a nossa vida...”*

Sáímos do bosque e começamos a subir a encosta de um morro. O sol já está bem quente e as árvores estão mais espalhadas, de modo que não temos tanta sombra como antes. Caminhamos mais devagar e falamos menos, para economizar nosso fôlego. Finalmente chegamos num patamar no topo do morro e minha mãe sugere que demos uma paradinha para descansar.

- *“Vocês já estão com fome? Querem beber alguma coisa? Comer alguma coisa?”*

Tio Guilherme responde por todos:

- *“Podemos fazer nosso piquenique aqui mesmo. É um lugar muito bonito e agradável!”*

Sentamo-nos ao pé de uma enorme paineira coberta de flores cor-de-rosa. Minha mãe abre a sua cestinha de vime e, lançando um olhar maroto para Pitágoras, tira de dentro dela uma toalha de mesa xadrez branca e vermelha, estendendo-a no chão à nossa frente. Pitágoras não se contém, pula para junto dela e lhe dá um abraço apertado, dizendo:

- *“Isto é um piquenique de verdade! Isto é um piquenique de verdade!”*

Damos risada com a sua reação. Minha mãe tira também alguns sanduíches e frutas de dentro da cesta e vai colocando tudo em cima da toalha. Pitágoras e tio Guilherme abrem suas mochilas e tiram os sucos e copos de papel.

Enquanto saboreamos nosso lanche e descansamos nossas pernas, pergunto à minha mãe se a gruta ainda está longe.

- *“Não. É logo ali, do outro lado do morro. Mais alguns passos e chegaremos lá.”*

- *“Estou curiosa para saber o que há de especial nessa gruta!”*

- *“Eu é que estou curiosa para ver se vocês vão perceber o mesmo que eu percebi... Ou se sou eu que ando vendo coisas!”*

Estamos tão curiosos que, mal acabamos de comer, resolvemos continuar a nossa caminhada. Recolhemos nossas coisas e começamos a descer o morro pelo outro lado. A vista que temos deste lado é ampla e esplendorosa – um vale coberto de uma vegetação bem fechada e, logo adiante, três lagoas pequenas, entremeadas de pequenos bosques floridos. Depois de caminharmos uns poucos metros, minha mãe pára e diz:

- *“Pronto. Chegamos.”*

Nós três olhamos ao nosso redor e perguntamos:

- *“Chegamos onde?”*

Sem dizer nada, ela aponta para uns arbustos junto à encosta. Ficamos parados olhando para eles, até que percebemos que eles estão encobrendo uma fenda no morro, entre duas rochas.

- *“Esta é a entrada da gruta. Vocês estão dispostos a me acompanhar?”*

- *“Claro! Para isso viemos até aqui!”* – diz Pitágoras.

- *“Então, preciso lhes dizer uma coisa... talvez pensem que sou meio maluca... mas é que, desde a primeira vez que vim a este lugar, tenho a impressão que devo pedir permissão para entrar... Sabem?... Não ir entrando assim, sem mais nem menos... É como se isto fosse uma espécie de santuário e...”*

- *“Não precisa se justificar tanto, Maria Clara!”* – tio Guilherme interrompe-a, com seu bom humor de sempre – *“Todos aqui somos meio ‘maluquinhos’. Então não se preocupe, que não vamos pensar nada de mal de você. Na verdade, até concordo com você. A natureza merece todo nosso respeito e reverência e nada mais lógico do que pedirmos licença antes entrar num lugar especial como este.”*

Cada um a seu modo, nós quatro pedimos permissão e passamos por aquela pequena fenda. Para nossa surpresa, chegamos num espaço amplo e iluminado por uma suave luz azulada. Minha mãe olha para cada um de nós para ver a nossa reação. Pitágoras é o primeiro a falar:

- *“De onde vem esta luz azul, tão delicada?!”*

- *“Isto é incrível!”* – diz meu tio – *“Estamos dentro de uma pedra toda cinzenta. Como pode haver luz aqui dentro?! E azul, ainda por cima!”*

- *“Isto é realmente mágico!”* – completo, sem encontrar mais adjetivos para descrever o meu encantamento.

- *“Então não é imaginação minha!”* – diz minha mãe, com um certo alívio – *“Mas isso não explica de onde vem essa luz. Se estamos num ambiente de paredes cinzentas, com apenas uma pequena abertura dando para fora. Isto é cientificamente impossível!”*

- *“Isso é um pensamento linear, baseado na sua lógica de terceira dimensão!”* – diz uma voz grave e firme, que parece vir de todos os cantos da caverna.

Levamos tamanho susto, que ficamos paralisados e mudos por alguns instantes. Só os nossos olhos se movem de um lado para o outro, procurando o dono daquela voz e, ao mesmo tempo, aterrorizados diante do que poderemos encontrar pela frente. A voz volta a falar:

- *“Não precisam ter medo. Não há nada a temer aqui.”*

Imediatamente, vemos um ser se materializar diante de nós. É uma forma humana – um homem, diríamos – de cabelos vermelho-dourados como o fogo, e aparência jovem e radiante. Ele sorri para nós e se apresenta:

- *“Olá, meus amigos. Meu nome é Rafael. Sou um ser humano, como vocês, só que já fiz meus aprendizados na terceira dimensão, já estou numa dimensão mais elevada e, por isso, meu*

*corpo está num nível vibratório diferente – mais sutil do que o de vocês, digamos. Estou à sua disposição para lhes esclarecer o que estiver ao meu alcance.”*

- *“Estamos encantados em conhecê-lo, Rafael...”* – diz a minha mãe. E tio Guilherme completa, rindo:- *“Apesar do susto que você nos pregou!”*

- *“Desculpem-me se os assustei.”* – ele responde, gentilmente.

- *“Está desculpado, amigo. Meu nome é Guilherme. Esta é minha cunhada, Maria Clara e estes são meus sobrinhos, Angélica e Pitágoras. A Angélica é filha da Maria Clara.”*

Percebo que ele não precisava de todas essas apresentações. Sinto que ele já sabia exatamente quem cada um de nós é. Mas, ele responde cortesmente:

- *“Tenho o maior prazer em conhecê-los! Eu poderia lhes ser útil de alguma forma?”*

Como eu continuo sem saber direito o que é um pensamento linear, aproveito para perguntar:

- *“Rafael, você falou que o que nós estávamos pensando a respeito desta luz é um pensamento linear... Poderia nos explicar o que você quis dizer com isso?”*

- *“Esse é o pensamento típico da terceira dimensão, a dimensão em que a maioria dos seres humanos está vivendo, no momento... Na verdade, vocês já têm todos os recursos para ultrapassar esta dimensão, mas a maioria ainda está se apegando a ela e, com isso, vocês estão se fechando para os benefícios associados a uma dimensão mais elevada. No pensamento linear, vocês ‘caminham’ em linha reta, isto é, vocês ligam uma situação a outra por meio de deduções, e não conseguem fazer associações mais amplas. Assim, ficam sempre restritos às mesmas conclusões limitadas.”*

- *“Como no caso desta luz, por exemplo?”* – Pitágoras interrompe-o.

- *“Sim! Veja só como funciona o pensamento linear: estamos numa gruta, onde a única abertura para fora é uma fenda muito estreita e pequena, por onde entra pouca ou quase nenhuma luz, já que ela está praticamente escondida pelos arbustos do lado de fora. Se a luz não tem por onde entrar, não é possível que haja luz aqui dentro. Mesmo que, por algum milagre da natureza, entrasse um pouco de luz, ela iluminaria muito pouco este ambiente e jamais seria azul, já que as paredes e o piso são cinzentos e não há nada azul aqui dentro para poder refletir essa cor. Então, isso também não é possível...”*

- *“E como seria um pensamento não linear, nesse caso?”* – Pitágoras pergunta.

- *“O pensamento não linear leva em consideração todas as possibilidades e não só as possibilidades que vocês consideram ‘lógicas’. Mas, para terem acesso a essas possibilidades, vocês têm que estar no momento presente – no Agora – porque senão, ficam sempre presos aos conceitos que vocês aprenderam no passado e não conseguem enxergar outra coisa além disso.”*

Ele faz uma pequena pausa, para nos dar tempo de assimilar o que ele está nos dizendo. Sim, todas as nossas deduções – sejam elas as mais banais ou as mais sofisticadas – são feitas a partir de idéias aprendidas no passado. Lembro-me das palavras de Feliz:- *“Vocês precisam relaxar a mente, senão vão ficar eternamente presos aos conceitos que lhes foram ensinados, que foram passados de geração para geração. Não que eles sejam de todo descartáveis, mas eles não permitem que vocês se abram para novas maneiras de pensar e de ver as coisas. E assim, vocês ficam sempre muito limitados...”* Então, fico pensando que as pessoas que fizeram grandes descobertas ou invenções revolucionárias devem ter conseguido se focalizar no Agora e se manter aí, até conseguirem ver as coisas de uma outra forma.

- *“Vou citar um exemplo bem conhecido.”* – diz o nosso novo amigo – *“Durante muito tempo, acreditou-se que a Terra era plana e acabava num abismo, onde havia monstros das mais terríveis espécies. Até que alguém ousou questionar essa verdade, permitindo-se enxergar outras possibilidades. Ao se abrir para isso, ele acabou descobrindo que a Terra é esférica, o que trouxe novas implicações, que continuam sendo aceitas até hoje.”*

- *“Mas existem certas leis físicas!”* – diz Pitágoras, referindo-se à questão da luz ali dentro... mas logo contesta a si mesmo: – *“Apesar que nem sempre essas leis são absolutas...”* Acho que ele deve ter se lembrado do caso da cachoeira e sua discussão com Olho de Tigre.

- *“Exatamente.”* – diz o ser de cabelo de fogo – *“Porque nem sempre as coisas são o que*

parecem ser.” – e sorrindo sugere – “Vamos desvendar de uma vez este mistério da luz azul? Sei que vocês estão mais do que curiosos, não é?”

Tio Guilherme concorda imediatamente:

- “Boa idéia, porque estou queimando meus neurônios em busca de uma explicação!”

- “O problema, mais uma vez, é que você quer encontrar essa explicação dentro dos conceitos conhecidos, isto é, dentro do passado e não do Agora. Para acessar o Agora, você não tem que ‘queimar’ nenhum neurônio, não tem que fazer nenhum tipo de esforço mental. Pelo contrário – deve deixar a sua mente completamente livre, solta, vazia, se possível. Só então, as idéias começarão a fluir. Experimente isto por alguns instantes. Podemos fazer isto juntos...”

Ele nos convida a sentar, apontando para umas almofadas que não estavam ali antes. Ou será que estavam e nós é que não reparamos nelas?... Bem, ele acabou de falar para não esforçarmos nossa mente... então, as almofadas estão aqui e pronto! E estamos contentes, porque vai ser muito melhor do que sentar no chão duro.

Rafael prossegue, num tom grave, mas muito delicado:

- “Vamos nos sentar o mais confortavelmente possível e deixar a nossa mente livre... Deixem que os pensamentos cheguem, mas não dêem atenção a eles... Uns chegam, outros vão, outros chegam... Deixem que eles se movimentem à vontade, sem se importar com eles.”

Depois de nos dar um tempo para acalmar nossa mente, ele volta a falar suavemente:

- “Agora, olhem para esta luz azul que inunda este ambiente. Simplesmente olhem, sem questionar nada... Continuem com a mente vazia e deixem que a própria luz lhes conte a sua história...”

Ficamos em silêncio por uns 10 minutos, no mínimo, e então Rafael nos pergunta:

- “Algum de vocês teve alguma intuição a respeito dessa luz?”

Tio Guilherme é o primeiro a se expressar:

- “Sem saber, eu já andei aplicando essa ‘técnica’ para conversar com as pedras que, diga-se de passagem, têm me ensinado muitas coisas interessantes!”

Nosso anfitrião sorri, satisfeito. Tio Guilherme continua.

- “Assim, tentei me comunicar com essa luz, da mesma forma que tenho feito com as pedras, e logo me veio à mente a idéia de que ela é auto-gerada... não sei se essa seria a expressão correta. Mas, tive a impressão que ela é parte de uma energia essencial, quero dizer, uma energia que existe em todo o universo e pode se manifestar das mais variadas formas que se possa imaginar. E aqui, ela se manifesta como luz, como uma forma de iluminar este ambiente.”

Minha mãe complementa essa idéia:

- “E a forma como essa energia se manifesta, depende de uma intenção. Essa intenção, neste caso, deve ter provindo de alguém que desejava manter esta caverna sempre iluminada e pronta para receber aqueles que precisassem de um lugar agradável e seguro para ficar durante algum tempo.”

- “Por isso ela se manifestou na cor azul.” – Pitágoras conclui – “Porque essa é uma cor que nos passa um sensação de conforto e segurança, além de um certo frescor agradável, principalmente para quem vem lá de fora, num dia de sol quente como o de hoje!”

Nosso novo amigo está cada vez mais contente com as nossas conclusões. Então ele olha para mim, a única que ainda não fez nenhum comentário. E eu falo o que me vem à mente no momento:

- “E ela está aqui também para nos ajudar a nos libertarmos da nossa forma linear de raciocinar, para nos mostrar que existem infinitas possibilidades além daquelas poucas que conhecemos. E que só precisamos estar abertos para elas, para que se apresentem e venham fazer parte da nossa realidade.”

Rafael sorri, visivelmente feliz com tudo que acaba de ouvir.

- “Sim, meus amigos, vocês todos têm razão. Viram como é fácil se libertar do pensamento linear e permitir que as idéias fluam livremente? Com certeza, vocês já fizeram isto outras vezes, mas sem se dar conta do que estava acontecendo. Quanto mais vocês exercitarem isto conscientemente, mais vocês terão condições de incorporar o raciocínio não-linear, que é muito

*mais amplo e totalmente ilimitado, trazendo-lhes respostas e soluções para todas as suas questões.”*

Estas palavras me animam a expor o que a minha intuição está me dizendo neste instante, embora me pareça algo um tanto fantástico:

- *“Estava pensando que talvez existam civilizações intra-terrenas que utilizam essa ‘energia essencial’, como disse tio Guilherme, para iluminação, para combustível e para muitas outras coisas, que nem sequer podemos imaginar...”*

Os olhos de Rafael brilham e eles nos pergunta, de supetão:

- *“Vocês gostariam de visitar uma cidade dessas?”*

Essa proposta, tão inesperada, nos deixa sem saber o que responder. Olhamos uns para os outros, esperando que alguém diga alguma coisa. Pitágoras finalmente quebra o silêncio, com seu entusiasmo de sempre:

- *“Claro que queremos!!!... Quando poderíamos ir? É muito longe daqui?”*

- *“É muito mais perto do que vocês imaginam. Poderemos visitá-la agora mesmo, se quiserem.”*

Minha mãe intervém:

- *“Isso seria realmente maravilhoso, mas não podemos nos esquecer que temos duas horas de caminhada de volta à casa e temos que atravessar o bosque bem antes do anoitecer, porque lá escurece muito rápido e não trouxemos lanterna.*

Nosso amigo sorri:

- *“Meus queridos amigos, recordo-os mais uma vez que o tempo é uma criação da sua própria mente... e, sendo assim, vocês têm o poder de estendê-lo ou contrair-lo à vontade. Vocês não acreditam que podem fazer isso e é por isso que vivem limitados por ele. Na verdade, vocês mesmos é que estão se limitando. Então, por que não tentam, por alguns momentos, liberarem-se desses pensamentos restritivos, acreditando em seu potencial divino? Vocês acabaram de ter uma experiência de que isso é possível, ao descobrirem por si mesmos a natureza desta luz azul. Procurem abstrair essa questão do tempo, e verão que chegarão em casa no horário que haviam programado, independente do que façamos aqui.”*

Tio Guilherme volta-se para minha mãe:

- *“Maria Clara, percebo que você está tão curiosa quanto nós para conhecer esse lugar. Mas, se você estiver preocupada, podemos deixar para fazer essa visita num outro momento... se o nosso anfitrião concordar.”*

Mas, antes que Rafael possa dizer alguma coisa, ela decide:

- *“Esta é uma oportunidade que talvez nunca mais se repita para nós. Vamos aproveitar este momento e aceitar o convite do nosso amigo.”* E voltando-se para ele:– *“Você nos acompanha até esse lugar?”*

- *“Com todo prazer! Sigam-me.”*

Para nossa surpresa, ele não se dirige para a entrada da gruta, mas para o canto mais escuro dentro dela. Conforme vamos nos aproximando desse ponto, percebemos que há uma porta ali, meio camuflada na parede de pedra. A um comando de Rafael, ela se abre e entramos numa espécie de elevador. A porta se fecha atrás de nós e somos tomados por uma emoção mista de curiosidade e de medo. Enquanto descemos a uma velocidade fantástica, nosso amigo nos acalma:

- *“Vocês estão na mais perfeita segurança. Não há nada que possam temer. Para que não fiquem tão preocupados com o seu tempo, vamos apenas dar uma olhada aérea na cidade e logo estaremos de volta. Quero que vocês tenham esta experiência, para provarem que podem sempre confiar na sua intuição, pois ela é a forma com que o seu aspecto divino se comunica com vocês. Então, ela está sempre certa, mesmo quando parece estar dizendo algo totalmente sem sentido.”*

Fico me perguntando como podemos ter uma vista aérea de uma cidade subterrânea... com certeza, esse é mais um pensamento linear!

Finalmente o elevador pára e se abre para uma enorme plataforma, onde estão estacionados uns veículos estranhos. Apesar de termos descido sabe-se lá quantos quilômetros para dentro da Terra, parece que estamos num lugar de iluminação totalmente natural – tão claro quanto o lugar

onde fizemos o nosso piquenique! Desta plataforma, avista-se o que parece ser uma cidade como qualquer outra que conhecemos.

- *“Foi isto que você imaginou, Angélica?”* – Rafael me pergunta.

- *“Minha intuição me dizia que devia existir um lugar como este, mas isto está além de toda a minha imaginação!”*

Rafael sorri e explica:

- *“Esta iluminação provém da mesma fonte que a luz azul da gruta. É uma fonte de energia inesgotável, que vocês ainda não descobriram lá na superfície, mas que logo, logo vão descobrir.”*

E caminhando na direção de um daqueles veículos, nos explica:

- *“Isto é uma espécie de automóvel voador. Ele tanto pode andar na superfície, quanto voar. Na verdade, mesmo quando está se movimentando sobre a superfície, ele está voando, porque não chega a encostar no chão. Repararam que ele não tem rodas?”*

- *“Foi a primeira coisa que eu notei!”* – responde Pitágoras, enquanto examina o veículo de todos os ângulos, em todos os detalhes, acompanhado pelos nossos olhares curiosos – *“Que interessante! Que nome vocês dão a isto?”*

- *“Nós o chamamos de ‘fotoflut’, porque é um flutuador movido a luz.”*

- *“Que nome simpático!”* – diz tio Guilherme – *“E essa luz que o alimenta também vem daquela mesma fonte?”*

- *“Vem. Como vocês vão ver, tudo nesta cidade é alimentado por essa fonte de energia... Entrem e vamos dar um passeio para vocês verem tudo com seus próprios olhos.”*

Acomodamo-nos nos assentos do fotoflut e, sem o menor ruído, saímos suavemente flutuando pelo espaço intraterreno. Que sensação deliciosa! Logo abaixo de nós, vemos uma série de construções simples mas muito bonitas.

- *“Esta é a zona residencial.”* – nosso anfitrião nos explica – *“Vamos descer um pouco mais para vocês poderem ter uma idéia melhor de como são as casas dos habitantes deste espaço.”*

Flutuamos bem baixinho, sobre as ruas, passando por outros veículos iguais ao nosso, levando passageiros tão radiantes quanto Rafael, e que nos cumprimentam amistosamente.

- *“Todas as pessoas que vivem nas cidades intraterrenas já ultrapassaram as experiências da terceira dimensão e é por isso que seus corpos parecem mais sutis e mais luminosos que os de vocês. Na verdade, vocês da superfície também estão evoluindo para dimensões mais elevadas e logo terão corpos perfeitos e radiantes como os nossos. Nós, que estamos vivendo aqui dentro, estamos esperando ansiosamente o momento em que toda a humanidade alcance um nível vibratório mais elevado, para podermos voltar a conviver com todos em igualdade de condições.”*

Minha mãe, que até agora estava só observando, pergunta:

- *“Imagino que aqui não deve haver hospitais, não é?”*

- *“Não precisamos mais disso, pois dificilmente alguém fica doente aqui. Estamos tão bem sintonizados com o nosso aspecto divino, que nosso corpo está sempre funcionando harmoniosamente. Mesmo que, por um descuido, alguém se desarmonize e adoença, ele imediatamente acessa seus recursos internos de auto-cura e volta à saúde perfeita.”*

- *“Que maravilha! Espero que logo cheguemos a este estágio de evolução!”*

- *“Está em suas mãos! Isso está nas mãos de cada ser humano deste planeta... especialmente daqueles, como vocês, que já estão mais conscientes da sua verdadeira identidade e do seu poder.”*

O fotoflut sobe um pouco mais e sobrevoamos uma área totalmente verde, com vários tipos de plantações.

- *“Esta é a nossa zona de abastecimento coletivo. É aqui que plantamos e colhemos tudo o que precisamos para alimentar nosso corpo físico. Temos vários tipos de frutas saborosas, além de legumes, verduras, cereais e alguns tipos de castanhas.”*

- *“É impressionante como vocês conseguem manter tudo tão verdinho e exuberante, sem a luz do Sol.”* – observo. E Rafael explica:

- *“É porque nós também temos uma espécie de ‘sol’, que nos provê de todos os tipos de energia de que precisamos para viver aqui no interior da Terra.”* – E percebendo o ar pensativo do

tio Guilherme, pergunta-lhe - *“O que lhe passa pela cabeça, meu amigo?”*

- *“Talvez este meu pensamento não tenha nenhum sentido... talvez seja fruto da minha paixão pelas pedras... mas, já que estamos treinando nos libertar do nosso pensamento linear... bem, estou imaginando esse ‘sol’ de vocês como um enorme cristal que capta essa energia essencial, transforma-a em luz, calor ou qualquer outro tipo de energia que vocês precisem, e irradia essa nova energia para o ponto onde ela é necessária.”*

- *“Sua intuição está correta, querido amigo! Como sempre!”* – Rafael responde sorrindo.

Tio Guilherme também dá um sorriso largo e satisfeito.

Agora, quem fica pensativo é Pitágoras, mas não demora a expressar a sua dúvida:

- *“Então, vocês nunca têm noite aqui dentro? Tudo está sempre claro?”*

Antes que Rafael possa dizer alguma coisa, tio Guilherme responde com toda a seriedade:

- *“Não, querido, à noite eles desligam o cristalzão.”* – e cai na risada.

Todos nós rimos com ele. E Rafael esclarece:

- *“Realmente não temos noite aqui. Isso não nos faz falta, porque não temos mais necessidade de tantas horas de sono como vocês. Temos outras formas de descansar e recompor as nossas energias... através da meditação, por exemplo.”*

Continuamos planando sobre a cidade, enquanto Rafael vai nos mostrando os outros setores e nos explicando resumidamente como funciona essa sociedade tão pacífica e feliz. Finalmente nos pergunta:

- *“Há mais alguma coisa que vocês queiram ver ou saber sobre este lugar?”*

Minha mãe responde por nós:

- *“Querido Rafael, acho que você já satisfez toda a nossa curiosidade! Nem sabemos como lhe agradecer pela sua amabilidade e pelo tempo que está se dedicando a esclarecer as nossas dúvidas! O que acabamos de ver e aprender com você superou todas as nossas expectativas. Agora, penso que já podemos voltar para a gruta, pois temos uma longa caminhada pela frente.”*

Apesar disso, eu ainda gostaria de ficar mais algumas horas neste lugar... ou mais alguns dias, para conhecer outras pessoas, trocar idéias com elas, sentir mais de perto como é viver num corpo mais sutil e num lugar como este. Mas, acho que a minha mãe tem razão. Está na hora de voltarmos para casa... Mais uma vez o tempo a nos limitar!... Mais uma vez nós mesmos nos limitando e culpando o tempo...

Rafael nos acompanha de volta à gruta e de lá nos despedimos carinhosamente, como se ele fosse um querido amigo de muitos anos.

O caminho de volta parece mais curto que o da ida, de tão entretidos que estamos com os nossos comentários sobre a experiência fantástica que acabamos de passar! Será que alguém acreditaria em nós se contássemos o que vivenciamos hoje?

Como Rafael previu, chegamos em casa antes do pôr do sol – todos cansados, mas extremamente satisfeitos com o nosso passeio! Logo meu pai chega, trazendo pãezinhos de vários tipos, além de queijo e outros frios para fazermos um lanche. Estamos todos com fome e num instante ajudamos minha mãe a pôr a mesa e nos sentamos para mais esta deliciosa refeição juntos – a última desta temporada de descanso, pois tio Guilherme deve partir amanhã cedinho e nós iremos embora, provavelmente, antes do almoço.

- *“E então, como foi o dia de vocês?”* – meu pai pergunta – *“Descobriram o mistério da gruta da luz azul?”*

- *“Quer dizer que a Maria Clara já tinha comentado sobre isso com você?”* – diz tio Guilherme

- *“Já.”* – meu pai responde, sorrindo – *“Falei que ela devia estar imaginando coisas, porque isso realmente é impossível! Mas ela insistiu tanto, que andei até pensando em ir até lá com ela, para desmistificar esse caso. Ainda bem que vocês puderam fazer isso por mim!”*

Ficamos em silêncio por alguns segundos, pensando se devíamos ou não esclarecer esse assunto. Finalmente, o próprio tio Guilherme resolve falar:

- *“O negócio é que a tal da luz azul existe mesmo, Osvaldo!”*

Meu pai olha para mim e para Pitágoras, esperando captar em nós um olhar de cumplicidade ou algo que denuncie que essa é mais uma das brincadeiras do seu irmão. Mas provavelmente se decepciona, porque se torna totalmente sério e até um pouco irritado:

- *“Mas isso é impossível!... A não ser que haja alguma outra abertura... talvez na parte de cima da gruta... Ou será que alguém fez uma instalação elétrica lá dentro?... Mas quem faria isso? E para quê?”* – de repente, ele muda o tom e começa a rir – *“Vamos Guilherme, confesse que você está querendo me enganar! Conheço você, meu irmão, sei que você gosta de brincar com as pessoas...”*

Começo a ficar preocupada. Com certeza meu pai não está preparado para ouvir a nossa história. Mas também não posso contradizer meu tio, ainda mais que ele está dizendo a verdade! Toco a minha pedra, o meu Olho de Tigre, buscando a minha sabedoria interior, e então digo:

- *“Pai, tio Guilherme não está brincando. E nós também não temos a menor intenção de fazer você de bobo. Jamais faríamos isso! Temos um grande respeito por você. Quando entramos na gruta, também não podíamos acreditar no que estávamos vendo. Aquilo realmente nos parecia totalmente impossível... mas estava ali! E nós quatro estávamos vendo a mesma coisa! Então, de repente apareceu um homem, muito gentil e muito sábio, que nos explicou aquele fenômeno.”*

- *“Apareceu como? Materializou-se na frente de vocês?”*

Percebo que ele já está bem irritado com essa história. Mas, não posso parar no meio do caminho... E também não posso dizer que foi isso mesmo que aconteceu. Seria demais para ele!

- *“Estávamos tão impressionados e tão envolvidos com os nossos questionamentos a respeito daquela luz, que não vimos quando ele entrou na gruta.”*

Ele me interrompe, com um arzinho sarcástico:

- *“Aposto que era um velho de barbas e cabelos brancos e compridos, vestindo uma túnica toda branca também!”*

- *“Pelo contrário! Era um homem jovem – talvez trinta e poucos anos – e de cabelos ruivos. Mas isso não vem ao caso. O que importa é que ele nos deu uma explicação muito interessante a respeito da natureza daquela luz.”*

- *“E o que foi que ele disse?”* – meu pai pergunta, ainda desconfiado.

Não posso estragar tudo agora! Enquanto procuro as palavras mais adequadas, minha mãe vem em meu socorro:

- *“Osvaldo, esse jovem nos ensinou uma coisa muito importante. Que nós vivemos tão presos aos conceitos e padrões aceitos e conhecidos, que acabamos fechando-nos para novas possibilidades e novos aprendizados. Como você acha que as grandes descobertas e os grandes inventos puderam acontecer? Foi porque algumas pessoas ousaram questionar a ‘verdade incontestável’, abrindo suas mentes para o inimaginável, deixando que as respostas chegassem até elas naturalmente... sem nenhum esforço mental.”*

- *“Você tem razão. Já li várias histórias de grandes cientistas ou inventores que ‘quebraram a cabeça’ durante anos, em busca de alguma resposta ou novas soluções e, de repente, quando eles desistiram de pensar, quando esvaziaram a mente de tudo que conheciam, a resposta chegou com toda a clareza. Isso é realmente interessante.”*

Pitágoras entra na conversa:

- *“É como se existisse um grande reservatório de infinitas idéias e soluções, que está sempre à nossa disposição, mas só podemos ter acesso a ele, quando esvaziamos nossa mente e ficamos receptivos ao novo, ao diferente, ao desconhecido... sem julgamentos.”*

Meu pai dá uma risadinha e fala:

- *“Está bem! Vocês conseguiram – já estou pronto para receber a informação bombástica sobre a natureza da misteriosa luz azul!”*

Damos risada! E agora, já mais descontraídos, contamos a ele o que Rafael nos disse a respeito dessa luz... ou melhor, aquilo que nós mesmos acabamos descobrindo, em estado de meditação. Não sei se ele chega a acreditar totalmente nisso, mas não faz nenhum comentário. Isso é um sinal de que ele vai refletir sobre o assunto... o que já é um grande passo!

E paramos por aí a nossa conversa sobre a aventura de hoje. A história da cidade subterrânea

ainda vai ter que esperar para ser revelada.

Quando nos levantamos na manhã seguinte, tio Guilherme já havia partido. Apesar de termos nos despedido na noite anterior, sinto um grande vazio ao constatar que ele foi embora mesmo. Já sinto falta da sua presença vibrante.

Tomamos nosso café da manhã com bastante calma, conversando banalidades e, logo depois, despedimo-nos dos meus pais, agradecendo-lhes pela hospitalidade e prometendo voltar em breve. Ao abraçar minha mãe, sussurro ao seu ouvido:

- *“Tive muito prazer em conhecê-la, Dona Maria Clara!”*

Ela sorri carinhosamente, entendendo o que eu quis lhe dizer, pois nestes dias ela me revelou um aspecto seu que eu não conhecia... ou nunca tinha lhe dado atenção.

Meu pai nos dá um último conselho, em tom de brincadeira:

- *“Agora é bom vocês dois voltarem um pouco para a Terra. Pelo menos enquanto estão dirigindo!”*

- *“Vamos fazer o possível!”* – Pitágoras responde sorrindo – *“A não ser que encontremos algum ET pelo caminho, que nos convide a fazer uma viagemzinha em sua nave espacial!”*

Meus pais dão risada e nos desejam boa viagem... por Terra! Os dois ficam acenando para nós, até nos perderem de vista.

- *“Acho que isso já nem me surpreenderia.”* – falo, referindo-me ao convite para uma viagem espacial – *“Depois de tudo que passamos nos últimos dias... Que dias mágicos!”*

Pitágoras concorda:

- *“Foram mesmo! Quando poderíamos imaginar que passaríamos por todas essas situações totalmente inusitadas? E quantas coisas nós aprendemos nestes poucos dias!”*

- *“Uma coisa ficou bem clara para mim: que nem tudo que conhecemos como ‘verdade’ é uma verdade absoluta... se é que existe uma verdade absoluta. E é importante estarmos sempre abertos para o desconhecido, para o novo, pois só assim teremos chance de fazer novas descobertas, de ampliar os nossos conhecimentos, de enxergar possibilidades jamais imaginadas!”*

- *“Isso é o que me deixa mais encantado!”* – diz Pitágoras, entusiasmado – *“Essa questão das infinitas possibilidades que existem à nossa disposição! É só pararmos de pensar no que é possível ou impossível. Veja quanta coisa ‘impossível’ aconteceu conosco nestes dias!”*

- *“Acho que uma das coisas que nos permitiu passar por tudo isso, foi a nossa paixão por contos de fadas!”* – digo, rindo.

- *“Tem razão! Nesse ponto, somos como as crianças, que não fazem muita diferença entre o que chamamos realidade e a fantasia, e assim estão sempre prontas para integrar os conceitos mais estranhos... do ponto de vista do adulto comum.”*

- *“E encontramos um companheiro no tio Guilherme. Pelo visto, ele se conserva criança até hoje! Para ele, nada é esquisito, nada é absurdo ou impossível; tudo lhe parece normal, natural. E é por isso que ele vive tendo experiências fantásticas, pois está sempre aberto para novidades. Acho que ele não tem o menor medo do desconhecido... pelo contrário! Vive atrás de coisas diferentes!”*

Pitágoras ri, lembrando da nossa conversa da noite anterior – a última que tivemos com meu tio, depois que meus pais já haviam se recolhido:

- *“Como dois irmãos podem ser tão diferentes? Um tão sério, tão dentro dos padrões, e o outro tão... quem pode levar a sério um senhor que diz que fala com as pedras? Só nós, mesmo! E só porque passamos por uma experiência que nos provou que isso é possível. Senão, provavelmente também iríamos nos rir dele, ou, no mínimo, achar que ele era um excêntrico interessante e divertido.”*

- *“É verdade! Agora ele anda em altas confabulações com a pedra que os Mestres de Pedra lhe deram, sobre as relações entre o corpo humano e o corpo da Terra. Ele ficou intrigado com aquela questão do DNA e quer se aprofundar nisso, porque acha que pode chegar a conclusões muito interessantes.”*

- *“Pois é. Olho de Tigre disse que estávamos bem próximos da verdade, quando falamos*

*que as pedras devem ser o DNA das Terra... mas não quis continuar o assunto. Deixou-nos realmente curiosos!”*

Ficamos em silêncio por alguns minutos, olhando a paisagem que vai passando e se modificando a cada instante. Mas não conseguimos parar de pensar nas situações que acabamos de viver e nas pessoas que acabamos de deixar. Pitágoras quebra o silêncio:

- *“Sua mãe também é uma pessoa encantadora! Acho que já sabe muito mais do que demonstra saber... Seu pai ainda está resistindo um pouco, mas logo vai acabar se abrindo para mudanças. Dona Maria Clara, com aquele jeitinho doce, como quem não quer nada, vai expondo algumas idéias que o fazem refletir e questionar as suas próprias crenças.”*

Sorriso, lembrando-me da forma como o meu pai olhava para ela, como se estivesse enfeitiçado.

- *“Uma nova Maria Clara está desabrochando diante dele. E parece que ele está se apaixonando por ela...”*

Ao me ouvir dizer isso, Pitágoras olha para mim de relance – pois é ele que está dirigindo. Mesmo assim, capto algo diferente em seu olhar... uma ternura que eu não tinha percebido antes e que me atinge profundamente. Fico um pouco sem jeito, por alguns instantes, sem saber o que dizer... Mas, por que eu deveria dizer alguma coisa? Certas coisas não precisam de palavras. Sentimentos não precisam de palavras! Aquela sua olhadela tão rápida falou mais do que um discurso inteiro... É, parece que “ele” está se apaixonando por “ela”.

Devolvo-lhe um olhar tão terno quanto o dele e, embora ele não possa vê-lo, pode sentir a sua intensidade... Acho que “ela” também está se apaixonando por “ele”...

Quando estamos a duas quadras do prédio onde moro, Pitágoras observa alegremente:

- *“Temos novidade aqui!”* – e aponta para um terreno que, até semana passada, estava vazio.

- *“Circo Escola!”* – leio em voz alta o que está anunciado numa faixa estendida sobre a entrada – *“E olha o que está escrito embaixo: ‘Precisamos de professor!’”*

- *“Por que tanto entusiasmo?!”* – Pitágoras me pergunta, surpreso – *“Com certeza não é de professor de matemática que eles estão precisando.”*

- *“E por acaso é só matemática que você tem para ensinar?”*

Ele fica pensativo por alguns segundos, mas logo começa a dar risada:

- *“Angélica, você não está pensando nas minhas piruetas, está?”*

- *“Estou pensando que não custa nada ir ver do que se trata.”*

Sem contestar, ele diminui a marcha, procura um lugar para estacionar e me pergunta:

- *“Você se importaria de ir comigo?”*

- *“Claro que não! Estou curiosíssima para saber o que é isso!”*

Somos recebidos por um palhaço que, ao nos ver, faz uma reverência espalhafatosa e nos pergunta:

- *“Em que posso servi-los, jovens?”*

Sorrimos para ele e Pitágoras começa a falar:

- *“Vimos o anúncio e...”* – mas o palhaço interrompe-o alegremente:

- *“Que bom! Que bom! Finalmente chegaram os professores!”* – e bate palmas com umas luvas enormes para as mãos que estão dentro delas.

Olhamos um para o outro, sem saber o que dizer. O palhaço continua eufórico, dando cambalhotas, fazendo piruetas e gritando: - *“Que bom! Que bom!”*

- *“Sinto desapontá-lo...”* – digo, meio sem graça – *“Mas eu não sou professora. Só estou acompanhando o meu amigo... meu namorado.”* – corrijo, olhando carinhosamente para Pitágoras. E ele completa:

- *“E eu sou professor... mas de matemática. Acho que não tem nada a ver com circo, não é?”*

Mas o palhaço não perde o entusiasmo:

- *“Nada acontece por acaso, senhores! Tenho certeza que vocês têm alguma coisa interessante para ensinar para as nossas crianças! Senão, não teriam se interessado pelo anúncio.”*

*Nem sequer o teriam notado.”*

Ele não deixa de ter razão... Agora que ele falou em crianças, senti uma alegria tão grande, como se eu tivesse encontrado aquilo que eu sempre quis fazer na vida. Trabalhar com crianças – interessante que eu nunca tenha pensado nesta possibilidade antes.

- *“Eu ficaria encantada de poder fazer alguma coisa pelas suas crianças, mas não tenho idéia o quê.”*

- *“Isso não é problema.”* – o palhaço me responde, sempre bem humorado – *“O importante é você querer fazer alguma coisa. E sei que você quer de verdade, porque estou vendo o seu coração dançar de alegria.”* – e, dizendo isso, começa a dar uns passos de valsa pelo picadeiro vazio, imitando o meu coração.

Sorrimos, encantados com a sensibilidade desse ser que se encontra diante de nós. Então ele se volta para Pitágoras e diz:

- *“E o seu coração também está feliz! Primeiro, porque encontrou a sua alma gêmea, e segundo, porque finalmente vai poder libertar o palhaço que está preso aí dentro de você há tantos anos! Venha, meu colega, acompanhe-me se puder!”*

E começa a dar umas piruetas, desafiando Pitágoras a imitá-lo. Este não se faz de rogado e se lança no picadeiro, dando saltos que eu nunca o tinha visto dar! Entre risadas e aplausos mútuos, os dois dão um show digno dos melhores profissionais de acrobacias. Eu não paro de bater palmas e elogiá-los calorosamente, divertindo-me como uma criança que vai ao circo pela primeira vez.

Finalmente, os dois param – um tanto ofegantes – e o palhaço nos convida a sentar na arquibancada, para conversarmos um pouco.

- *“Antes de mais nada, meu nome é Pablo e estou muito feliz de conhecê-los!”*

- *“O meu é Angélica.”* – falo, ao mesmo tempo que Pitágoras também se apresenta – *“E também estamos encantados em conhecer você!”*

- *“Parabéns, Pitágoras! Você realmente tem uma alma circense. As crianças vão adorar ver as suas piruetas e, com certeza, vão querer que você lhes ensine a fazer igual. E você, Angélica, com essa carinha de fada, vai poder contar lindas histórias, que vão deixar as crianças de boca aberta.”*

Esse palhaço é bem perspicaz! Como foi descobrir que gosto de contos de fadas?

- *“Mas, afinal, quem são essas crianças, de quem você tanto fala?”* – pergunto e Pablo começa a nos explicar:

- *“Este circo escola pertence a uma grande empresa. Tudo começou quando o presidente dessa empresa resolveu abrir uma creche para os filhos das suas funcionárias, para que elas tivessem com quem deixá-los enquanto estivessem trabalhando. Mas, ele não queria que fosse uma creche como qualquer outra. Já que as crianças teriam que passar praticamente o dia todo lá, ele queria que fosse um lugar onde elas realmente gostassem de ficar e onde pudessem aproveitar para desenvolver as suas próprias habilidades. E assim, ele contratou profissionais especializados no tratamento e educação de crianças, incluindo aquelas de poucos meses. As mães ficaram muito satisfeitas e até passaram a trabalhar melhor, pois sabiam que seus filhos estavam bem cuidados, além de estarem ali bem pertinho delas...”*

Pablo faz uma pequena pausa e, percebendo que estamos realmente interessados no que ele está falando, continua sua narração, contando-nos que esse senhor ia periodicamente visitar a creche para averiguar como as crianças estavam sendo tratadas e se estavam se sentindo bem ali. Tudo parecia maravilhoso, praticamente perfeito, mas ele tinha um sentimento de que algo estava faltando. Alguma coisa no seu íntimo lhe dizia que havia algo mais que ele podia fazer por aquelas crianças... mas ele não conseguia definir o quê.

Até que uma noite ele teve um sonho, onde viu uma armação de lona, toda colorida, que lhe pareceu um circo. E ali dentro estavam, não só os filhos das suas funcionárias, como também várias outras crianças da vizinhança. Alguns dos profissionais que ele havia contratado para cuidar das crianças também estavam lá, mas, além deles, havia outros adultos que brincavam com elas e lhes proporcionavam algumas atividades que não faziam parte do “currículo” normal de uma creche.

Ao acordar, o senhor refletiu sobre esse sonho e percebeu, então, que a sua obra não

precisava se limitar aos filhos das suas funcionárias, mas podia estender-se para outras crianças das redondezas, já que a grande maioria frequentava a escola num só período e passava o resto do dia em casa, sem ter o que fazer... ou pior, ficava na rua. Ele poderia proporcionar a essas crianças um espaço divertido, onde elas ficariam sob os cuidados de pessoal especializado, mas também seriam assistidas por pessoas das mais diversas áreas, que se dispusessem a compartilhar algumas horas do seu dia com elas, ensinando-lhes algo interessante, ou simplesmente brincando com elas.

E Pablo conclui sua narração, dizendo:

- *“Foi assim que ele teve a idéia de alugar este terreno e montar aqui o seu ‘Circo Escola’, com esta armação que ele comprou de um circo falido. Este nome não significa que isto vai ser uma escola para quem quer trabalhar no circo... pode até ser... mas também pode não ser.”*

- *“E por que, então, ele escolheu esse nome?” – Pitágoras pergunta.*

- *“Bem, ele é uma pessoa que costuma seguir à risca as suas próprias intuições, mesmo quando parecem meio esquisitas... e isso tem dado muito certo para ele. Então, ele quis construir este espaço exatamente do jeito que lhe apareceu em sonho. E isto se parece muito com um circo, não acha?”*

- *“Para mim, isto é um circo.”*

- *“É o que as crianças vão pensar... e a maioria dos adultos também. Além disso, o circo é um lugar sempre meio mágico, onde se pode dar asas à imaginação, à fantasia. E é justamente isso que esse senhor tem em mente – proporcionar uma espécie de escola livre, onde cada criança tenha a oportunidade de deixar o seu potencial fluir, sem restrições ou direcionamentos. Por isso ele está em busca de ‘professores’ que na verdade seriam pessoas comuns, mas que teriam a função de despertar essas crianças para aquilo que elas mais gostariam de fazer na vida, e ajudá-las a desenvolver essas suas habilidades.”*

- *“Mas como uma pessoa ‘comum’ vai conseguir fazer isso?” – pergunto – “Não sei se eu, por exemplo, conseguiria perceber qual é o potencial escondido numa criança.”*

E Pablo responde-me prontamente:

- *“Não é você que vai descobrir. É a própria criança. A única coisa que se espera de você – assim como de todos os outros ‘professores’ – é que venha aqui para fazer o que você mais gosta. Você vai simplesmente servir como um exemplo... uma espécie de espelho para as crianças. Algumas vão se ver refletidas nesse espelho, outras não. Mas aquelas que se virem refletidas no seu espelho, vão querer aprender com você e vão desenvolver uma habilidade que, talvez, nunca teriam a oportunidade de desenvolver, se seguissem apenas os padrões normais de ensino. Você me entende?”*

- *“Acho que sim... Talvez não tenha entendido intelectualmente, mas meu coração me diz que isto é uma ótima idéia!”*

- *“Então, estão aprovadas! A idéia e a Angélica!” – e, voltando-se para Pitágoras, pergunta rindo: – “E o meu colega, o que está pensando?”*

- *“Pode contar comigo!”*

- *“Viva!!!” – Pablo exclama e sai pulando, na maior empolgação! – “Começaremos na próxima segunda-feira!”*

Quando estamos saindo, cruzamos com uma jovem de aspecto delicado, que está se dirigindo para o “circo”. Ao nos ver, ela pergunta gentilmente:

- *“Com licença... vocês sabem que tipo de professor eles estão procurando?”*

- *“O seu tipo!” – Pitágoras responde sério.*

Ela fica sem saber se aquilo é algum tipo de brincadeira ou... Então eu tento explicar:

- *“O que ele quis dizer é que você parece o tipo de pessoa que eles estão procurando. Converse com o palhaço, que ele lhe informará melhor.” – E aponto para Pablo, que já está à sua espera na entrada.*

- *“Obrigada. Tchau!”*

- *“Até segunda-feira!” – respondemos rindo e a uma só voz.*

Ainda temos tempo de ouvir a voz de Pablo:

- *“Viva! Chegou mais uma professora!”*

Pitágoras me deixa na porta do meu apartamento. É estranho despedir-me dele, depois de todos esses dias que passamos juntos... na verdade, nem foram tantos dias, mas foram dias muito intensos, cheios de situações maravilhosas e tão diferentes do normal, que nos fizeram sentir como uma espécie de “cúmplices”. E agora, cada um tem que ir para a sua própria casa. Até o meu apartamento, antes tão aconchegante, agora me parece um pouco estranho, depois de todas essas experiências. Parece que estou voltando para um mundo ao qual eu não pertencço mais.

Depois de esvaziar minha mala e colocar tudo no seu devido lugar, resolvo checar meus e-mails, pois no sítio não havia computador e, para ser sincera, nem me lembrei da existência desse aparelho... não me fez a menor falta!

Encontro 52 mensagens na minha caixa de entrada. Entre um monte de bobagens e textos desinteressantes, encontro algo que me parece sério. Vem do meu ex-gerente, o Doutor Romualdo. Abro-o imediatamente:

“Prezada Angélica,

Tenho tentado falar com você nos últimos dias, mas seu celular está sempre caindo na caixa postal. Por isso resolvi escrever-lhe.

Estou há dois meses trabalhando numa grande empresa, como gerente de Recursos Humanos e estou muito satisfeito! No momento, a Diretoria do Setor Financeiro está precisando de uma pessoa experiente para exercer a mesma função que você exercia na firma onde trabalhamos juntos. Tenho certeza que você seria a pessoa ideal para esse cargo, inclusive já falei de você para o diretor responsável e ele está muito interessado em entrevistá-la.

Por favor, telefone-me o mais rápido que puder. Mesmo que você já tenha conseguido um outro emprego, aconselho-a a vir conhecer esta firma, porque vale realmente a pena! O lugar é bonito, o ambiente de trabalho é ótimo, o salário é bem melhor do que o que você tinha anteriormente. Além disso, temos um ótimo Plano de Saúde para os funcionários e todos os vários benefícios que uma empresa estável pode oferecer.

Aguardo o seu telefonema e espero sinceramente poder trabalhar com você novamente.

Atenciosamente,  
Romualdo”

Fico parada por alguns minutos, tentando digerir o que acabo de ler e, principalmente, tentando entender o que estou sentindo. Isto me parece uma ótima proposta de trabalho! Mas, ao invés de estar exultante de alegria, o que esta carta está me provocando é um mal estar na boca do estômago, uma espécie de enjôo. Eu deveria pegar o telefone, agora mesmo, e ligar para o Doutor Romualdo agradecendo a sua indicação e marcando uma entrevista para o quanto antes... mas não é isso que eu tenho vontade de fazer. Pelo contrário – o simples fato de pensar em voltar a trabalhar naquilo que antes me agradava tanto, agora me dá arrepios.

O que é que está acontecendo comigo?!

De qualquer jeito, tenho que telefonar para ele. Mas, o que vou lhe dizer?

Acho melhor tomar um bom banho e dar uma bela relaxada, antes de tomar qualquer decisão. Com certeza estou cansada da viagem... ou, talvez, eu precise de um certo tempo para me readaptar ao “mundo real”, depois de todos esses dias vivendo no “mundo da fantasia”.

De repente percebo que estou com fome e vou ver se tenho alguma coisa interessante no freezer. Ao abri-lo, lembro-me da minha preocupação ridícula, diante da explicação do Mestre de Pedra sobre o Portal 11:11 – *“Gostaria de atravessar esse portal agora. No entanto, alguma coisa ainda me segura do lado de cá. Talvez uma espécie de medo, de insegurança, de incerteza quanto ao que vou encontrar do outro lado... Penso em meus pais, penso no meu apartamento, nas coisas que eu deixei no freezer – vão acabar apodrecendo lá!...”* – e me dá uma saudade imensa de tudo aquilo que vivemos nos últimos dias. Volto, então, a tocar o meu Olho de Tigre, que ainda se encontra no meu bolso como uma prova de que tudo aquilo não foi um simples sonho. E ao tocar a minha pedra querida, ouço a minha própria voz dizendo:

- *“Este é um belo exemplo de pensamento linear! Estávamos raciocinando em termos de tempo e espaço, mas esse é um portal interdimensional e atravessá-lo significa passar para um nível mais elevado de consciência, o que não quer dizer que tenhamos, obrigatoriamente, que abandonar tudo o que está ‘do lado de cá’. O que muda é a consciência.”*

Fico pensativa... Como somos limitados em nossa forma de pensar!

Como alguma coisa rapidamente, tomo uma boa ducha e resolvo ir me deitar e deixar o telefonema para amanhã. Antes de dormir penso na minha Fada Madrinha. Como eu gostaria que ela me aparecesse agora, para me aconselhar sobre este caso! Eu realmente estou precisando de alguém que me ajude a decidir o que eu devo fazer.

Quando estou prestes a pegar no sono, percebo aquele silêncio profundo e característico... A névoa cor de rosa começa a tomar conta de todo o espaço ao meu redor e acaba por me envolver completamente... E aqui está ela, em toda sua luz, em todo seu esplendor!

- *“Consulte o seu coração, querida!”* – ela me diz docemente.

- *“Minha querida Fada Madrinha!”* – saúdo-a, com uma profunda emoção e gratidão pela sua presença – *“Meu coração já se expressou, antes mesmo que eu lhe pedisse a sua opinião. Sei que não lhe agradaria nenhum pouquinho se eu aceitasse esse emprego. Mas... eu preciso trabalhar! E essa é uma proposta maravilhosa! O que mais eu poderia querer?”*

- *“Você poderia querer algo que lhe agradasse... como o trabalho que Pablo lhe ofereceu, por exemplo. Você já se esqueceu do quanto ficou feliz com a possibilidade de fazer o que ele lhe propôs?”*

- *“Não. Não me esqueci. Ainda posso sentir essa alegria. É quase um estado de graça! Mas, nem falamos em honorários... Nem sei se é um trabalho pago ou se é voluntário.”*

- *“E, que diferença faz, se é o que você realmente quer fazer?”*

- *“A diferença é que eu preciso de um salário para viver!.. E um bom salário!”*

A Fada Madrinha fica em silêncio por alguns segundos, talvez para que eu reflita um pouco sobre o que acabo de dizer. Então volta a falar, com aquela voz doce e carinhosa:

- *“Minha querida, você ainda está muito presa à questão da sobrevivência. Não é só você, mas praticamente toda a humanidade. Só que está na hora de vocês se libertarem disso. A preocupação com a sobrevivência vem do sentimento de separação, quero dizer, cada um de vocês pensa que está só, que tem que fazer tudo por si mesmo, que tem que lutar para ter o que comer, para ter o que vestir, para poder pagar as contas mensais, os impostos, a gasolina... e que, se não fizer isso por si mesmo, ninguém o fará. Daí nasce a competição entre as pessoas, o medo de que o outro saiba mais, o medo de que o outro o supere e consiga tomar seu lugar no mercado de trabalho.”*

- *“E não é isso mesmo que acontece? Até de envelhecer a gente tem medo, porque uma grande parte das empresas prefere pessoas jovens. Então, como podemos deixar de nos preocupar com a sobrevivência? Afinal, temos que comer para viver, não é?”*

- *“Sim, querida, mas também vocês têm muitos gastos com coisas desnecessárias. Ao longo das eras, e especialmente nos últimos tempos, vocês foram criando uma série de necessidades falsas e agora pensam que não sabem viver sem elas. Mas, não é assim. Vocês têm todos os recursos de que precisam dentro de si mesmos.”*

- *“Minha querida Fada Madrinha... eu a respeito muito, mas, esta conversa está abstrata demais para mim. Na prática, tudo o que precisamos nós temos que comprar. Não se consegue nada de graça! Então, precisamos de dinheiro! A não ser que voltemos todos a viver como os povos mais primitivos, plantando, pescando e andando semi-nus. Mas acho que isso seria um retrocesso.”*

- *“Em certo sentido, sim... Mas, quando eu digo que vocês têm todos os recursos dentro de si mesmos, o que quero dizer é que, se vocês estiverem sempre conectados com a sua divindade, tudo o que vocês necessitarem lhes será provido. Mas, entenda bem – tudo o que vocês realmente necessitarem. Não é que as coisas vão começar a cair do céu, mas todo o universo vai começar a contribuir para que lhes cheguem às mãos todos os recursos de que vocês necessitam para ter uma vida saudável, confortável e feliz.”*

Fico em silêncio, por uns instantes, tentando entender o mecanismo disso tudo. As palavras me soam muito bem, mas, na prática, não consigo entender como isso pode funcionar. Além disso, continuo sem saber o que decidir em relação à proposta do Doutor Romualdo.

Minha Fada Madrinha, percebendo a minha inquietação, fala carinhosamente:

- *“Querida Angélica, não posso tomar nenhuma decisão por você, porque não posso*

*interferir no seu livre-arbítrio. Mas quero lembrá-la que a sua divindade – ou a sua “sabedoria interna”, como você mesma a definiu certa vez – sabe exatamente o que é melhor para você. E, para estar conectada com ela, você deve aprender a ouvir o seu coração. Pelo que você me disse no começo da nossa conversa, você já sabe o que o seu coração quer... e também o que ele não quer. Então, você já tem uma pista...”*

E desaparece, deixando-me nesse tremendo conflito! Minha mente escolhendo o trabalho com o Doutor Romualdo; meu coração escolhendo o trabalho com o Pablo... E se eu pudesse fazer os dois?... Não, não daria tempo... Além disso, tenho certeza que eu ficaria infeliz se voltasse a trabalhar fechada num escritório... Ao mesmo tempo, o Doutor Romualdo falou que é uma empresa sólida, que oferece um monte de regalias. Eu não teria que me preocupar com o meu futuro... Mas, os Mestres falam que a gente não tem que se preocupar com o futuro, que a gente tem que se manter no Agora, no momento presente...

Parece que vou continuar assim durante a noite toda, oscilando entre a mente e o coração, sem conseguir pegar no sono! Mas, de repente, meu olhar é atraído para o relógio digital que está em cima da minha cômoda. E o que vejo? São 11:11! Sorrio para mim mesma, sentindo mais uma vez aquela sensação de estar fora desta realidade, numa dimensão mais elevada, assistindo tudo isto como se estivesse vendo um filme. Daqui posso ver tudo com tanta clareza! Daqui posso ver o que o meu Ser Divino deseja que eu faça. Daqui posso perceber que não existe perigo nenhum pela frente, pois o meu Ser Divino sabe o que é bom e seguro para mim... e assim, em total estado de graça, mergulho num sono profundo.

Após tomar calmamente o meu café da manhã, pego o telefone para ligar para o Doutor Romualdo, embora nem saiba direito o que vou dizer para ele.

- *“Olá, Angélica!”* – ele me atende entusiasticamente – *“Que prazer falar com você!”*

- *“Também estou contente de poder falar com o senhor e queria lhe agradecer por ter me indicado para o cargo que o senhor mencionou no seu e-mail.”*

- *“E então? Vamos marcar uma entrevista com o diretor do setor?”*

Ai! O mal estar na boca do estômago ataca-me outra vez! Aperto a minha Olho de Tigre, tentando, quase desesperadamente, entrar em contato com a minha sabedoria interna, na esperança de saber responder essa pergunta, sem ser indelicada e sem parecer ridícula. Finalmente, começo a falar:

- *“Doutor Romualdo... estou realmente muito agradecida por ter se lembrado de mim para esse cargo, mas...”*

- *“Mas?! Não vai me dizer que você vai recusar esta chance maravilhosa? Ou será que já conseguiu um emprego melhor?”*

- *“Não... quero dizer... bem, o que acontece é que, nestes últimos meses muitas coisas mudaram...”*

Falo devagar, procurando as palavras que possam explicar a minha nova situação. Sinto dificuldade para me expressar. Parece que não faço mais parte desse mundo em que o Doutor Romualdo vive e sinto que ele não vai entender o que eu estou passando, porque ainda não conhece o novo mundo em que eu estou vivendo... Isto parece loucura, mas tenho a impressão que agora nós falamos línguas diferentes. Mais uma vez aperto a minha Olho de Tigre e então ouço a minha voz interior me acalmando:- *“Existe uma linguagem universal, que todos entendem – é a linguagem do coração. Deixe que o seu coração fale. E com certeza o Doutor Romualdo vai entender, porque o coração dele vai servir de intérprete.”* Então, conecto-me com o meu coração e deixo que ele fale através da minha boca:

- *“Nestes últimos meses, eu tive a oportunidade de conhecer uma liberdade que eu nem sabia que existia. A liberdade de poder fazer algumas coisas simples, mas importantes, que antes eu não tinha tempo de fazer... nem sequer de pensar nelas! Como por exemplo, caminhar no parque pela manhã, sentindo o calor do sol, o frescor da brisa, ouvindo o cantar dos pássaros... ler um bom livro, conhecer pessoas interessantes, passear... e até namorar. E percebi o quanto eu estava me limitando, ao trabalhar como empregada numa empresa que me tomava a maior parte do meu*

dia...”

- “Mas, Angélica, isto é o normal. É o que acontece com a maioria das pessoas. Trabalhamos o dia inteiro, a maior parte do ano, mas também temos os fins de semanas e as férias, para podermos passear e fazer aquelas coisas de que gostamos. É assim com todo mundo!... Angélica, o que há com você?”

- “Eu não quero ser igual a todo mundo. Eu quero acreditar que nós podemos viver de uma forma mais humana, fazendo o que nos agrada a maior parte do tempo, e não só no único mês de férias que temos durante o ano todo.”

- “Isso você vai ter quando se aposentar! E você vai poder se aposentar cedo, porque começou a trabalhar muito jovem.”

- “Não quero viver esperando por um futuro que nem sei se vai chegar. Quero viver agora! Quero fazer o que eu gosto agora! Quero viver o momento presente, que é o único tempo que realmente existe!”

Não posso acreditar que falei isto para o Doutor Romualdo! Eu mesma estou me surpreendendo com minhas próprias palavras!

Ele se mostra desapontado comigo:

- “Não estou reconhecendo-a. Você não parece aquela funcionária tão dedicada e eficiente que eu conheci.”

- “É verdade, Doutor Romualdo. Às vezes, eu mesma não me reconheço, de tanto que eu mudei nestes últimos meses. Mas posso lhe assegurar que estou muito feliz com esta nova Angélica, mais livre, mais autêntica.”

- “É interessante que você não desse a menor impressão de estar infeliz ou descontente com aquele seu último emprego.”

- “E não estava mesmo. Na verdade, eu não estava nem insatisfeita nem satisfeita – eu estava vivendo como um autômato, simplesmente fazendo o que eu achava que devia fazer, e da melhor forma possível, porque eu não conhecia outras possibilidades, ou melhor, eu estava fechada para outras possibilidades. Aí, quando eu fui demitida, aconteceu algo muito interessante. Passado o primeiro momento de choque, eu comecei a perceber que aquilo não era o fim do mundo – pelo contrário – era o começo de uma vida nova para mim. Passei a ver a vida com outros olhos, passei a me ver com outros olhos, a dar mais atenção para mim mesma e a ouvir a voz do meu coração, tentando perceber as coisas que me agradavam e as coisas que não me agradavam. E, principalmente, parei de me obrigar a fazer o que não me agrada.”

Faço uma pequena pausa, mas ele não diz nada. Com certeza está cada vez mais decepcionado comigo. Sinto-me desconfortável por lhe causar essa frustração, mas agora não quero voltar atrás. Volto a falar, tentando colocar na minha voz todo respeito e gratidão que tenho por ele:

- “Sinto muito, Doutor Romualdo... Sinceramente, sinto-me muito mal por desapontá-lo deste jeito. Mas, realmente não tenho vontade de voltar a trabalhar entre quatro paredes e passar meus dias de frente para um computador, respirando ar-condicionado. Isto é uma coisa que eu não quero mais para mim.”

- “Está certo, Angélica. Eu entendo.” – ele responde com grande desapontamento – “Só me satisfaça uma curiosidade... se não for muita indiscrição. Como você está fazendo para viver sem um emprego? Voltou para a casa dos seus pais?”

- “Não. Por enquanto, ainda estou vivendo com o que recebi de indenização daquela firma. Mas segunda-feira vou começar a fazer um trabalho muito interessante – totalmente diferente do que eu costumava fazer. Vou trabalhar com crianças e isto está me deixando extremamente feliz!”

- “Não sabia que você também era professora!” – ele diz, surpreso.

- “Não sou... mas para este trabalho, eu não preciso de nenhum diploma. Vou contar histórias para as crianças num... numa creche.”

Agora sim, ele deve estar achando que enlouqueci de vez! Mesmo assim, ainda tenta me convencer, falando mansamente, como quem fala com alguém que perdeu o juízo:

- “Angélica... talvez esse venha a ser um trabalho muito agradável para você... mas, pense bem... tenho certeza que o que você vai receber por ele não é nem um quinto do que você poderia

receber nesta empresa. Você não acha que está desperdiçando o seu potencial? Além disso, você está acostumada com um nível de vida que você não vai poder sustentar com um salário tão baixo.”

- “Não se preocupe com isso. Nestes últimos meses, aprendi também que existe muita coisa totalmente supérflua na minha vida. Os meus valores mudaram completamente e já não preciso de tanta coisa para ter uma vida confortável e feliz. E, quanto ao meu potencial... quem sabe se este trabalho não vai me ajudar a descobrir e desenvolver o meu verdadeiro potencial?”

Finalmente, ele começa a perceber que não tem jeito, que eu não vou ceder, e então me diz:

- “Espero que você esteja certa e saiba o que está fazendo. Ainda vou lhe dar mais uns dias... digamos, um mês. Assim dá tempo de você experimentar essa sua nova atividade e ver se realmente se adapta a ela. Se achar que deve seguir em frente, eu só posso lhe desejar sucesso e felicidade. Mas, se por acaso se arrepender e quiser voltar atrás, pode contar comigo. É só me telefonar e agendaremos uma entrevista para você.”

Fico comovida com essa atitude do meu ex-chefe. Não pensei que ele me considerasse tanto!

- “Doutor Romualdo, o senhor está sendo como um pai para mim! E eu lhe agradeço sincera e profundamente por isso! É muito bom saber que posso contar com a sua compreensão e apoio. Fique sossegado que, se eu precisar, realmente lhe telefonarei.”

E assim nos despedimos amavelmente. Sinto como se um peso tivesse sido tirado de cima de mim e sorrio, lembrando-me do Pablo saltitando e imitando o meu coração. Sim, com certeza meu coração está dançando uma valsa agora!

Finalmente chega a segunda-feira! Pitágoras passa em casa para irmos juntos. Estamos muito empolgados para começar essa nova atividade... e curiosos também! Porque não temos a menor idéia de como as coisas vão se desenrolar lá no circo.

Como ainda é muito cedo, antes de nos dirigirmos para lá nós damos nossa caminhada matinal no parque, respirando aquele ar fresquinho e gostoso, no meio das árvores, e cumprimentando os passarinhos que vêm nos dizer “bom dia” com o seu cantar alegre e despreocupado. É verdade, os pássaros nunca se preocupam com o dia de amanhã... nem com o dia de hoje! Estão sempre alegres e confiantes. De alguma forma, sabem que tudo que eles precisam, lhes será dado. Por que não podemos ser assim também?

Pablo está à nossa espera na entrada do circo e recebe-nos efusivamente:

- “Entrem! Entrem! Venham conhecer os outros professores!”

Ficamos surpresos com a mudança que se operou no interior daquele espaço! Parece outro lugar! Neste poucos dias, foi feita uma verdadeira reforma lá dentro. As arquibancadas de madeira, que estavam caindo aos pedaços, desapareceram. Em seu lugar, há algumas poltronas de auditório, mas em número bem menor, de modo que o picadeiro central está muito mais espaçoso do que antes. O piso de chão batido agora está todo pavimentado com cerâmica e, aqui e ali, vêem-se alguns tapetes coloridos e almofadas de cores vivas e alegres, além de alguns acolchoados, provavelmente para a criançada virar cambalhota. No fundo, há uma pequena construção com banheiros para os meninos e para as meninas, disfarçada atrás de uma parede comprida, junto à qual vemos uma enorme cama elástica, que certamente vai ser a delícia da garotada! As lonas laterais estão enroladas até uma certa altura, trazendo a luz do sol para dentro e integrando o espaço interno ao externo, onde se vêem duas ou três árvores frondosas e um lindo jardim recém-criado.

Percebendo a nossa admiração, Pablo nos pergunta:

- “Gostaram?”

- “Adoramos!!!” – Pitágoras responde com empolgação. E eu completo:

- “É incrível o que você conseguiu fazer em tão poucos dias! Transformou aquele circo mambembe num lugar extremamente bonito e agradável.”

Pablo sorri satisfeito e nos faz sinal para entrarmos e nos reunirmos aos nossos novos colegas que estão espalhados por ali, alguns sentados nas almofadas, outros nas poltronas, outros diretamente no chão atapetado. E, dirigindo-se a todo o grupo, ele fala, com aquela entonação exagerada, típica dos palhaços de circo:

- “Agora que estão todos reunidos, gostaria que cada um se apresentasse para o grupo, antes das crianças chegarem. Não é preciso fazer um discurso e nem contar toda a sua vida!” – Nós rimos dessa observação! – “Vocês vão ter bastante tempo para se conhecerem melhor, se continuarem trabalhando juntos. Basta que cada um diga o seu nome e o que gostaria de desenvolver junto com as crianças.”

A primeira a falar é aquela moça com quem cruzamos no primeiro dia:

- “Meu nome é Sara. Trabalhei durante muitos anos como secretária executiva, mas agora percebi que a minha vocação é pintar. E, já que Pablo nos deu esta oportunidade, achei que podia vir pintar aqui e, se alguma criança se interessar, poderei ensinar-lhe o que aprendi até agora.”

Em seguida, apresenta-se um jovem alto e moreno:

- “Eu me chamo Marcos. Sou engenheiro eletrônico, mas meu hobby é música. Adoro ouvir boa música e também gosto de tocar piano e violão. Trouxe um pequeno teclado, para o caso de alguma criança se interessar...”

- “Eu me chamo Claudia.” – diz uma senhora de aspecto jovial – “Acabo de me aposentar depois de trabalhar 30 anos numa editora. Ainda não sei bem o que vim fazer aqui, mas, com certeza tenho algo a fazer por essas crianças... e sei que logo vamos descobrir.”

Todos sorrimos para ela, pelo seu jeito simpático e por sua boa vontade em se colocar à disposição de alguma coisa que ela ainda nem sabe direito o que é. No fundo, acho que a maioria de nós está se sentindo nessa mesma situação.

E assim cada um vai se apresentando e falando rapidamente daquilo que mais gosta de fazer e que gostaria de compartilhar com as crianças. Até que chega a nossa vez:

- “Meu nome é Angélica... Adoro contos de fadas!”... vejo que a maioria sorri... “Vou contar histórias para quem quiser ouvir.”

- “Oba!” – alguns exclamam.

- “Pelo jeito, não é só você que gosta de contos de fadas.” – diz Pablo – “Acho que vai estar cheio de marmanjo querendo ouvir as suas histórias.”

O pessoal dá risada, concordando com ele.

- “E eu me chamo Pitágoras. Sou professor de matemática...”

A turma não o deixa continuar:

- “É óbvio!... Só podia ser!.. Com um nome desses!...”

Pablo interrompe os comentários:

- “Mas vocês ainda não viram o que mais ele sabe fazer.” – e puxando Pitágoras para o centro do picadeiro, começa a dar uns saltos, convidando-o a acompanhá-lo. E os dois novamente dão um show, que deixa todo mundo de boca aberta.

Ficamos todos tão distraídos com os malabarismos dos dois artistas, que não percebemos quando duas jovens entram no circo, trazendo as crianças para o seu primeiro dia de atividades. Só nos damos conta da sua presença, quando elas não mais se contêm e começam a aplaudir, a gritar e assobiar, encantadas com o espetáculo!

Os artistas agradecem e as crianças e adultos correm para abraça-los, todos já totalmente descontraídos, sentindo-se perfeitamente à vontade.

Batendo palmas com aquelas suas luvas enormes, Pablo pede silêncio e apresenta cada um de nós às crianças e às duas orientadoras que as acompanham, explicando rapidamente o que cada um vai poder fazer. Em seguida, fala, com aquele jeito de palhaço:

- “E agora, mãos à obra.”

A maioria dos meninos se reúne em volta de Pitágoras, mas os outros “professores” não se abalam, cada um começando a fazer o que veio fazer. Aos poucos, os grupos vão se formando em torno deles também.

Os menorzinhos sentam-se no chão perto de mim, esperando que eu lhes conte uma história. Converso um pouco com eles, enquanto penso qual história eu vou lhes contar. Então, algo dentro de mim me diz:

- “Por que você não conta a sua própria história?”

E eu pergunto para mim mesma:

- *“Que graça a minha história poderá ter para uma criança?”*

E a voz de dentro de mim responde:

- *“A graça que você der a ela.”*

Claro, Angélica! Este é o momento de você usar a sua imaginação e a sua criatividade. A base você já tem – há assunto de sobra nas experiências que você viveu nos últimos dias! – agora é só adaptar tudo isso ao entendimento de uma criança pequena... É um belo desafio!

Assim, começo a falar com suavidade:

- *“Era uma vez dois amiguinhos – um menino e uma menina – que estavam passando as férias no sítio da sua vovó...”*

- *“O que é um sítio?”* – uma das crianças pergunta. E, antes que eu possa responder, uma outra se põe a explicar:

- *“É um lugar muito grande, com muitas árvores de frutas. Às vezes tem boi e galinha...”*

- *“E pato!”* – diz uma outra.

- *“E cavalo!”* – grita outra.

- *“E tem também uma casa, onde mora a vovó.”* – completo – *“É um lugar muito gostoso, onde as crianças têm bastante espaço para brincar.”*

- *“E a gente pode subir nas árvores e apanhar as frutas e comer ali mesmo.”* – um menino me interrompe. E outro continua:

- *“E pode se pendurar nos galhos e brincar de circo!”*

Sorriso, maravilhada com a imaginação das crianças. Acho que eu vou aprender mais com elas, do que elas comigo. Finalmente consigo retomar:

- *“Um dia os dois amiguinhos estavam brincando de pega-pega em volta das árvores do pomar e correram tanto, tanto, tanto, que ficaram cansados e resolveram parar um pouquinho...”*

- *“Como eles se chamam?”* - Nova interrupção! E eu respondo com os primeiros nomes que me vêm à cabeça:

*“Ana e André. Tinha uma pedra enorme ali junto das árvores e então eles se sentaram no chão e se encostaram nela. Era gostoso se encostar nela, porque ela tinha tomado sol de manhã e ainda estava quentinha. Era como se eles estivessem encostando em alguma coisa cheia de vida.”*

- *“Era como uma vovó gorda e quentinha!”* – diz uma menina rindo e fazendo a criançada dar risada. Rio também, extremamente feliz por ter escolhido estar ali! Meu coração está radiante! Posso até vê-lo todo cor de rosa, irradiando fochos de luz dourada e dançando ao som de uma música alegre e delicada. Agora entendo a visão que tive, há algum tempo atrás, num dos meus sonhos!

De repente reparo numa garota de uns 10 ou 11 anos, que está de pé, um pouco afastada de nós, mas que não tira o olho da gente.

- *“Como você se chama?”* – pergunto-lhe.

- *“Inês.”* – ela responde timidamente.

- *“Quer vir se sentar com a gente?”*

Percebo que ela fica um pouco sem jeito e acho que entendo o que se passa com ela – provavelmente alguém pôs na sua cabecinha que ela já passou da idade de se interessar por historinhas infantis. Então pergunto:

- *“Você não gosta de contos de fadas?”* – e ela responde, sem nenhuma convicção:

- *“Já sou muito grande pra gostar disso.”*

- *“E o que você acha de mim? Eu sou maior ainda do que você e adoro contos de fadas. O tamanho da gente não tem nada a ver com isso. Venha! Sente-se aqui perto de mim, assim você vai poder me ajudar com esta criançada.”*

Sentindo-se um pouco mais à vontade, ela ajeita uma almofada bem do meu lado e senta-se quieta. Continuo a narração:

- *“Então, quando eles se encostaram naquela pedra quentinha, eles escutaram uma voz que dizia: ‘Se vocês ficarem bem quietinhos, vão conseguir escutar uma coisa interessante’. Um olhou para o outro, muito assustado, pensando se aquela voz estava vindo da pedra. Mas nenhum deles teve coragem de falar nada.”*

As crianças arregalam os olhos e ficam totalmente quietas, aguardando o que virá a seguir.

- *“De repente, eles ouviram uma gargalhada – ‘Ha! Ha! Há!’ – e olharam para todos os lados para ver de onde ela vinha. E sabe o que eles viram?”*

- *“A boca da pedra dando risada!”* – diz uma das crianças.

- *“Pedra não tem boca, seu bobo!”* – outra contesta.

- *“Mas e se for uma pedra encantada? Vai ver que era uma princesa que a bruxa transformou em pedra.”* – uma outra fala.

Retomo o fio da meada:

- *“Era um anãozinho, rolando de rir, atrás deles, na frente de um espelho enorme que ficava no meio de duas árvores muito altas.”*

- *“Era o Risadinha!”* – um menino grita – *“Eu conheço ele! Ele mora do outro lado do espelho.”*

Agora quem fica boquiaberta sou eu! Esse menino deve ser uma daquelas crianças que mora lá e aqui... Risadinha! Eu o chamei de Feliz o tempo todo, mas em nenhum momento lhe perguntei se era esse mesmo o seu nome.

- *“Que bom que você conhece o Risadinha, Juliano! Assim você vai poder me ajudar a contar esta história.”* – Ele sorri, sentindo-se importante e eu continuo:– *“Então, André perguntou para o Risadinha: ‘Do que você está dando risada?’ e ele falou: ‘Estou rindo da cara assustada de vocês dois!’ E continuou rindo sem conseguir parar...”*

Conto-lhes, então, que Risadinha tomava conta daquele espelho que, na verdade, era a entrada para o Reino Encantado. E que ele convidou Ana e André para conhecerem o que existia do outro lado e os dois aceitaram na hora. Aí os três atravessaram o espelho e os meninos ficaram maravilhados com tudo que viram do lado de lá.

As crianças não se cansam de me fazer perguntas e de dar palpites. E cada pergunta ou palpite é mais um detalhe interessante que acrescento à história. E assim, com a ajuda de Juliano e de todos os outros, vou desenvolvendo esse conto com toda a naturalidade, como se ele já estivesse pronto para ser contado.

Até que Pablo toca um sino espalhafatosamente, anunciando que está na hora do lanche, e fazemos uma pequena pausa. Só então percebo que Inês está desenhando alguma coisa numa cadernetinha.

- *“Posso ver?”* – pergunto-lhe delicadamente.

Ela fica meio encabulada, mas acaba me mostrando. E qual não é a minha surpresa ao ver retratado com lápis preto, naquele pedacinho de papel, Risadinha rindo a mais não poder, em frente a um espelho preso entre duas árvores altas e frondosas!

- *“Você desenha muito bem!”* – digo, com toda a sinceridade.

- *“Nem ficou tão bom. Se eu tivesse lápis de cor, ia ficar melhor.”* – ela se justifica.

- *“Mas isso não é problema! Vamos falar com Sara, porque ela deve ter tudo que você precisa para fazer um desenho mais bonito ainda!”* – e, pegando-a pela mão, levo-a até Sara.

A jovem fica admirada com a perfeição do desenho da Inês e convida-a a fazer parte do seu grupo, para aprender algumas técnicas que a ajudarão a desenvolver esse seu talento.

Inês olha para mim como a pedir socorro e logo percebo o seu conflito. Sugiro, então:

- *“Sara, você se incomodaria se juntássemos os nossos grupos? É que está me parecendo que, além da técnica, Inês precisa da inspiração. E a inspiração está vindo das historinhas que estamos contando.”*

- *“Que idéia maravilhosa!”* – Sara responde, empolgada – *“Isso vai ser bom não só para a Inês, mas para todas as outras crianças do grupo!”*

Nesse momento, eu não podia imaginar o quanto essa idéia tinha sido realmente maravilhosa! Pois esse foi o ponto de partida para uma bela carreira para Inês... e para mim também!

Volto para casa leve e feliz! Pitágoras também está encantado com tudo que ele pôde fazer hoje e já está cheio de planos para os próximos dias. Além de algumas acrobacias, ele também vai

ter oportunidade de ajudar algumas das crianças maiores, que estão com dificuldades em matemática, e está pensando em fazer isso de uma forma diferente da usual... Não vemos a hora de voltar para o circo e continuar as nossas atividades com as crianças!

Os dias vão passando alegres e descontraídos e, a cada dia, um novo conto se desenvolve, cheio de personagens e detalhes encantadores, criados não só por mim, mas, especialmente, pelas crianças que, com sua imaginação exuberante, vão me fazendo mergulhar cada vez mais profundamente no mundo da fantasia. Já não sei mais quem está doando e quem está recebendo – a troca é praticamente de igual para igual, se é que eu não estou recebendo mais do que elas, pois o que estou aprendendo com essas crianças não tem preço! Elas estão ensinando-me a soltar a minha imaginação, a libertar-me dos meus bloqueios, a ir atrás dos meus sonhos, porque não existe sonho impossível, desde que a gente acredite nele. E, principalmente, estão me ensinando que a alegria é uma questão de escolha.

Inês continua ilustrando as passagens mais interessantes das nossas histórias, com desenhos ou pinturas cada vez mais perfeitas, graças à orientação amorosa de Sara, que está sabendo aproveitar e desenvolver o potencial dessa menina.

E então, um dia a Claudia, que já andava rondando o nosso grupo, me pergunta:

- *“Você não gostaria de publicar os seus contos?”*

Pega de surpresa, fico sem saber o que responder de imediato. Mas logo me refaço do susto e falo entusiasmada:

- *“Claro! Eu gostaria muito! Seria maravilhoso poder levar esses contos para outras crianças! Além disso, essa seria também uma forma de divulgar o trabalho do nosso Circo Escola!”*

- *“É verdade!”* – Claudia concorda – *“Eu ainda tenho contato com o pessoal da editora onde trabalhei e tenho certeza que eles vão adorar esses contos.”* – e voltando-se para Inês, que está ao nosso lado, prestando atenção à conversa: – *“E podemos contar também com as ilustrações da Inês, que vão dar vida aos seus livros. O que você acha, Inês?”*

Olho para a garota e percebo como os seus olhinhos brilham ao ouvir o que a Claudia acaba de lhe propor. Abraço-a carinhosamente e ela corresponde ao meu abraço, visivelmente comovida e feliz, enquanto responde timidamente:

- *“Eu adoraria!”*

Daí para frente, começamos a gravar os nossos encontros, para facilitar a transcrição das histórias. Quanto às que já haviam sido contadas, conseguimos recompô-las com a ajuda das crianças. A transcrição fica a cargo daqueles que estão aprendendo a usar o computador e que já estão digitando com uma certa desenvoltura. Eu e a Claudia nos encarregamos da revisão.

Quando já temos um bom volume de contos e ilustrações, Claudia leva tudo para a sua casa, prometendo ir à editora, logo que puder, a fim de tentar interessa-los por esse material.

Nos dois dias seguintes, ela não aparece no circo, deixando-nos na maior expectativa!

No final da tarde do terceiro dia, enquanto estou no meio de uma narração, meu celular toca. Pelo número vejo que é a Claudia! Atendo, com o coração aos pulos, ansiosa e, ao mesmo tempo, temerosa:

- *“Alô, Claudia...”*

- *“Querida Angélica! Parabéns! Eles adoraram tudo! Os contos, as ilustrações... e querem editar o livro o mais rápido possível. Precisamos marcar uma reunião com eles, o quanto antes, mas vai ser preciso que um dos responsáveis pela Inês compareça também, para que tudo possa ser contratado de forma clara e correta.”*

- *“Vou conversar com a mãe dela hoje mesmo, quando vier busca-la. Tenho certeza que não vai ter problema nenhum. Estou muito feliz!”*

- *“Eu também! Dê um beijão na Inês por mim!”*

- *“Com todo prazer! Obrigada, Claudia! Você não imagina o que você está nos proporcionando!”*

Ao desligar, percebo que, não só as crianças do meu grupo, mas todo o Circo Escola está

imóvel, olhando para mim, ligado na minha conversa telefônica. E então anuncio:

- “VITÓRIA!!!”

Abraço a Inês, e todas as crianças pulam em cima de nós, felizes com a notícia. Caímos sobre as almofadas e rolamos pelo chão, rindo a mais não poder! Os outros professores e alunos também se juntam a nós, pulando, gritando e festejando, cada um a seu modo. A turma do Marcos improvisa uma música alegre e logo Pablo começa a dançar, puxando cada um de nós para dançar com ele, formando uma grande roda. Pitágoras me abraça e saímos rodopiando pelo picadeiro, sob os aplausos e assobios de toda a turma!

E o resto da tarde nós passamos nessa folia, brincando e festejando essa notícia maravilhosa – o início de uma nova fase para mim, para Inês e para todo o Circo Escola.

Então, lembro-me das palavras de Claudia, quando se apresentou a nós, no nosso primeiro dia: “*Ainda não sei bem o que vim fazer aqui, mas, com certeza tenho algo a fazer por essas crianças... e sei que logo vamos descobrir.*” Quem poderia imaginar que seria uma coisa tão grandiosa?!

Dois dias depois, eu, a Claudia e o pai da Inês nos reunimos com os editores. Eles estão realmente muito empolgados com a publicação dos contos. Tanto que já nos pedem para ir providenciando mais material para um novo volume! Isso para nós não é nenhum problema, pois todos os dias estamos criando novas histórias, que parecem brotar espontaneamente das nossas mentes... ou melhor, dos nossos corações! Inês, agora mais motivada, parece que está mais inspirada ainda, criando lindas obras de arte baseadas nos nossos contos.

Enquanto eles se ocupam da edição do nosso livro, começamos a providenciar o seu lançamento. O Doutor Henrique, presidente da empresa que patrocina o Circo Escola, está muito orgulhoso de todos nós e está fazendo o máximo para divulgar esse primeiro resultado concreto do nosso trabalho. Pablo e Pitágoras estão treinando a garotada para um show de acrobacias, enquanto Marcos trabalha com algumas crianças na composição e arranjos de músicas que serão apresentadas pela nossa banda, na grande festa de lançamento. Sara e sua turma estão produzindo desenhos e pinturas dos mais variados estilos, para enfeitarem a única parede de alvenaria do nosso espaço, enquanto um outro grupo, sob o comando de Masako, prepara dobraduras coloridas e lindíssimas, que serão penduradas em alguns pontos da estrutura do circo... Enfim, todos estão trabalhando com muito entusiasmo para que a festa seja um grande sucesso!

Finalmente o livro fica pronto e Claudia nos traz um exemplar para vermos como ficou. É um livro grande, de capa dura, lindamente ilustrada – lembra aqueles da minha infância, em formato 21 por 28 centímetros, mais ou menos. Ao segurá-lo entre as minhas mãos, sinto uma emoção profunda, que eu nunca havia experimentado antes... é quase como se eu estivesse segurando um filho que acaba de nascer! Tenho vontade de rir e de chorar ao mesmo tempo. Trago-o para junto do meu coração e sento-me na minha almofada, entre as crianças, como se estivesse segurando uma jóia rara. E elas com certeza percebem o meu sentimento, pois ficam em silêncio, respeitando esse meu momento de introspecção, e aguardando até que eu resolva mostrar-lhes aquele tesouro.

Sem dizer nada, ergo o livro, colocando-o na vertical, de modo que todos possam ver a sua capa. E então ouço uma expressão geral de admiração e surpresa! Inês não consegue conter a emoção e se põe a chorar. Algumas crianças abraçam-na carinhosamente, elogiando o seu trabalho.

Realmente, a capa está a coisa mais linda! Em cores delicadas e harmoniosas, retrata o momento em que Ana, André e o seu amigo Risadinha estão entrando no Reino Encantado, através do Portal do Espelho, formado por duas árvores altas e frondosas, carregadas de estrelinhas brilhantes e multicoloridas. Em cima, em dourado, está escrito o título do livro: “O MUNDO ATRÁS DO ESPELHO”. Embaixo, o nome dos autores: Angélica e a Turma do Circo Escola. E, logo abaixo, “Ilustrações de Inês Prado”.

Abro cuidadosamente o livro. Uma foto externa do nosso circo cobre toda a contra-capas e a primeira página e, sobre ela, está escrito o nome de cada uma das crianças que participou da criação dos contos. Com muita emoção, leio, em voz alta e compassadamente, nome por nome, dando tempo para a reação das crianças, que ora batem palmas, ora dão gritinhos, ora fazem algum comentário engraçado ou simplesmente pulam de alegria. Finalmente, deixo que o livro passe de

mão em mão, para que todos tenham o prazer de admirar a nossa obra.

No meio daquela euforia, não percebemos a chegada do Doutor Henrique, que veio nos fazer uma de suas visitas de surpresa. Sempre muito bem informado, ele já deve estar sabendo que recebemos o primeiro exemplar do livro, porque se dirige diretamente a mim e à Inês, dando-nos os parabéns por tão lindo trabalho. Depois, voltando-se para mim, ele diz:

- *“Angélica, quero lhe apresentar uma pessoa que trabalha comigo e que está muito curiosa para conhecer o Circo Escola e, principalmente, para conhecer você. É o meu novo gerente de Recursos Humanos, o Doutor...”* – e volta-se para os lados, procurando pelo seu acompanhante. Sigo o seu olhar e, qual não é o meu espanto, quando vejo Pablo conversando animadamente com o Doutor Romualdo!

- *“Esse palhaço fala pelos cotovelos!”* – diz o empresário, rindo. – *“Pablo, libere o Doutor Romualdo um segundo, para que eu possa apresenta-lo à Angélica.”*

O Doutor Romualdo olha para mim e sorri:

- *“Bem que eu estava desconfiado! Essa Angélica só podia ser você!”*

- *“Ah, então vocês já se conhecem?!”* – Doutor Henrique pergunta, surpreso, enquanto nos cumprimentamos amistosamente.

- *“Esta jovem é aquela que eu indiquei para o Setor Financeiro, lembra-se?”*

O empresário pensa um pouco e logo exclama:

- *“Claro! Aquela que resolveu deixar a carreira de executiva para ir contar histórias para crianças numa creche?”* – e, voltando-se para mim, pergunta: *“A ‘creche’ é o nosso Circo Escola?”*

Rio e respondo que sim:

- *“Doutor Romualdo já estava suficientemente chocado com a minha reação à sua proposta. Se eu lhe dissesse que eu ia trabalhar num circo, aí é que ele iria ter certeza absoluta de que eu tinha realmente enlouquecido!”*

Os dois dão risada.

Pablo aproxima-se de nós, com o livro nas mãos e, tentando assumir uma postura séria, diz:

- *“Este é o primeiro resultado concreto deste empreendimento. Com certeza, logo outros virão, porque temos muitos talentos aqui – não só entre as crianças, mas entre os adultos também. Todos que estão se dedicando a ensinar estas crianças são pessoas talentosas, que podem vir a fazer coisas extraordinárias, se tiverem oportunidade.”*

E Doutor Henrique responde sorrindo:

- *“Você está muito sério para um palhaço, Pablo! Mas, estou muito feliz por você estar observando as pessoas ao seu redor e percebendo as suas qualidades e potenciais. Não foi para isso que criamos este Circo Escola? No que depender de nós, todos terão a oportunidade que merecem... Nem que tenhamos que conseguir alguns ‘padrinhos’ para alguns deles. Isso não será difícil para nós, pois temos contato com grandes empresas, que certamente se disporiam a patrocinar novos talentos.”*

Enquanto Pablo leva o empresário para conversar com outras pessoas da nossa equipe, Doutor Romualdo ainda permanece comigo mais alguns instantes:

- *“Angélica, vejo que você fez a escolha certa!”*

- *“O senhor não imagina como foi difícil para mim! Fiquei num conflito enorme entre a razão e o coração. Sabia que qualquer pessoa sensata, no meu lugar, aceitaria a sua proposta... mas, meu coração estava falando mais alto e, desta vez, resolvi seguir o seu conselho. E estou muito feliz por isso!”*

- *“Isso é visível! Você está até mais bonita... parece até mais jovem do que você já é!”*

- *“Obrigada. Sinto-me realmente muito bem e isso certamente está se refletindo na minha aparência.”*

- *“Tudo isto me faz pensar que muitas vezes o excesso de lógica pode atrapalhar o nosso desenvolvimento pessoal. Pela primeira vez na vida, estou pensando que devia dar mais atenção aos meus próprios sentimentos... Quantas vezes eu deixei de fazer o que eu tive vontade de fazer, porque a razão me dizia que aquilo não seria ‘bem aceito’ pelos outros, ou não seria tão lucrativo!”*

*Não que eu esteja infeliz com o que estou fazendo – pelo contrário! – encontrei nesta empresa quase que a extensão do meu próprio lar. Apesar de ser uma empresa muito grande, o Doutor Henrique, nosso presidente, é uma pessoa extremamente humana, compreensiva e sempre atenta ao bem estar de todos os seus funcionários, sejam eles do nível que forem. E isso nos dá uma sensação de conforto e segurança... Mas, por exemplo... tem uma coisa que eu sempre tive muita vontade de fazer e acabei não fazendo, por dar prioridade à minha profissão...”*

Sorrio amorosamente para ele, quase podendo ver o Ser Divino que está pedindo para desabrochar do seu interior! E, pergunto-lhe, carinhosamente:

- *“Doutor Romualdo, o que é que o seu coração está lhe pedindo para fazer?... Qual é esse sonho que o senhor traz consigo há tanto tempo?”*

Ele hesita um pouco, como se fosse me confessar algo totalmente indigno, e então fala:

- *“Eu sempre sonhei em ser saxofonista.”*

Respiro aliviada e digo-lhe com todo o entusiasmo:

- *“Ainda está em tempo!”*

- *“Com a minha idade?! Agora não dá mais...”*

Percebo uma profunda tristeza e frustração nas suas palavras e por pouco não me deixo contagiar por isso. Mas não quero e não posso compartilhar essas emoções com ele, pois não quero dar força a elas. Então digo:

- *“Doutor Romualdo, uma das coisas que aprendi nestes últimos meses foi que nós é que construímos a nossa própria realidade. Fomos condicionados a pensar que, com o tempo, nosso corpo vai se degenerando e vamos perdendo a faculdade de ouvir, de enxergar, de fazer isto, de fazer aquilo e, inclusive, de aprender coisas novas. Mas isso não tem que ser necessariamente assim! Isso é uma crença que nos foi inculcada e que nós aceitamos como verdadeira. E, como os nossos pensamentos constroem a nossa realidade, é exatamente isso que acaba acontecendo conosco conforme vamos envelhecendo. Mas, mude a sua forma de pensar e o senhor mudará toda a sua vida!”*

- *“Não é fácil, quando já se está com 50 anos...”*

- *“O senhor está falando como se tivesse 80! E mesmo que tivesse, ainda assim estaria em tempo de mudar e fazer o que o senhor realmente gosta. A todo momento, nós temos a oportunidade de escolher o que queremos para a nossa vida. E, através do nosso pensamento, aliado ao nosso sentimento, podemos criar uma nova realidade para nós mesmos – a realidade dos nossos sonhos! Pense um pouco, Doutor Romualdo... o senhor nunca conheceu ninguém que tivesse mais de 50 anos e tivesse começado a fazer alguma coisa nova em sua vida?... Alguma coisa diferente?”*

Ele parou um instante e em seguida falou:

- *“Sim, realmente conheci... na verdade, conheci uns dois ou três indivíduos. Lembro-me também como eles foram criticados por deixarem o seu status de segurança para se lançarem em empreendimentos que aparentemente não tinham nenhum futuro... Mas, pensando melhor, todos eles acabaram se dando bem... e muito felizes por terem dado esse passo arriscado.”*

- *“E o senhor está com medo de tentar aprender a tocar saxofone?! O senhor nem vai ter que deixar seu emprego, sua estabilidade, se não quiser. É só reservar um tempo para se dedicar a uma atividade que vai lhe trazer uma nova satisfação, uma nova motivação para a sua vida. Permita-se dar a si mesmo este presente!”*

- *“Você tem razão. Não tenho me dado um tempo para os meus pequenos prazeres, fora do trabalho... Mas, será que eu ainda vou conseguir aprender alguma coisa?”*

- *“Claro que vai! Se é o que o senhor mais quer na vida! Se é o que o seu coração mais deseja! Vá em frente, Doutor Romualdo!... Venha, vou lhe apresentar o Marcos, um dos nossos colaboradores. Ele é engenheiro eletrônico, mas sua paixão é a música e está aqui ensinando as crianças a tocarem alguns instrumentos. Com certeza ele conhece alguém que possa lhe dar aulas de saxofone... E esqueça a sua idade! O que conta é a sua vontade de aprender!”*

Levo-o pela mão, como a uma criança assustada e, ao mesmo tempo, radiante com a idéia de finalmente poder se dar o presente que há séculos está desejando.

Ao caminharmos de volta para casa, comento com Pitágoras:

- *“Hoje estou muito emocionada! Não só pelo livro, que finalmente ficou pronto... e tão lindo!... Mas também por ter reencontrado o Doutor Romualdo e poder ver o que está se passando com ele. Isso está me fazendo lembrar o que a Cristina, o Cristiano e seus amiguinhos nos disseram a respeito de trabalharmos com eles... Você se lembra?”*

- *“Lembro! Que nós não precisaríamos sair por aí doutrinando ninguém. O simples fato de nos permitirmos ser quem nós realmente somos já chamaria a atenção das pessoas e elas iriam começar a se questionar e a buscar suas próprias respostas.”*

- *“Não é isso que está acontecendo com o Doutor Romualdo?”*

- *“É verdade, Angélica! A sua atitude corajosa, de escolher de acordo com a vontade do seu coração, está motivando-o a refletir sobre a realidade que ele criou para si mesmo e a buscar a alegria em sua vida. Você está sendo um exemplo para ele, apesar de não ter feito nenhum esforço para isso.”*

Sorriso, lembrando-me do encontro dele com o Marcos. E conto para Pitágoras:

- *“Você precisava ter visto a expressão no rosto dele, quando Marcos pegou o celular e ligou dali mesmo para um amigo que é saxofonista! Depois passou o telefone para o Doutor Romualdo e os dois conversaram um pouco. De vez em quando ele dizia: ‘Mas eu já estou com 50 anos!’ e o outro provavelmente falava que isso não seria problema, porque acabaram marcando a primeira aula para a semana que vem. Esse homem não cabia em si de contente! Parecia ter rejuvenescido uns 10 anos! Por pouco ele não saiu por ali dando pulos de alegria!”* – falo, rindo.

- *“Com certeza ele teve vontade de fazer isso... mas se conteve.”*

- *“É... ele ainda está bem longe do seu nível de descontração!”*

- *“Prometo dar-lhe umas aulas, se ele continuar freqüentando o circo.”* – Pitágoras fala, meio brincando e meio sério. E, para exibir a sua descontração, dá uns saltos acrobáticos, sem se importar com as pessoas que passam por nós, olhando para ele e dando risada. Divirto-me com as palhaçadas desse meu companheiro querido. Ainda rindo, pergunto-lhe:

- *“Como você consegue ficar sério, quando dá aulas de matemática?”*

- *“E quem disse que eu fico sério? Estou sempre inventando um jeito de fazer os alunos darem risada, porque acho que isso ajuda a mantê-los atentos ao que eu estou falando... E, por falar nisso, lembra que eu lhe falei que estava pensando numa forma diferente de ensinar matemática às crianças?”*

- *“Lembro... Já teve alguma idéia?”*

- *“Ainda falta elaborá-las, mas já estão surgindo algumas...”* – Ele fala baixo, em tom misterioso, e faz uma pausa para criar mais suspense.

- *“Você pode me contar... ou ainda é segredo?”* – pergunto, entrando no clima. E ele responde baixinho, como se estivesse me confiando algo realmente secreto:

- *“Ando entrando em contato com os Mestres de Pedra, através da minha Olho de Tigre. E eles estão me dando sugestões muito interessantes, sobre como ensinar matemática de uma forma lúdica, que prenda a atenção das crianças e facilite a compreensão e a assimilação do ensinamento. É uma espécie de “ovo de Colombo”, de tão simples! Esses Mestres de Pedra são o máximo!!!”*

Concordo com um sorriso e comento:

- *“Mas lembre-se do que eles nos disseram – na verdade, nós não precisamos nos comunicar com eles, porque temos todas as respostas dentro de nós mesmos. Eles só se dispõem a fazer o papel de intermediários entre nós e a nossa própria Sabedoria, porque sabem que ainda não acreditamos totalmente nisso. Provavelmente todas essas idéias vieram de você mesmo, mas você não ousa acreditar que é capaz de idéias tão brilhantes!”*

- *“É verdade... Estamos sempre procurando as respostas fora de nós. Além disso, gostamos de coisas mágicas e misteriosas. Parece muito mais fantástico e interessante ter um Mestre Invisível que nos passa seus conhecimentos secretos, do que saber que temos tudo isso ao nosso alcance, dentro de nós mesmos. Então, eles vão fazendo esse papel, enquanto nós preferimos*

*acreditar que a Sabedoria tem que vir de fora ... e de seres extraordinários, de preferência.”*

- *“Como somos bobos, não é?”*

Ele concorda e damos risada.

Mal entro em casa, o meu telefone começa a tocar.

- *“Alô!”*

- *“Oi, Angélica!”* – reconheço a voz do Juliano.

- *“Oi, Juliano! O que houve que você não apareceu hoje no circo? Teve algum problema?”*

- *“È que a minha mãe não foi trabalhar porque estava com gripe e não tinha ninguém pra me levar lá.”*

- *“Sentimos muito a sua falta! Tomara que você possa vir amanhã, porque temos uma novidade para lhe mostrar.”*

- *“Já sei o que é! O livro ficou pronto!”*

- *“Como você sabe?!”* – pergunto, entre surpresa e desapontada por perder a oportunidade de lhe dar a grande notícia.

- *“O Risadinha me contou.”*

Agora sim, fico pasma!

- *“O Risadinha?!”*

- *“Ele apareceu aqui no meu quintal hoje! Eu estava meio chateado porque não tinha ninguém pra brincar comigo e então sentei embaixo do pé de amora e fiquei ali pensando o que eu ia fazer sozinho. Aí, de repente escutei aquela risada dele. Primeiro levei um susto, mas quando vi que era ele, fiquei todo contente! Ele me levou lá no Reino Encantado pra brincar com um monte de criança! Foi uma delícia!”*

- *“Que maravilha, Juliano!”* – digo, pensando que a imaginação das crianças é realmente algo fantástico! Mas, ele continua:

- *“Ele mandou um recado pra você. Por isso é que estou telefonando. Não ia conseguir esperar até amanhã.”*

- *“Pra mim?! Que recado é esse?”*

- *“Ele disse que está muito contente porque você falou dele no seu livro. E disse também que não tem importância que você chamou ele de Feliz, porque tanto faz o nome que a gente dá pra ele. O nome dele é aquele que a gente sente que é. E ele está contente porque Risadinha e Feliz são nomes que mostram que a gente acha ele engraçado e alegre.”*

Fico emocionada... Juliano não pode estar inventando essa história. Ele nem sabia que eu chamei o anãozinho de Feliz! Fico com saudades daquele passeio que fizemos com ele e de tudo que aconteceu lá. Estico um pouco a conversa, querendo me manter na magia deste momento:

- *“Você gostou das crianças que moram lá?”*

- *“Gostei muito! Todas elas conhecem você e o Pitágoras. Falaram das piruetas que ele dá. Disseram que vocês trabalham com elas... É verdade?”*

- *“Acho que sim... Quero dizer, não trabalhamos junto com elas, mas fazemos mais ou menos o mesmo tipo de trabalho que elas fazem. Então, de uma certa forma, colaboramos uns com os outros.”*

Ainda bem que ele não me pergunta que trabalho é esse, porque não sei se saberia lhe explicar.

- *“A minha mãe está me chamando pra jantar. Ela já está melhor. Acho que vai poder me levar amanhã!”*

- *“Tomara que sim! Você vai adorar o livro... Seu nome também está lá!”*

- *“Não vejo a hora de chegar amanhã! O Risadinha disse que tem uma foto linda do nosso circo... Tchau! Um beijo!”*

- *“Um beijo pra você também, Juliano. E até amanhã!”*

Fico rindo sozinha. Quem acreditaria numa história dessas? Estou feliz por acreditar e por me permitir viver essas “fantasias”, que têm dado um colorido tão especial à minha vida.

A festa do lançamento do livro transcorre num clima delicioso de alegria, descontração e confraternização e transforma-se num marco na história do Circo Escola e dos adultos e crianças nele envolvidos, pois a grande maioria ganha um “padrinho”, uma empresa que se dispõe a patrocinar os seus estudos e o que mais for necessário para o desenvolvimento do seu talento. A partir desse dia, não só aumenta o número de pais que nos procuram, trazendo-nos suas crianças, como também começam a aparecer alguns adolescentes, ansiosos por aprender alguma coisa interessante no período em que não estão na escola. Ao mesmo tempo, o número de adultos que querem colaborar com o nosso trabalho também aumenta. E então, o nosso presidente chega à conclusão que está na hora de expandir o seu empreendimento e criar novas unidades em outros bairros. Sem perda de tempo, ele encarrega algumas pessoas da sua confiança para colocar em prática a sua idéia e, assim, ela não demora a se concretizar.

Aos poucos, o Projeto Circo Escola, como agora o denominamos, começa a chamar a atenção de outras grandes organizações e começamos a receber a visita de alguns empresários interessados em aprender conosco e levar esse projeto para outras cidades. Assim, o sonho do Doutor Henrique vai se expandindo cada vez mais, levando a um número cada vez maior de crianças, adolescentes e adultos, a oportunidade de descobrir os seus talentos e desenvolve-los de uma forma agradável.

Com o tempo, aqueles que estavam aprendendo vão se tornando os professores dos que vão chegando; alguns saem para levar seus talentos para o mundo, enquanto outros chegam, ainda sem saberem direito o que o seu coração deseja, na esperança de fazerem ali a sua grande descoberta... o que geralmente acontece, pela variedade de atividades que oferecemos e pelo clima de total liberdade e respeito que existe entre nós.

Pitágoras está cada vez mais feliz com o progresso dos seus alunos de matemática. Aqueles, que tinham dificuldades nessa matéria, agora estão indo muito bem e inclusive passaram a gostar dela, o que tem chamado a atenção dos seus professores. Como resultado, alguns educadores têm procurado o Pitágoras, interessados em aprender o seu método de ensino e levá-lo para as escolas. Mas a primeira coisa que eles aprendem é que o simples fato de ensinarem com amor e alegria já é meio caminho andado para serem bem sucedidos com as crianças. E que só pode ensinar com amor, aquele que está fazendo o que o seu coração realmente deseja.

Eu continuo contando histórias para a criançada e juntando material para novos livros infantis. Duas adolescentes extremamente simpáticas juntaram-se ao nosso grupo e estão contribuindo, cada vez mais, na criação desses contos, acrescentando-lhes uma boa dose de humor e alegria. As crianças divertem-se muito com elas, pois além de narrarem os casos tirados da sua imaginação super-fértil, elas também encenam essas histórias e animam a garotada a participar da encenação. Pelo jeito, em breve teremos um grupo de teatro infantil comandado pelas duas. E provavelmente logo, logo essas jovens poderão me substituir na autoria dos livros infantis – o que, diga-se de passagem, me dá muita alegria, pois meu coração anda me sinalizando que está chegando o momento de passar para uma outra atividade, que ainda não sei bem o que é...

Tenho pensado muito na reviravolta que ocorreu na minha vida, nestes poucos anos, de uma forma tão natural, sem nenhum tipo de trauma. Penso naquela Angélica que trabalhava com o Doutor Romualdo – uma funcionária exemplar, mas sempre tão tensa, tão cheia dos horários, das obrigações e com tão poucos prazeres e raríssimos amigos. E vejo-me hoje, fazendo o que eu amo fazer, do jeito que eu quero, sem nenhum estresse, no meio de pessoas com quem tenho grande afinidade, com um companheiro maravilhoso e querido, com recursos para fazer tudo que me der vontade... Agora, eu me pergunto:

- *“Como foi que tudo isso aconteceu? O que houve, que desencadeou todas essas mudanças, que hoje me permitem uma vida sossegada, confortável, independente, saudável e feliz?”*

- *“Você se libertou do medo!”* – ouço uma voz dentro de mim... a minha própria voz – *“Você enfrentou esse ‘monstro’, olhando-o bem de frente, no instante em que foi despedida... e novamente, quando teve que escolher entre trabalhar numa empresa sólida ou num circo mambembe, onde você nem sabia se ia ser remunerada ou não. E, ao olhar bem para o medo, você percebeu que ele não era um ser tão horroroso e terrível como parecia. Então, você sorriu para ele*

*e, assim, desarmou-o completamente e ele perdeu o poder de assombrar você.”*

Divirto-me, imaginando o medo como um monstro, meio humano meio animal, indo embora, com a cabeça baixa e o rabo entre as pernas, decepcionado por não ter conseguido me assustar. Chego até a ficar com pena dele... coitadinho!

Pergunto-me, então, o que me deu essa força? O que me deu o poder de encarar o medo e sair vitoriosa? E começo a desconfiar que isso tem alguma coisa a ver com estar “ligada” na vontade do coração. Sim, porque o coração é como o porta-voz do nosso Ser Divino. Isso quer dizer que ele só nos incita a fazer aquilo que é bom para nós... nunca o contrário! E se temos certeza de que estamos fazendo alguma coisa que é boa para nós, não precisamos ter medo. Além disso, sempre que seguimos os desejos puros do nosso coração, somos invadidos por uma alegria sem tamanho, uma alegria amorosa – talvez até divina, pois nos faz sentir amor por tudo e por todos! E, enquanto estamos nesse estado, é impossível sentir medo – o medo não tem nenhuma chance de nos atacar!

Penso nas palavras de Feliz, repetidas mais tarde por Olho de Tigre: *“A alegria é uma das manifestações do amor. E onde há amor não existe medo.”* Agora entendo perfeitamente o que eles queriam me dizer. Agora sei exatamente a que tipo de alegria eles estavam se referindo. Não é aquela alegria que a gente sente por alguma coisa boa que nos acontece, ou por alguma coisa muito bonita ou interessante que estamos vendo, e nem por estarmos com alguém de quem gostamos muito e que também gosta muito de nós. Não. Essa alegria de que eles estavam falando não depende de nenhum fator externo – ela está dentro de nós, ela é parte integrante do nosso ser e ela se manifesta em todas as situações do nosso dia-a-dia... se nós o permitirmos.

Isso é o que eu mais tenho feito ultimamente – permitir que a minha alegria interior se expresse o tempo todo! E isto está gerando uma grande mudança na minha vida. Não que ela tenha se transformado num mar de rosas, mas o que está acontecendo é que, mesmo quando surge um problema ou alguma coisa desagradável na minha vida, há algo dentro de mim que me dá forças para lidar com isso e resolver tudo da forma mais harmoniosa possível... sem medo, sem estresse, na certeza de que tudo faz parte do meu aprendizado e do meu crescimento, na confiança de que todas as soluções para todos os meus problemas estão dentro de mim mesma – é só lhes dar oportunidade para se manifestar.

Estou absorta nesses pensamentos, quando começo a me sentir envolvida por uma névoa cor-de-rosa. E aquele silêncio, já tão meu conhecido, começa a tomar conta de todo o ambiente. Uma profunda paz penetra todo o meu ser, enquanto me sinto embalada nos braços do próprio Amor. E então, eu a vejo, resplandecente e mais maravilhosa do que nunca – a minha amada Fada Madrinha!

- *“Sim, minha querida Angélica, você acaba de descobrir a verdadeira Alegria – o passaporte para a Terra do Sempre!”*

Ao ouvir essas palavras, ao invés de ficar exultante de felicidade, sinto uma espécie de vazio dentro de mim. Que coisa estranha... de repente, parece que me vejo num conflito interno. Durante tanto tempo ansiei por este momento mágico! Mas agora, que ele finalmente chegou, estou na dúvida se realmente desejo transpor o Portal da Terra do Sempre! Recorro, então, à compreensão da minha Fada Madrinha, pedindo-lhe que me fale um pouco sobre como é a vida “do lado de lá”. E ela pacientemente me explica:

- *“Minha querida, durante muito tempo a humanidade vem vivendo uma eterna corrida em direção a um futuro que nunca chega, porque estão todos sempre preocupados com o ‘dia de amanhã’ – e, naturalmente, o ‘dia de amanhã’ não pode ser o ‘dia de hoje’. O que eu quero lhe dizer, é que o presente sempre passa despercebido, porque a atenção das pessoas está voltada para o ‘amanhã’. A sua realidade está onde você coloca a sua atenção. Se a sua atenção está no futuro – ali está a sua realidade. Mas, se o futuro é sempre um tempo que está lá na frente, um tempo que ainda não chegou, então onde você está vivendo?”*

- *“Hmmm... Nunca pensei nisso... Ou melhor, já tive algumas conversas com Pitágoras e outros amigos sobre o Agora, mas nunca encaramos os fatos dessa forma. Não sei se estou entendendo bem o que você está querendo me dizer... mas parece que tem uma certa lógica. Já que*

*os nossos pensamentos criam a nossa realidade, quando programamos algo ‘para o futuro’ nós criamos esse algo ‘no futuro’, ou seja, num tempo que ainda não chegou e nunca vai chegar, porque o futuro está sempre ‘lá longe’.*”

- *“Exatamente! E enquanto você está se programando ‘para o futuro’, você está exposta aos mais diversos medos, porque fica imaginando toda uma enorme variedade de condições que podem se apresentar e estragar tudo, impedindo que você alcance o que você deseja. Então, você tenta lutar contra todas essas condições desfavoráveis, antes mesmo que elas se apresentem, criando um estresse totalmente desnecessário e... o que é pior!... dando força a elas, ou seja, os seus próprios pensamentos acabam criando as condições que você quer evitar.”*

Que coisa assustadora!!!

- *“Então, o que podemos fazer?”* – pergunto, mas antes que ela possa me responder, a resposta brota de dentro de mim mesma – *“Temos que começar a criar no presente... Será isso?”*

- *“Claro! Simples, não é?”*

Não me parece assim tão simples, mas acho melhor não contestar e aguardar o que mais ela tem a me dizer. Ela continua:

- *“A Terra do Sempre não é um lugar, mas um estado de consciência, onde você se mantém sempre no presente, vivenciando plenamente cada momento, sem a mais leve preocupação com o que já passou ou com o que está por vir. Nesse estado, você sabe que tudo vem no seu devido tempo, portanto não há com que se preocupar – é só confiar.”*

Começo a me identificar com o que a minha Fada Madrinha está falando, pois é mais ou menos assim que tenho vivido desde que fui despedida.

- *“Mas, como é que você consegue se manter nesse estado de total confiança?”* – ela me pergunta, para me fazer pensar.

Essa é fácil! Respondo imediatamente:

- *“Vivendo em sintonia com a vontade do meu coração! Fazendo só o que me dá prazer!”*

- *“Sim, porque então você está sempre na Alegria e, conseqüentemente, a salvo do medo, que é o que cria as barreiras que a impediriam de receber todas as bênçãos a que você tem direito, como um Ser Divino que você é!”*

- *“É por isso que o passaporte para a Terra do Sempre é a Alegria!”*

- *“Exatamente! Quando você está na Alegria, deixando-se governar pelo coração, tudo flui na sua vida e todas as suas necessidades são satisfeitas na hora em que se apresentam – nem antes, nem depois – sempre no momento certo, no momento presente.”*

Que interessante! Na verdade, já estou vivendo assim há algum tempo... A Fada Madrinha sorri, percebendo os meus pensamentos, e me fala carinhosamente:

- *“Sim, querida. Você já está na Terra do Sempre. Chegamos ao final daquela viagem que iniciamos no dia em que você foi despedida. Mas este fim é também um começo – o começo de uma nova vida, mais plena, mas consciente, mais confiante em si mesma e no seu poder de criar tudo o que o seu coração deseja. Mantenha-se sempre sintonizada com o seu coração e você verá os milagres acontecerem na sua vida, porque – como você mesma disse – ele é o porta-voz do seu Ser Divino e para um Ser Divino não existem limites.”*

De repente, sinto uma ligação mais estreita ainda com o meu coração e de novo me vem aquela sensação de que está na hora de começar uma nova atividade. Intuitivamente, pergunto-lhe o que é que ele deseja agora, e a resposta vem imediatamente, na forma de uma vontade imensa de começar a escrever para adultos.

- *“Então é isto!”* – penso em voz alta – *“Deixar os contos infantis e começar a escrever para adultos!.. Mas escrever o quê?! Não tenho a menor idéia do que eu poderia escrever para um adulto. Adultos são pessoas muito sérias... Como eu poderia tocá-los com as minhas histórias cheias de aspectos mágicos? Adultos não acreditam em nada disso. Vão me achar ridícula!”*

Minha Fada Madrinha sorri amorosamente:

- *“Cuidado para não dar um passo atrás, querida! Não se deixe tomar pelo medo. Lembre-se que, enquanto você estiver seguindo a orientação do seu coração, mesmo que seus conselhos pareçam não fazer nenhum sentido, tudo contribuirá para que as coisas dêem certo para você, isto*

*é, você atrairá tudo o que for necessário para que os seus desejos se realizem. Se o seu coração está lhe aconselhando a escrever para adultos agora, então, não há perigo nenhum nisso! Simplesmente siga a sua intuição e confie.”*

- *“Mas, não sei o que eu poderia escrever... nem como eu poderia prender o interesse de um adulto...”*

- *“Os ‘o que’ e ‘como’ são parte da estratégia do medo para enredá-la novamente. E se você se deixar agarrar por ele, a sua força de atração cairá drasticamente e a sua idéia nunca virá a se realizar. Concentre-se no seu coração. Pense apenas que ele está pedindo-lhe para escrever e mostre-lhe claramente que você está disposta a satisfazer o seu desejo.”*

Faço o que a minha Fada Madrinha me sugere e mentalmente coloco-me totalmente à disposição do meu coração. Sinto um imenso amor fluir por todo o meu ser, e uma alegria transbordante toma conta de mim.

Olho para a minha Fada Madrinha, como quem diz: *“E agora, o que eu faço?”*

Ela entende o meu olhar e responde:

- *“Simplesmente sente-se e escreva.”*

Sem a menor noção do que vou escrever, sento-me diante do computador, abro um novo arquivo, coloco as mãos sobre o teclado... E, então, como num passe de mágica, começo a digitar:

De repente, o silêncio toma conta de tudo... um silêncio profundo, absoluto. Tudo parece estar perfeitamente imóvel... acho que até o tempo parou!

Fico atenta... alguma coisa extraordinária está prestes a acontecer.

Então, tudo o que existe ao meu redor começa a desaparecer e vai lentamente sendo substituído por uma névoa rosada e fresca, que vai inundando todo o espaço onde me encontro – um espaço sem paredes, sem chão, sem teto... um espaço ilimitado. Estou agora flutuando nesse espaço cor-de-rosa, e sinto-me completamente envolvida e preenchida por essa névoa, que me acalenta como a mais amorosa das mães. Abandono-me em seus “braços”, entregando-me a uma sensação deliciosa de quietude, segurança e paz.

E assim permaneço, não sei por quanto tempo, até que ouço uma voz doce e harmoniosa, que me diz:

- *“Está na hora de despertar, querida!”*

- *“Ah, não! Agora não! Estou tendo um sonho tão gostoso!”*

- *“Não é deste sonho que estou lhe chamando para despertar... não é isso que estou querendo lhe dizer. Pode abrir os olhos, que você não vai perder o que você está chamando de sonho.”*

Meio desconfiada, abro os olhos devagar – primeiro um, depois o outro. E quase perco a respiração, diante da beleza e magnificência do ser que vejo à minha frente! É um ser cristalino, todo vestido de luz... ou melhor, o próprio ser parece feito de luz – uma luz tão brilhante, que mal dá para distinguir os traços da sua face!

Não consigo definir se é um homem ou uma mulher, mas imediatamente me lembro das histórias que ouvi na minha infância e, entregando-me completamente à magia dessa lembrança, concluo:- *“É a minha Fada Madrinha! Só pode ser a minha Fada Madrinha!...”*

Meu coração está aos pulos, de tanta felicidade! Olho amorosamente para a minha querida Fada Madrinha e, pela primeira vez, começo a distinguir os traços da sua face. Quanto mais fixo o meu olhar em seu rosto sorridente, mais esses traços vão se definindo e mais maravilhada eu vou ficando... É incrível!!! Ela se parece demais comigo!!!

- *“Minha querida Angélica. Você não acha natural que eu me pareça com você? Não poderia ser de outra forma, pois, na verdade, somos o reflexo uma da outra. Nós nos dividimos, por assim dizer, para podermos vivenciar a dualidade neste planeta, mas nunca deixamos de ser um Ser Único e Divino. Por algum tempo, estivemos aparentemente distantes uma da outra, cada uma voltada para interesses diferentes. Mas, aos poucos, fomos nos reaproximando e hoje, tenho certeza, podemos dizer que estamos totalmente integradas – na mente, no coração e também no corpo físico. E eu estou muito feliz com isso... como você pode sentir... como nós estamos*

*sentindo!”*

E dizendo isso, aproxima-se mais de mim... e mais... e mais... até integrar o seu corpo com o meu. Sinto a sua luz penetrar em todo o meu ser e transformar o meu corpo num corpo de luz.

- *“Será que morri?”* – pergunto-me sem o menor medo, totalmente em paz.

E então ouço a minha própria voz respondendo:

- *“Continuo viva. Continuo sendo um anjo na Terra, mas agora totalmente consciente da minha identidade e do meu poder, pronta para ajudar outros anjos a despertarem, que, por sua vez, ajudarão outros e mais outros, para juntos restabelecemos o Paraíso na Terra.”*

© Vera Corrêa

[veracorrea46@ig.com.br](mailto:veracorrea46@ig.com.br)